



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO
AMBIENTE (PRODEMA-UFC)**

BRUNA DAYANE XAVIER DE ARAÚJO

**RAÍZES DA CURA:
OS SABERES E AS EXPERIÊNCIAS DOS USOS DE PLANTAS MEDICINAIS
PELAS MEIZINHEIRAS DO CARIRI CEARENSE**

FORTALEZA

2016

BRUNA DAYANE XAVIER DE ARAÚJO

**RAÍZES DA CURA:
OS SABERES E AS EXPERIÊNCIAS DOS USOS DE PLANTAS MEDICINAIS
PELAS MEIZINHEIRAS DO CARIRI CEARENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema-UFC), como requisito parcial para a aquisição do título de Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente.
Orientador: Prof. Drº. José Levi Furtado Sampaio.

Área de concentração: Movimentos sociais e povos do campo.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- A687r Araújo, Bruna Dayane Xavier de.
Raízes da cura : os saberes e as experiências dos usos de plantas medicinais pelas Meizinheiras do Cariri cearense / Bruna Dayane Xavier de Araújo. – 2016.
164 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Me. José Levi Furtado Sampaio.
1. Plantas Medicinais. 2. Território. 3. Saber popular. 4. Memória. 5. Saúde Popular. I. Título.
CDD 333.7
-

BRUNA DAYANE XAVIER DE ARAÚJO

RAÍZES DA CURA: OS SABERES E AS EXPERIÊNCIAS DOS USOS DE
PLANTAS PELAS MEIZINHEIRAS DO CARIRI CEARENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Desenvolvimento e Meio Ambiente – ProdeMA – UFC. Em 29/04/2016 da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Área de concentração: Movimentos sociais e povos do campo.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Levi Furtado Sampaio (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Prof. Dr^ª. Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia de Azevedo Dantas
Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza (SMS)

Prof. Dr. José Arimatea Barros Bezerra
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedicatória

À Sandra e Vânia que representam a força da minha
ancestralidade feminina.

À Rina, Auxiliadora, Penha e Iraci, por darem continuidade ao
fluxo milenar de conexão entre as mulheres e as ervas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo, à energia cósmica que nos guia e nos orienta. A esse sopro divino que está em cada partícula e em cada ser do nosso ambiente planetário.

Agradeço à minha mãe Sandra e a minha tia-mãe Vânia, por toda fortaleza que vocês representam para mim. Mulheres batalhadoras que, em meio as dificuldades, souberam criar bem os filhos. Muito obrigada. Tudo faz mais sentido quando conseguimos compreender os caminhos ramificados de nossas ancestralidades. Sei que carrego dentro de mim a força e o amor que vocês duas possuem. O que quer que eu faça, tenho vocês em minha mente e no meu coração.

Agradeço a minha família, pela companhia e por me apoiar nas minhas escolhas. Ao meu pai George e ao meu tio-pai Francisco. Aos meus irmão Edson Filho e Janaina.

Ao Saulo, por trazer tantas inspirações para este estudo e em minha vida. Por constantemente me mostra o quanto é divertido e prazeroso compartilhar sonhos, livros, filmes, fotografias, risos e carinhos. Gratidão pelo companheirismo. Sem você, esse dois anos, não teriam o mesmo encanto.

Aos meus amigos Renata, Mikaely, Fabiano, Ivana, Jairo, Mônica e minha prima Débora, por terem contribuindo na pesquisa. À Bianca e ao Phelipe, com os quais compartilhei por nove meses - no período do mestrado - o mesmo lar. Socializamos também sonhos e opiniões sobre educação, arte e trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, por compartilharem dessa fase de muitas reflexões e amadurecimento: Saori, Iana, Diego, Ligia e Renata Catarina. Sou muito feliz pela nossa escolha interdisciplinar e pela oportunidade de conhecer pessoas de diversas áreas que contribuíram bastante na minha formação.

Aos integrantes do grupo de terapia DIS, à minha querida guru Mary Campos, às minhas amigas Dryelle, Micheline, Estela, Heloisa e Acácia, pelo carinho, partilhas nestes dois anos de companheirismo e jornada pelo autoconhecimento, vivências de constelação, reiki e biodança. Continuamos seguindo com passos fimes em nossas caminhadas.

Meu percurso na área ambiental começou antes do mestrado e até mesmo antes da graduação em Geografia. Iniciou quando, ainda no ensino médio, comecei a trabalhar no distrito de Meio Ambiente, SER I - Prefeitura de Fortaleza. Eu serei sempre grata a minha ex- chefe Ana Lúcia, ao estagiário Fernando Henrique, aos engenheiros

Ivan e Marcos e à auxiliar administrativa Ana Forte. No total, foram quase cinco anos de convivência. Nossas discussões e trabalhos referentes ao meio ambiente e o apoio de vocês foram imprecidíveis para que eu ingressasse no curso de Geografia. Vocês me sensibilizaram para o valor desse tema e me ensinaram que devemos trabalhar de forma sempre comprometida. Vocês foram meu ponto de partida.

Na Geografia, tive a oportunidade de trabalhar em diversos contextos que fomentaram meu saber na área, especialmente quando realizei a pesquisa de iniciação científica na Escola Família Agrícola Dom Fragoso e aprendi sobre agroecologia, educação do campo e convivência com o semiárido. Aos educandos e educadores da EFA eu serei sempre muito grata, tenho-os como referência e inspiração no meu caminhar entre a pesquisa e o ensino.

Ao núcleo de pesquisa Tramas, que tive a oportunidade de participar. Os estudos sobre os impactos dos agrotóxicos para saúde e, como contrapartida, a agroecologia, me trouxeram fecundo alicerce para compreender a conjuntura do espaço agrário e o debate epistemológico de Ciência construída no território. Gratidão!

Ao curso de Realização em Audiovisual da Vila das Artes. Em muitos momentos foi difícil conciliar o mestrado e o curso. Com o tempo fui percebendo que a Vila, assim como pesquisar imagem, arte e alteridade, tornou-me mais sensível, e isso era visível no meu trabalho acadêmico. Esse processo me fez aprender o quanto é sutil e rico a arte de captar imagens e encontros. À Vila das Artes e a todos amigos que construí nesse processo, que muitas vezes me ajudaram a superar momentos de angústia e inquietações, muitíssima obrigada. Levo esse olhar e a conexão entre arte e ciência para onde eu for daqui para frente.

Agradeço as contribuições do meu professor-orientador, Levi Sampaio, que entre suas virtudes possui a facilidade de cativar as pessoas por onde passa, criando laços sinceros de amizade, especialmente devido à forma generosa de como se relaciona com o próximo. Mostrou-me que a maior riqueza que um pesquisador pode ter é a sensibilidade, e ainda me surpreendeu com suas produções poéticas. Tenho grande admiração por você, professor, desde os tempos áureos da graduação.

Agradeço ao professor Francisco Amaro, com que tive a oportunidade de realizar o estágio-docência na disciplina Geografia Agrária, que contribuiu proficuamente no meu processo de formação, fazendo-me reafirmar meus compromissos sociais com os povos do campo. À professora Maria do Céu, que leu meus primeiros tímidos escritos e participou da banca de qualificação, sempre sendo bastante atenciosa

e trazendo contribuições pertinentes. Aos professores José Arimatea, Vera Dantas e Gema Galgani pelas contribuições, atenção, por trazerem delicadeza, simplicidade e embarcarem comigo nesse aprenizado sobre plantas medicinais. Professores estes suprecitados tão importantes por terem um lindo compromisso social dentro da Academia.

Agradeço à Cáritas Diocesana do Crato, por me acolher e contribuir na pesquisa. À Maria Aparecida e ao seu filho Guilherme (apreciador de revistinhas em quadrinhos e massinhas de modelar), por me receberem em sua casa no período de campo, fazendo-me sentir tão acolhida, sendo o meu lar (provisório) caririense. Ao casal Ivânio e Ariane, por cederem seu espaço de forma tão bonita.

Agradeço ao Manoel Leandro, por ser um grande parceiro nessa empreitada, por estar sempre apto a me recepcionar quando precisei ir ao Crato. Especialmente, por juntos ainda compartilhamos poemas de seu xará Manoel de Barros. Essa pesquisa tem muito de você, Manoel.

Agradeço à comunidade Chico Gomes e ao grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*, por aceitarem que eu realizasse minha pesquisa sobre suas atividades. Dona Rina, Dona Penha, Dona Iraci e Dona Auxiliadora, gratidão. Eu aprendi muito com cada uma de vocês a estar mais aberta para aprender com a natureza, pois ela está o tempo todo nos ensinando algo. Sei que nossa força feminina e nossa conexão com as ervas vem de outrora, algo relacionado com o mistério e a magia do universo, capaz de ser apreendido apenas através do sentir. Esse trabalho é sobre e para vocês, meninas. Lembrei-me da música de Gonzaguinha e de como é bonito o ato de agradecer e ver que tanta gente contribuiu para florir o meu caminho e para construir um trabalho tecido coletivamente:

[...] E aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar. É tão bonito quando a gente pisa firme nessas linhas que estão nas palmas de nossas mãos. É tão bonito quando a gente vai à vida nos caminhos onde bate, bem mais forte o coração. E aprendi... (Gonzaguinha).

*Ô dona, senhora rezadeira!
Ô dona, senhora curandeira!
Por ti senhora canta hoje o coração, batendo por
teu dom das palmas da tua mão.
Sabe os segredos das plantas que cura o filho
doente,
Com flores, folhas, cascas, raízes e sementes.
Sabe os segredos das plantas que faz saudável essa
gente, com banho de ervas santas, limpando o corpo e a
mente.
Ô dona, senhora rezadeira! Ô dona, senhora
curandeira!
Tem mistérios nas palavras, das rezas dos
ancestrais, que vem da flor do jardim dos seres
elementais.*

(Música: Senhora Rezadeira, Martônio Holanda).

RESUMO

A presente pesquisa debruçou-se sobre as práticas de saúde e de cuidado realizadas no território do Cariri cearense, região de chapada e vale que acolhe a Floresta Nacional do Araripe, de vasta biodiversidade de flora e fauna e que possui particularidades em relação à construção de saberes gestados na confluência de matrizes indígenas, europeias e africanas. Este estudo analisou as estratégias das práticas de saúde desenvolvidas pelo grupo de mulheres *Meizinheiras do Pé da Serra*, localizado na comunidade Chico Gomes, Crato, município pertencente à região do Cariri cearense. As meizinheiras materializam os saberes sobre plantas medicinais e realizam uma alquimia de remédios caseiros, os quais são utilizados no cuidado de seus corpos, de suas famílias e da comunidade. Desse modo, nas atividades cotidianas, elas reconstróem um saber que vem sendo repassado por gerações ao longo do tempo. Para a análise desse processo foi realizado levantamento bibliográfico, pesquisa documental e trabalho de campo, por meio de registros fotográficos, de áudio, vídeo e entrevistas que tiveram o intuito de captar narrativas de vida e participação nas atividades no cotidiano do grupo. A partir da imersão nesses processos, foi possível compreender a experiência do cultivo e uso de plantas que curam e de que maneiras isso reverbera na vida das participantes. As categorias analíticas que perpassam a pesquisa são: Território, Saúde e Memória. O território material e imaterial ecoa na vida dessas pessoas, ao mesmo tempo em que elas imprimem suas marcas no território, compondo o cenário do mesmo. Essas mulheres constroem uma concepção integrativa de saúde que acolhe as dimensões física, emocional, espiritual e social. Elaboram alternativas terapêuticas à biomedicina, que nem sempre atende às demandas de saúde local. Os saberes de que são portadoras apresentam-se como emblema da memória individual e coletiva e, sobretudo, dos conhecimentos populares locais. Os encontros do grupo fortalecem uma consciência política, cultural e ambiental, gerando empoderamento diante das relações vivenciadas no espaço, especialmente em seus contextos de mulheres agricultoras, e ampliam as concepções de mundo delas. Contudo, para criarem raízes mais profundas é preciso um diálogo efetivo com os jovens, a fim de que eles deem continuidade à transmissão desses legados; uma aproximação com o sistema oficial de saúde e o fortalecimento dos encontros das meizinheiras do Chico Gomes com as demais meizinheiras da região, para que juntas construam uma rede que viabilize os debates e reflexões, aperfeiçoando os saberes e processos de difusão, tornando, assim, as práticas tradicionais de saúde cada vez mais atuais.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Território. Memória. Saber popular. Saúde popular.

ABSTRACT

The present research takes course through cure practices that were performed in the territory of the Cariri, of Ceará state. A zone of clearing and valley that welcomes the Araripe National Forest of a wide biodiversity of flora and fauna and that possesses particularities for the construction of therapeutic knowledge created in the confluence of indigenous, European and African matrices. This study seeks to know the strategies in reference of health practices developed by the group of the women, Meizinheiras do pé da serra, located in Chico Gomes' community in Crato, county that belongs to the region of the cearense Cariri. The Meizinheiras materialize the knowledge on healing plants and accomplish an alchemy of homemade medicines which are used in the care of their bodies, their families and the community. This way, in everyday activities they reconstruct a knowledge that has been passed through generations over the years. For the analysis of this process is proposed a qualitative research conducted in fieldwork in which were realized photographic, audio and video records, and also interviews that had the intention of collecting the narratives of the lives of the group and the participation in their daily activities. From the immersion on these processes and reflections, it was possible to comprehend the experience on the cultivation and use of healing plants and in which ways that reverberates in the lives of the participants. The analytical categories that run through the research are: territory, health and memory. The material and immaterial territory echoes in the life of these people, at the same time that they imprint their marks in the territory composing the scenery of it. These women construct a conception of health from the confluence of physical, emotional and spiritual dimensions. They elaborate therapeutic alternatives to biomedicine which is not always available to attend the demand of the local health. This way, to understand the processes through which these particular conceptions of health are elaborated by the meizinheiras, they present to us a definitive element for a reflection about the intimate relation they establish with the territory. The therapeutic knowledge which they carry presents themselves as a symbol of individual and collective memory and mainly of the local popular knowledge, that is gathered and passed on from generation to generation. The encounters of the group strengthen a political, cultural and environmental conscience generating empowerment against the lived relations in the space, especially in their context of farmer women, and amplify the conceptions of their world. However in order to create deeper roots is needed a more effective dialog with the young people, for them to carry on the propagation of these legacies; an approach to the health system and the strength of the meetings of Chico Gomes' meizinheiras with others meizinheiras from the region, so that together they construct a network that enables debates and reflections, perfecting the knowledge and processes of diffusion, therefore making more contemporary the traditional practices of health.

Keywords: Medicinal Plants. Territory. Memory. Popular Knowledge. Popular Health.

LISTA DE ABREVIACOES

ACB – Associação de Base Cristã

ANA – Articulação Nacional de Agroecologia

CPT – Comissão Pastoral da Terra

ENA – Encontro Nacional de Agroecologia

IPECE – Instituto de Pesquisa Econmica do Ceará

FLONA – ARARIPE – Floresta Nacional do Araripe.

PNPMF - Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos

PNPIC- SUS - Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares no SUS

PNEPS – SUS- Política Nacional de Educao Popular em Saúde no Sistema nico de Saúde.

PNSPCF - Política Nacional de Saúde das Populaoes do Campo e da Floresta.

PRODEMA – Programa de Pós-Graduao em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

SUS – Sistema nico de Saúde.

UFC – Universidade Federal do Ceará.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Fluxograma com os pontos chave da pesquisa.	29
Figura 02 — Produtos que compõem as práticas de mezinhas.....	37
Figura 03- Ilustração desenvolvida no III ENA – Uso de plantas medicinais.....	50
Figura 04 – Dona Rina.....	65
Figura 05 - Dona Rina cozinhando.	66
Figura 06 - Netos de Dona Rina brincando no terreiro.....	67
Figura: 07 - Dona Iraci.	69
Figura 08- Senhor Otacílio.....	70
Figura 09- Dona Penha.....	71
Figura 10- Símbolos religiosos – Casa de Dona Penha.	72
Figura 11 – Dona Penha e a nora Vera colhendo ervas.....	73
Figura 12 – Dona Auxiliadora.....	74
Figura 13. Vista da casa de Auxiliadora.....	75
Figura 14 - Auxiliadora relatando sua história de vida através de seu caderno.....	76
Figura 15 – Senhor Xavier, o raizeiro da Comunidade.....	84
Figura 16 - Senhor Raimundo, vendedor de ervas – Mercado do Crato.	90
Figura 17- Um dos primeiros encontros das Meizinheiras, local espaço da Cáritas ...	92
Figura 18 - Oficina de extração de essência. Terreiro de Dona Rina.....	95
Figuras 19 -. Oficina de armazenamento de xaropes nas embalagens.....	95
Figuras 20 -. Oficina de armazenamento de xaropes nas embalagens.....	95
Figura 21 -. Produto Final da oficina. Sabão de aproveitamento e lambedor.....	96
Figura 22-. Intercambio de saberes, encontro na casa de Sr. Juvenal- Batateiras	97
Figura 23. Encontro das Meizinheiras. Local: terreiro de Dona Iraci.....	98
Figuras 24 - Meizinheiras Dona Auxiliadora e Dona Penha na mandala.	100
Figuras 25 - Meizinheiras Dona Auxiliadora e Dona Penha na mandala.	100
Figura 27- Dona Rina e sua neta Flora na horta.....	103
Figura 28. Dona Iraci e suas cascas de aroeira.....	110
Figura 29- Dona Rina apresentando seu xarope.....	115
Figura 30. Óleo de Macaúba e Garrafada.	119
Figura 31- Dona Auxiliadora produzindo lambedor.	120
Figura 32. Dona Auxiliadora e seus elementos religiosos.	123
Figura 33. Encontro das Meizinheiras – Quintal de Dona Iraci.....	131

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. As plantas medicinais utilizadas pelas Mezinheiras do pé da serra e as indicações terapêuticas.....	85
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Estatística das crenças dos moradores da região do Araripe em remédios caseiros.	59
Quadro 02. Doenças que são geralmente que são tratadas pelas plantas medicinais pelos moradores da região do Araripe.....	59
Quadro 03. Definição mezinhas – mezinheiras.....	78

LISTA DE MAPAS

Mapa 01. Localização da comunidade Chico Gomes. Crato.....	31
Mapa 02. Mapa altimétrico – Localização da comunidade Chico Gomes e a Chapada do Araripe.....	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CONSTRUÍDO O SABER E ARTE DE PESQUISAR: AS EXPERIÊNCIAS SOBRE OS CONHECIMENTOS DE SAÚDE POPULAR	24
3 AS ERVAS MEDICINAIS: SABERES, USOS E PERCURSOS.....	41
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS.....	42
3.2 A INFLUÊNCIA DAS MATRIZES INDÍGENAS, AFRICANAS E EUROPEIAS NAS PRÁTICAS DE CURA NO BRASIL.	44
3.3 PRÁTICAS DE CURA POPULAR CONTEMPORÂNEAS, CONFLUÊNCIAS DE SABERES.....	48
4 AS MEIZINHEIRAS DO CARIRI E AS EXPERIÊNCIAS COM USO DE PLANTAS MEDICINAIS.	58
4.1 APRESENTAÇÃO DAS MEIZINHEIRAS, O COTIDIANO DA COMUNIDADE E RELAÇÃO COM A NATUREZA	65
4.2 O DESENVOLVER DA HISTÓRIA – LINHA DO TEMPO DO GRUPO DAS MEIZINHEIRAS DO PÉ DA SERRA	94
5 TERRITÓRIO, MEMÓRIA E SAÚDE NAS PRÁTICAS DE MEIZINHAS	108
5.1 UM TERRITÓRIO ENRAIZANDO: AS MEIZINHEIRAS E SUAS TERRITORIALIDADES.....	109
5.2 O ENTRELAÇAR DO TEMPO – A MEMÓRIA CONSTITUINDO O PRESENTE.....	116
5.3 AFINAL, O QUE É SAÚDE SE NÃO FELICIDADE?!.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICE - 01 – ROTEIRO DE ENTREVISTAS – TRABALHO DE CAMPO.	152
APÊNDICE – 02 – GLOSSÁRIO	157
ANEXO 01 – NOTÍCIAS SOBRE AS MEIZINHEIRAS.....	158
ANEXO 02- CARTILHA E DVD PRODUZIDO PELA CÁRITAS SOBRE AS MEIZINHEIRAS.....	162

1 INTRODUÇÃO

O uso de chás, banhos, infusões e outros produtos provenientes de plantas medicinais é algo que faz parte da história de diversas organizações sociais. Insere-se na construção de universo imaginativo–místico que permeou a relação sociedade–ambiente em diversas épocas. Traduz os caminhos das sociedades em busca de bem-estar e saúde; revela as formas de recorrer a elementos naturais para algum tipo de alívio e/ou cura. A utilização de plantas medicinais contribuiu para construção de saberes ambientais e territoriais que carregam conhecimentos de ancestralidade, como através da confluência das matrizes étnicas indígenas, africanas e europeias que compõem as bases do povo brasileiro. O canal de transmissão destes conhecimentos foi, especialmente, a oralidade.

Independentemente do espaço em que estejamos, seja no campo ou na cidade, essas práticas permanecem e estão presentes nas ações cotidianas. Mesmo com os avanços da biomedicina e do desenvolvimento da indústria farmacêutica, ainda há demandas por propriedades *in natura* para fins terapêuticos. Essas práticas estão mais próximas, especialmente, das classes populares, em uma linguagem mais familiar, embora atualmente venham ganhando adeptos de outros segmentos da população.

O presente estudo envereda-se pelas práticas de uso de plantas medicinais, desvelando os saberes terapêuticos desenvolvidos pelo grupo de mulheres *Meizinheiras do Pé da Serra*, situado na comunidade Chico Gomes, localizada a oito quilômetros da sede do município de Crato, região do Cariri, ao sul do Ceará.

O termo meizinha é bastante utilizado no Cariri e em outras regiões do Nordeste brasileiro. Contudo, possui pouca notoriedade no espaço acadêmico. Este trabalho torna-se um espaço para difundir esse termo de relevante significado no universo de cura popular. A expressão *meizinhas*, tendo como origem etimológica o latim, significa medicamentos. São remédios caseiros de simples manipulação e de efeito imediato, cuja base são produtos originados de plantas medicinais ou outros elementos de origem animal e mineral de fácil acesso. As *meizinheiras* são as guardiãs das receitas destes preparos caseiros. Elas aplicam e repassam cotidianamente esses conhecimentos. As agricultoras pesquisadas, por exemplo, carregam consigo receitas para diversos males e prevenção de doenças. Realizam uma alquimia de produtos naturais. Produzem lambedores, chás, banhos, infusões, unguentos, garrafadas e sabonetes, além de usar folhas para benzeduras. As integrantes compartilham entre si os

saberes e produzem coletivamente os medicamentos caseiros.

Nesse contexto, a investigação procurou responder a algumas perguntas de partida, que surgiram e motivaram o estudo. Por exemplo, como essas práticas tradicionais se (re) constroem e se (re) orientam dentro das mudanças e das dinâmicas de vida na atualidade? Como essas experiências de sociabilidade emergem e constroem ramificações nos âmbitos da cultura, do território, da memória e da saúde?

Existem várias maneiras de se referir a essas práticas populares que utilizam propriedades da natureza: medicina popular, medicina do povo, medicina rústica, medicina tradicional, entre outras. Muitas vezes, essas práticas também são associadas ou fazem um paralelo à medicina alternativa. Contudo, fiz a escolha de utilizar os termos *saúde popular* e *práticas de cuidado* por compreender que abrangem de forma mais completa as experiências existentes no local estudado e se aproximam mais de como os sujeitos da pesquisa concebem as atividades. Além disso, esses termos fazem parte das áreas que discute as experiências tradicionais de relação sociedade-natureza-saúde, sendo importante citá-las.

Porém, é importante destacar que, neste trabalho, o termo medicina associado a um adjetivo poderia soar como uma comparação com a medicina hegemônica (biomedicina), não sendo objetivo, aqui, fazer uma comparação entre as medicinas existentes. Há um debate e reflexão sobre ambas neste trabalho, mas utilizar com mais frequência o termo medicina popular, por exemplo, poderia colocá-la subsidiária da outra, uma vez que as práticas populares de saúde vão para além de ser um acessório ou de existir em referência ao sistema de saúde oficial. Elas são práticas espontâneas e singulares que reexistem e se reconstróem nas culturas e nas mudanças atuais. Não as coloco como um termo semelhante a medicina, e sim como um conjunto de práticas que expressa sobre saúde, cultura e cotidiano. Friso que mais importante do que o termo apropriado é a reflexão sobre essas experiências.

Essas práticas populares de saúde constroem laços de solidariedade, responsabilidade social e pertencimentos culturais que permanecem, resistem à homogeneidade das investidas dos processos culturais globalizados. Esses, na atualidade, são destruidores das formas das organizações comunitárias, territorializadas e presentes em diversas localidades do mundo. As ações de resistência que surgem nesses contextos são decorrentes da coesão, da liga e da interrelação entre os corpos sociais que se interconectam para continuarem reexistindo.

O percurso trilhado para o desenvolvimento dessa pesquisa consistiu em:

revisão bibliográfica, pesquisa documental e trabalho de campo. Nas vivências em campo, participei das atividades do grupo pesquisado, realizei registros fotográficos e entrevistas com as integrantes do grupo e com os demais interlocutores identificados *in loco*.

Nota-se que os estudos acadêmicos sobre plantas medicinais se concentram mais na descrição taxonômica e nas propriedades químicas. Há poucas investigações sobre a relação dos sujeitos sociais com as plantas medicinais, tendo como questão os significados desses atributos naturais no cotidiano. Outros problematizam quais as formas de apropriações e os porquês dessas práticas persistirem no tempo e espaço. As pesquisas que existem sobre plantas medicinais e as práticas de sociabilidades estão mais concentradas na acepção dessas práticas no universo religioso. Vasconcelos (2006), por exemplo, traz o debate sobre as religiões afro-brasileiras que utilizam as ervas em rituais com a finalidade de curas espiritual e física.

Além disso, por mais que a gênese das práticas de cuidado seja o espaço agrário, as pesquisas se encontram majoritariamente empenhadas em perceber esses fenômenos no ambiente urbano, como a pesquisa de Alexandre (2006), que realizou estudo sobre práticas híbridas de uso medicinal no morro da Conceição, em Recife. Contudo, saliento que os saberes sobre o uso de plantas medicinais, repassados através da oralidade, são transmitidos há muito tempo no espaço rural. Assim, existe vasto campo para se aprofundar nas discussões referentes à experiência das pessoas e ao envolvimento no universo das práticas de saúde de caráter popular no espaço agrário.

Na conjuntura atual, o debate sobre práticas populares de saúde vem ganhando força a partir das demandas dos movimentos sociais e das lutas diárias. Assim, tem sido possível conquistar espaços e valorização através de políticas públicas que dialogam com o tema, como a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF, 2006); a Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares no SUS (PNPIC-SUS, 2006); a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS-SUS, 2012); e a Política Nacional de Saúde das Populações do Campo e da Floresta (PNSPCF, 2013). Existe, no Brasil, uma gama considerável de políticas recentes que são conquistas populares e têm o intuito de fomentar esses usos terapêuticos de plantas medicinais. É nesse contexto que surge a necessidade de mais reflexões, estudos científicos e debates com a sociedade civil sobre essas possibilidades de usos das plantas como recursos terapêuticos e das experiências daí derivadas.

Deste modo, esse trabalho visa contribuir com o debate sobre as práticas de

saúde popular que privilegiem uma concepção pluralista e os modos de vida das populações do campo, cooperando para a autonomia e o bem viver no espaço agrário. Propomos, aqui, uma reflexão sobre a importância da valorização dos conhecimentos populares, propiciando debates sobre aproximação de políticas de saúde e atividades historicamente existentes, permeando os temas saúde, cultura, território e meio ambiente. Além disso, intento contribuir para o diálogo entre profissionais de saúde e moradores do campo, na perspectiva de respeito e visibilidade em relação aos modos de vida e à cultura local.

Esta pesquisa tem como alicerce a ciência geográfica, sendo um estudo que se insere na análise da realidade da conjuntura do espaço agrário, dos processos territoriais e das dinâmicas que estão presentes nos produtos que compõem a vida dos camponeses. Contudo, conduzi a pesquisa a partir de uma dimensão interdisciplinar, através de dois aspectos fundamentais.

O primeiro aspecto diz respeito a uma aproximação entre o saber científico e o saber popular local. Proponho o entrelaçamento entre o debate teórico sobre plantas medicinais e as narrativas sobre as experiências das pessoas que constroem os discursos a partir do que é vivido no cotidiano. O segundo ponto foi a conexão entre diversos campos, tendo a Geografia como ponto de partida. Assim, percorri as áreas da Antropologia, Sociologia, História e Saúde.

A ciência, assim como a sociedade, precisa se emancipar e romper com o pensamento colonizador que a limita. Um dos caminhos possíveis é sair das caixinhas engessadas e se permitir o intercâmbio com a pluralidade da vida. Nesse sentido, o pensamento epistemológico que permeia esse estudo foi a “escuta” do território e o cruzamento com diversas “lentes” de compreensão de mundo.

Dentro desse contexto, considero importante explanar sobre o processo que me levou à realização desta pesquisa. Desde o início do mestrado, eu tinha a intenção de pesquisar as relações sociais no espaço agrário; estudar sobre a subjetividade e o que é vivido no campo; investigar o mundo rural como um espaço de vida, de particularidades e referência identitárias. Baseie-me, para isso, em Wanderley (2009), que pontua que a complexidade da vida local das coletividades rurais é *lócus* de culturas, cuja reprodução é necessária para dinamização técnica-econômica, ambiental e social deste espaço. A ideia inicial era investigar a produção de alimentos e os hábitos alimentares, levando em consideração os âmbitos simbólico, cultural e afetivo.

Porém, o rumo da pesquisa mudou a partir da minha participação no III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), realizado pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), na cidade de Juazeiro (BA) em 2014. Neste encontro foram discutidas as experiências de “farmácias vivas” nos quintais produtivos dos agricultores, a contribuição das plantas para soberania alimentar e a conservação da agrobiodiversidade. Houve relatos sensíveis e tocantes sobre a relação dos agricultores com as plantas medicinais de vários biomas do Brasil. Eles narraram sobre resistência, existência, pessoas e lugares. Essas reflexões foram fundamentais para eu mudar o tema de estudo, tornando-se o ponto de partida que me despertou o interesse por esse tema de pesquisa.

Em paralelo ao mestrado, realizei um curso de extensão de audiovisual na instituição Vila das Artes.¹ Neste curso desenvolvi uma pesquisa e um documentário intitulado *Ruralidades*², que ilustra um percurso por Fortaleza, captando diversas experiências cotidianas relacionadas às práticas de cura através do uso de plantas medicinais. No curta-metragem, foram entrevistados um vendedor e fabricante de garrafadas do Mercado São Sebastião, uma agricultora urbana e uma rezadeira. Ao longo destes dois anos, expandi o meu conhecimento sobre o uso medicinal das plantas em duas realidades distintas: o campo e a cidade.

Os usos das plantas vinculam-se aos aspectos sensoriais, de textura, cheiro, sabor e estética. Exprime sobre as populações do campo e da cidade. As plantas medicinais nos proporcionam uma verdadeira experiência sinestésica não apenas no que diz respeito à promoção da saúde por elas fomentadas, mas também à experiência estético-sensorial. As plantas aguçam nossos sentidos, ao se confrontarem com a plasticidade de elementos tecnológicos e modernos atuais. Além disso, são, ao mesmo tempo, alimento e remédio. Na conjuntura agrária, estão inseridas nos pilares da

¹Equipamento público vinculado à Secretaria Municipal de Cultura de Fortaleza. A criação da Vila das Artes se deu a partir da ocupação de uma casa histórica no centro de Fortaleza, pertencente à Prefeitura, por diversos artistas. Estes reivindicavam um espaço de formação cultural público e gratuito. Essa conquista foi concretizada no ano de 2006. A Vila das Artes é um espaço de formação, difusão e produção em diferentes linguagens artísticas. Compreende a arte como elemento estético e político e propõe um diálogo com a cidade e o cinema como forma de experienciar o espaço urbano da capital cearense. Entre os cursos de formação que a instituição possui está o de Realização em Audiovisual, com duração de dois anos.

²Sinopse do filme *Ruralidades*: “A rua, o terreiro, a horta. No trânsito, pelo espaço urbano, as plantas, nas suas pluralidades ancestrais, se misturam na busca pela cura do corpo e da alma. Pessoas, bichos e lugares se revigoram na manifestação da tradição, na presença encantada do natural. *Ruralidades* é um filme que adentra no universo dos saberes e práticas de cura popular, na raiz do urbano que ainda exala o rural”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l6MEVMAHu2M> .

agroecologia. Compreendendo a relevância de pesquisar sobre práticas de saúde popular, visto a redefinição do tema da minha pesquisa, surgia o desafio de verificar como isso acontece no Ceará.

A manipulação de plantas medicinais para transformá-las em remédios caseiros acontece de modo frequente em diversos lugares do estado. No entanto, não existe uma rede que ligue essas atividades. As experiências de práticas tradicionais são pontos significativos, porém ainda de pequena visibilidade institucional, dentro da lógica de saúde “formal” existente. Como diria Didi-Huberman (2014) em *A Sobrevivência dos Vaga-lumes*, discorrendo sobre processos de resistências vinculados às culturas populares, essas expressões tornam-se pontinhos luminosos em meios aos holofotes de outras possibilidades existentes.

O primeiro contato que tive com um grupo que trabalha com plantas medicinais no Ceará foi no município de Tauá, por meio da Comissão Pastoral da Terra (CPT).³ Desta forma, conheci práticas que existem na sede deste município e nos distritos e observei o trabalho de pessoas que possuem uma microempresa de produtos medicinais, uma rica experiência de manipulação, armazenamento e venda. No entanto, ainda não se aproximava do que buscava, pois a forma de mercado existente de produtos naturais é importante para esta pesquisa, mas de modo secundário. O intuito principal era compreender a relação desde o cultivo, a manipulação e a transformação em remédios, o uso direto no dia a dia e, por último, como isso chega ao mercado. Assim, continuei com o mapeamento de atividades de plantas medicinais e me aproximei das experiências que acontecem no município do Crato.

O contato com o grupo *Meizinheiras do Pé da Serra* ocorreu através do apoio da instituição social Cáritas⁴, que presta serviços à comunidade onde o grupo está inserido, no município do Crato. Atualmente, quatro mulheres que compõem o grupo estão mais à frente desse processo, cultivando plantas medicinais em seus quintais e fazendo remédios caseiros para atender as suas demandas, de suas famílias e da comunidade. Essas mulheres são: Dona Rina, Dona Auxiliadora, Dona Penha e Dona

³A Comissão pastoral da Terra (CPT) é uma entidade vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Desenvolve serviço pastoral, educativo e transformador junto aos povos da terra e das águas, no intuito de estimular e reforçar seu protagonismo social.

⁴Cáritas é uma entidade nacional de cunho religioso de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Atua em diversas realidades e no espaço agrário presta serviços aos agricultores. No Cariri, há a Cáritas Diocesana do Crato.

Iraci⁵, agricultoras guardam em suas vidas o conhecimento da comunidade sobre o uso de plantas medicinais. Os registros da voz, de imagem e das anotações no caderno de campo serviram para tecer um traçado sobre o universo dessas mulheres. Nesse contexto, o trabalho científico serve como fio condutor, proporcionando um contato com a realidade em questão. Em uma escala mais distante, essas práticas aparecem de forma singela, mas, à medida que me aproximei desse contexto, enxerguei o campo de forças, ações de lutas e resistências que ali se instalam. Vale ressaltar que essas mulheres trabalham há quarenta anos na agricultura e pertencem à categoria social e política do campesinato, que tem por característica “[...] valores e saberes construídos a partir do manejo com a terra, da vivência em comunidade e da convivência em família” (JESUS, 2007, p.94).

Diante dessas confluências, o objetivo geral traçado neste estudo é analisar as práticas populares de saúde através das experiências de apropriação, manipulação e uso de plantas medicinais do grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*, localizado no município do Crato, estado do Ceará.

Ao mergulhar nas atividades das meizinheiras, adentro no espaço e no convívio do território para conhecer e compreender as práticas de uso de plantas medicinais, descobrindo quais articulações são realizadas para essas práticas se constituírem. Nesse caminhar, a tessitura dos objetivos específicos foi: compreender a concepção de saúde presente no grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*; refletir sobre os processos de construção de territorialidade no espaço no qual o grupo está inserido; e investigar a apropriação do uso de plantas medicinais como um legado cultural inserido na memória individual e coletiva do espaço investigado, construindo elos entre as práticas ancestrais e as atuais.

O trabalho de campo foi realizado em quatro incursões entre os meses de maio de 2015 e janeiro de 2016, possibilitando-me presenciar momentos importantes *in loco*. Acompanhei o Cariri em diversos períodos, nos quais as paisagens e a rotina das pessoas se transformavam. Participei de alguns eventos importantes na dinâmica da comunidade, como a festa das crianças e os encontros das meizinheiras. Na primeira ida a campo, o neto de Dona Rina, o Gustavo, ainda ficava no colo; depois presenciamos ele dando os primeiros passos, para festejo da família. Recentemente ele fez as primeiras caminhadas. Em alguns momentos cambaleava, e em outros dava passos mais

⁵ Os nomes das meizinheiras e dos demais sujeitos sociais entrevistados são reais. Os participantes concordaram com essa divulgação dos nomes, dos áudios e de imagens.

firmes, já ensaiando “brincar o coco”; situações que alegram o ato de realizar a pesquisa e enriquecem a mesma com as mais diversas experiências cotidianas da comunidade.

Esta pesquisa foi construída a partir de um processo de afetividade e aproximação com os sujeitos sociais pesquisados. Contudo, tratei de interpretar de forma analítica, sem romantizar os fatos e os participantes, elencando as potencialidades, dificuldades e limitações. Chauí (2004) afirma que, ao realizamos uma análise sobre as expressões culturais das classes populares, devemos estar atentos aos avanços e retrocessos, assim como aos processos de resistência e de acomodação existentes.

Minayo (2014) expõe que a pesquisa é uma artesanaria. Benjamim (1994) e Bosi (1994) interpretam que o ato de narrar é uma forma artesanal de comunicação. Captando esses dois movimentos – das meizinheiras que discorreram sobre suas vidas e o meu exercício de imersão, concentração e articulação das palavras –,coube-me o esforço de uma produção de um trabalho artesanal. Segui o método utilizado pelas meizinheiras: observação e escuta. Vim na constante lapidação da pesquisa, no percurso e no processo da escrita.

O termo plantas medicinais é mais utilizado no espaço acadêmico para expressar o uso de determinados vegetais para fins terapêuticos. No grupo pesquisado, *Meizinheiras do Pé da Serra*, elas utilizam mais costumeiramente as expressões: remédios do mato, mezinhas, as raízes que curam ou, simplesmente, plantas. Entretanto, optei por usar o termo plantas medicinais, por compreender a importância dessa expressão tanto para o uso popular quanto para o saber científico. *Plantas medicinais* é um termo de fácil compreensão, popularmente difundido, tornando-se entendível no contexto acadêmico e em outros espaços. As plantas que podem ser utilizadas como elementos terapêuticos permeiam o imaginário de diversos povos em distintos espaços-tempos. Nesse trabalho, apresento o debate das políticas públicas, o viés agroecológico, das práticas populares em diversos contextos e, sobretudo, a experiência das meizinheiras.

Raízes da cura: os saberes e as experiências dos usos de plantas medicinais pelas meizinheiras do Cariri cearense, título deste trabalho, refere-se às vivências em campo que me trouxeram reflexões sobre as práticas tradicionais referentes à saúde transmitidas ao longo do tempo. Como dito anteriormente, a gênese das práticas populares de saúde é o espaço rural, sendo desenvolvidas pelos sujeitos do campo e por sua interação com o ambiente. Posteriormente, essas expressões chegam aos espaços

urbanos e se reinventam. Os camponeses, ao migrarem para a cidade, levaram consigo símbolos, conhecimentos e artefatos que pudessem garantir sua sobrevivência e existência no espaço urbano.

No caminhar pelo sítio Chico Gomes e nas conversas informais com as mezinheiras, fui percebendo as expressões de saúde popular de forma mais consistente. Um *locus* no qual esses costumes se recriam e se ressignificam constantemente. As agricultoras, ao relatarem sobre a importância das propriedades terapêuticas dos vegetais, expressam sua relação íntima com a natureza, fonte para o bem-estar e para a saúde do corpo-espírito delas e da comunidade. Como foi expresso por Dona Iraci, “[...] a gente mora dentro da medicina, das raiz (sic) que cura” (informação verbal). Dessa forma, é na relação com a mata local, no seu território e nas relações sociais que as mezinheiras desenvolvem suas experiências sutis de resistência e autenticidade.

Metaforicamente, *Raízes da Cura* também tem seu valor, significa olhar para a ancestralidade, um voltar-se para as nossas raízes culturais, para as expressões de um saber e cultura popular repassados por gerações ao longo do tempo, tendo como base o modo de ser e existir dos povos tradicionais. “Mais moderno que todos os modernos, eu sou uma força do passado” expressa Didi-Hubberman. As raízes são, simbolicamente, o desejo de visibilizar e refletir sobre os saberes ambientais e culturais do grupo *Mezinheiras do Pé da Serra*.

Esta dissertação possui as seguintes divisões: o capítulo 1 é intitulado “Processo introdutório da pesquisa”. O capítulo 2, por sua vez, denomina-se “Construindo a arte de pesquisar: os saberes e experiências em práticas de saúde popular”, no qual discorro sobre o percurso metodológico e sobre os instrumentos escolhidos na trajetória da arte da pesquisa, como os registros fotográficos e de áudio. A alteridade como uma lente de olhar e contemplar o outro e, por último, a reflexão de que é o processo que se constrói o pesquisador. Já no capítulo 3, “As ervas medicinais: saberes, usos e percursos”, debato o uso de plantas medicinais em diversos tempos e sociedades que as utilizavam; as características das práticas de saúde popular no Brasil— pautada nas matrizes indígenas, africanas e europeias— e suas metamorfoses, os processos híbridos que as tornam tão atuais; e as atualizações e o embate com a medicina hegemônica. No capítulo 4, “As mezinheiras do Cariri e as experiências com uso de plantas medicinais”, inicio fazendo uma contextualização geográfica e social da região do Cariri e da comunidade Chico Gomes. Depois, apresento as mezinheiras e ilustro como foi que surgiu o grupo. O capítulo

5, “*Território, memória e saúde nas práticas de mezinhas*”, constitui-se da explanação sobre o uso de plantas medicinais no dia a dia e a história do grupo, fazendo conexões com os conceitos de memória, saúde e território, através das cosmovisões que constituem o cotidiano das mezinheiras. Por fim, temos as “Considerações finais”, onde trago as ponderações sobre o trabalho, os aprendizados que ficam e sugestões para que essas práticas possam, cada vez mais, se ramificar e criar raízes profundas, trazendo frutos para o momento presente e para as próximas gerações.

Este trabalho tece uma sistematização de vivências que acontecem no cotidiano desta localidade rural do Crato, semelhante a diversos lugares do espaço agrário nordestino e do Brasil. Busco compilar e analisar relatos de práticas tradicionais de saúde vinculadas ao uso de plantas medicinais e discorrer sobre as singularidades de nossas raízes interioranas e das cosmovisões que compõem o universo dos camponeses. Essas experiências nos convidam a repensar a nossa interação com o ambiente, receitando que é a partir da edificação de novos princípios de modo de vida e de lógica de produção e apropriação das propriedades da natureza que podemos construir outra concepção de saúde e, sobretudo, vivenciá-la.

2 CONSTRUÍDO O SABER E ARTE DE PESQUISAR: AS EXPERIÊNCIAS SOBRE OS CONHECIMENTOS DE SAÚDE POPULAR

“Tem todo o tempo Ítaca na mente.
 Estás predestinado a ali chegar.
 Mas, não apresses a viagem nunca.
 Melhor muitos anos levars de jornada
 E fundeares na ilha velho enfim.
 Rico de quanto ganhaste no caminho
 Sem esperar riquezas que Ítaca te desse.
 Uma bela viagem deu-te Ítaca.
 Sem ela não te ponhas a caminho.
 Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.
 Ítaca não te iludiu
 Se a achas pobre.
 Tu te tornaste sábio, um homem de experiência.
 E, agora, sabes o que significam Ítacas.”
 (Constantino Kabvafis)

No presente capítulo, explano sobre o trajeto da pesquisa, isto é, sobre a revisão de literatura, o levantamento documental, a escolha de instrumentos utilizados no campo e as análises que constituíram o percurso metodológico. Esse processo enriquece o pesquisador, proporcionando-lhe edificar um estilo próprio de pesquisar. Cao Guimarães, artista visual e cineasta, ao se referir sobre o processo de construção de um documentário, afirma que não é o cineasta que faz o filme, mas é o filme que faz o cineasta.

Se o meu assunto é a realidade, não estou isento dela e nem ela está isenta de mim. Neste exercício da reciprocidade, da generosidade da entrega, vários graus de subjetividade estão interagindo entre si. A questão não é objetivar o olhar diante da realidade, mas mesclar sua subjetividade com a subjetividade do outro (GUIMARÃES, 2007, p. 1).

Comungando com o que propõe o artista, acredito que é o universo pesquisado que influencia cada peculiaridade do percurso adotado pelo pesquisador. O que o cineasta faz é escolher enquadramentos para as cenas, acoplar lentes que lhe viabilizem captar um pouco do real desejado, seja no documentário ou na ficção, hoje temas tão discutidos no audiovisual, devido à linha tênue que os divide. O filme começa com processo de múltiplos recortes, do macro ao micro, do todo às partes. Por fim, constrói o lugar da câmera ligada diante de alguém ou de alguma coisa. Este lugar é um momento, um dos muitos momentos encantadores do processo cinematográfico (GUIMARÃES, 2007). De um modo um tanto semelhante, o pesquisador percorre o

caminho “mágico” da investigação científica, busca instrumental que lhe sirva como recurso para desbravar as problemáticas em questão e reflete sobre os significados existentes. Escolhe estratégias de coleta e apreensão de informações que permitam um diálogo com a realidade em estudo.

Ao discorrer sobre o percurso metodológico, busco evidenciar o processo de confluência entre referencial teórico e os aprendizados das vivências em campo. É na intercessão desses encontros que surge a alma da pesquisa— o novo —, o produto dessa confluência que pode vir a contribuir para a ampliação do debate sobre a temática. Assim, proponho refletirmos sobre a edificação do percurso do ato de pesquisar, ilustrando a *práxis* do conhecimento científico. Como coloca Constantino Kabvafis no poema citado na epígrafe deste capítulo, é o processo, e não o destino final, que torna as pessoas sábias, ricas em experiência, portanto requer mergulho e coragem.

O presente estudo se constituiu a partir de uma abordagem qualitativa, com intenção de promover uma aproximação entre o pesquisador e a realidade social investigada, assim como refletir sobre as subjetividades do cotidiano das pessoas partícipes. Pesquisar requer um cuidado habilidoso, atenção e imersão no ato produzido. Goldenberg (2004) ilustra que a pesquisa nos possibilita aprender a pensar cientificamente, a exercitar a criatividade, organização e, sobretudo, a pôr sentimento em cada etapa.

O processo investigativo de uma pesquisa social se constrói com a associação da leitura bibliográfica e as vivências em campo. Este último, Minayo (2008, p.15) define como “[...] um recorte espacial que diz respeito à abrangência do recorte teórico correspondente ao objeto de investigação”. O campo é a materialidade do tema escolhido para pesquisa. Nesse sentido, a ida a campo torna a ciência mais próxima da realidade, discutindo temas importantes, ligados a especialidades que fazem parte do universo das pessoas.

Atualmente há um debate sobre interdisciplinaridade, isto é, a congregação de várias áreas para apreender sobre o objeto e possibilitar que os pesquisadores tenham uma forma ampla de compreender e de se posicionar no mundo, contribuindo, assim, para a sua transformação. Santos (2004) propõe a Ecologia de Saberes, que visa criar um novo tipo de relacionamento entre o saber científico e outras formas de conhecimento. Esta consiste em:

Conceder 'igualdade de oportunidades' as diferentes formas de saber envolvidas em disputas epistemológicas cada vez mais amplas, visando a maximização dos seus respectivos contributos para construção de outro mundo possível, isto é, de uma sociedade mais justa e mais democrática, bem como de uma sociedade mais equilibrada em relação à natureza. A questão não está em atribuir igual validade a todos os tipos de saber, mas antes permitir uma discussão pragmática de critérios de validade alternativos que não desqualifique a partir de tudo o que não se ajusta ao cânone epistemológico da ciência moderna (p.19).

A Ecologia de Saberes não descredibiliza as ciências nem nega o valor da produção dos conhecimentos científicos. Na verdade, propõe um caminho para superar a desqualificação de outros saberes produzidos fora do espaço acadêmico, colocando-os de uma forma em que eles não venham a se opor, mas a dialogar. Santos (2007) compreende que valorizar só um tipo de conhecimento – o científico – é contrair o presente e eliminar a realidade que fica fora das concepções acadêmicas, como a dos camponeses, os conhecimentos urbanos, os conhecimentos populares e indígenas.

O debate de uma ciência que tenha na essencialidade e o viés epistemológico, tendo como base o território, tem o intuito de construir conhecimentos que visem promover emancipação, equidade social e fortalecimento cultural. Formas e expressões que dialoguem em direção contrária à lógica capitalista, que objetiva desarticular as relações não voltadas para a expansão do capital. Enfim, uma ciência engajada e pautada nas demandas sociais.

A pesquisa, como a educação, não é neutra; pressupõe escolhas. Insere-se também em ações políticas. Na escolha dessa investigação, busquei evidenciar os saberes populares aprendidos no território e propor um diálogo com o conhecimento científico. Harvey (2006) coloca que devemos levar em consideração onde, com quem aprendemos e de que modo aprendemos. Essas escolhas se tornam ponto-chave para a construção de nossa visão de mundo e para a base dos compromissos intelectuais. “Os conhecimentos são e podem ser construídos numa variedade de formas, e o modo como são construídos desempenha um papel crucial em nossa capacidade de interpretar e de compreender nossa forma de ser no mundo” (HARVEY, 2006, p. 294).

Harvey propõe a humanização da ciência; assim, disserta acerca de uma ideia ampla sobre como pensar tanto a unidade como a diversidade entre os conhecimentos. O geógrafo interpreta que as nossas responsabilidades coletivas perante a natureza e perante a natureza humana precisam ser unidas entre si de uma maneira bem mais dinâmica e coevolutiva, abarcando uma variedade de escalas espaços-temporais e a manutenção de certas formas culturais geograficamente específicas. Trago

como exercício, nesta dissertação, a reflexão sobre as relações sociais e a interação com o ambiente, tomando como inspiração um exemplo de respeito à biodiversidade e à cultura tradicional local: as experiências das mezinheiras.

Desse modo, esta pesquisa insere-se no debate de desconstrução de uma visão neutra da Ciência, pois cada mais vez mais emerge a necessidade de posicionamento e a compreensão de afirmação para quem e para quem se destinam as produções científicas.

A forma de realizá-lo revela as preocupações científicas dos pesquisadores que se relacionam tanto os fatos a serem observados, coletados e compreendidos como o modo como vai recolhê-los. [...]. Tanto o pesquisador como os seus interlocutores e observados interferem no conhecimento da realidade (MINAYO, 2014, p.24).

Nesse sentido, se demonstra o quão importante é discutir os símbolos que compõem a vida das pessoas. Para Carvalho (2001), é importante repensar uma ciência pós-colonial, fortalecida a partir das raízes culturais locais. Assim, ao pesquisar os costumes cotidianos das populações tradicionais, esta pesquisa insere-se no debate sobre o fortalecimento das identidades, da ressignificação cultural e da articulação destas populações como forma de resistência às investidas da lógica homogeneizadora do capital.

A partir do contato com as experiências das pessoas nos territórios, surgem novos questionamentos e hipóteses sobre o tema investigado. A visão de mundo de ambos está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto até o resultado do trabalho. Dessa forma, foi realizado um diálogo com os participantes sobre a compreensão dessas experiências, e construímos juntos debates e considerações acerca do tema, construindo qualitativamente esta pesquisa.

Ramires e Pessôa (2013) expõem que a pesquisa qualitativa se concebe a partir da relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, em uma interdependência viva entre os participantes. Colocam que “[...] os pesquisadores qualitativos estão mais preocupados com o processo, e não simplesmente com os resultados tendo o ambiente natural como fonte direta e grande destaque são dados à interpretação do significado das ações sociais” (p. 213).

“O universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e reinterpretadas pelos sujeitos que as vivenciam” (MINAYO, 2008, p. 24). É preciso levar em conta os processos históricos, sociais,

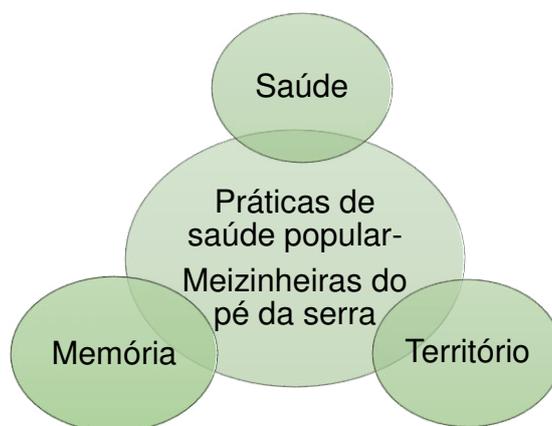
simbólicos, afetivos e ideológicos do local em questão, e como estes reverberam no âmbito da saúde, na relação com o território e fortalece a memória coletiva. Neste trabalho, essas categorias não poderiam ser vistas apenas a partir da análise quantitativa. Portanto, junto com o aporte teórico, a metodologia qualitativa se tornou necessária ao desenvolvimento da pesquisa.

A metodologia, caminho planejado e percorrido pelo pesquisador para problematizar a realidade, é constituída por procedimentos que têm como objetivo construir um planejamento organizado e analítico, articulado a teoria e os demais instrumentos que norteiam a pesquisa. Para Pinheiro (2005), está ligada a práticas e técnicas usadas para reunir, processar, manipular e interpretar as informações. O presente estudo se estruturou a partir das seguintes etapas metodológicas: escolha de leitura das referências bibliográficas, pesquisa documental, trabalho de campo e, posteriormente, a análise de dados.

Pinheiro (2005) expõe que, para a escolha do embasamento teórico, é importante refletirmos sobre o processo de produção do saber, atentando-nos para os autores que se aliam nessa construção do conhecimento referente ao tema, especialmente para a visão social dos teóricos.

À luz de leituras de intelectuais que se inserem dentro de análise teórica do tema pesquisado, três pontos se tornaram fios condutores para compreender a experiência das mezinheiras e o uso de plantas medicinais. A pesquisa se debruçou na trama destes conceitos que aparecem no texto e, principalmente, na realidade pesquisada, de forma entrelaçada, em constante interação.

Figura 01 - Fluxograma com os pontos chave da pesquisa



Fonte: Bruna Araújo. Ano: 2015.

O fluxograma mostra que o objeto central da pesquisa é o uso de plantas medicinais realizado pelo grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*. Os pontos que se ramificam e que se cruzam são os seguintes: Território, Memória e Saúde.

O uso de plantas medicinais está presente em diversas práticas populares. Araújo (1999), Matos (2002) e Camargo (2014) fomentam o debate sobre as funcionalidades das plantas, o vínculo com a cultura popular, configurando-se como uma das características do povo brasileiro, e afirmam a importância dos saberes de experiências tradicionais para o acesso à saúde e ao bem-estar das classes populares.

Os saberes populares são intrínsecos à terra e à floresta do Araripe. Estes conhecimentos fazem as meizinheiras do Cariri se fixarem no local onde vivem, gerando processo de identidade e afeto com o território, sendo este reconstruído cotidianamente. Os processos de territorialidade e as diversas forças que configuram o recorte espacial do território são debatidos no texto, fazendo um diálogo com Raffestin (1993), Fernandes (2005) e Santos (2001).

A memória está presente nas ações cotidianas das meizinheiras; é um importante elo do modo como aprenderam, no passado, a manipulação de ervas e como desenvolvem essas práticas no presente. Nesse debate, diálogo com Bosi (1994), Beauvoir (1970) e Benjamim (1994).

A saúde é um tema fundamental na vida das agricultoras. Está presente em várias frases cotidianas, como quando alguém pede a benção e elas respondem: “Que

Deus te dê saúde!”, por exemplo. As agricultoras a compreendem como um dos atributos mais importante e prioritário para suas vidas. Assim, se torna importante, neste estudo, decodificar a concepção e o significado de saúde para as mezinheiras. Faço um paralelo com o que é discutido na Política Nacional de Educação Popular em Saúde e na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS, que em seus conteúdos fortalecem as práticas de saúde popular, propondo estratégias e diretrizes para ampliar, incluir e visibilizar essas expressões tradicionais.

Na etapa de pesquisa documental, realizei visitas ao Instituto Chico Mendes⁶ da região do Cariri, localizado no município do Crato, com o intuito de buscar informações sobre a biodiversidade e as práticas tradicionais de saúde da região. O contato com a instituição Cáritas também foi de grande valia no processo de levantamento documental. Esta organização social contribuiu para os eventos do grupo *Mezinheiras do Pé da Serra* e forneceu dados sobre a formação do coletivo, abrindo o seu acervo para consultas de documentos, ofícios, cartas de convocatórias dos encontros, relatórios e fotografias dos eventos dos anos anteriores. Debrucei-me, ainda, sobre a análise da cartilha e do documentário produzidos pela Cáritas sobre as mezinheiras.

Um momento importante da pesquisa foi quando assisti, junto com a mezinheira Dona Rina e sua família, este documentário da Cáritas. Foi um momento de aproximação e encantamento sobre a consciência cultural e política das mezinheiras. Foi interessante, também, compreender como é, para as agricultoras, ver o vídeo sobre o seu cotidiano, ver as imagens e os discursos que lhes pertencem. Neste documentário há bastante informação sobre a concepção delas sobre o que é ser mezinheira, qual importância da mata e das expressões culturais em saúde para a comunidade. Interessante que, na casa de D. Rina, a família parou os afazeres para contemplar mais uma vez a produção audiovisual sobre as mezinheiras. Os netos foram os mais empolgados; ficaram atentos, observando as cenas: o quintal da avó, a paisagem de Chico Gomes, a horta etc.

O grupo *Mezinheiras do Pé da Serra* também forneceu fotografias, vídeos, fanzines, músicas que serviram como material de análise importante para pesquisa.

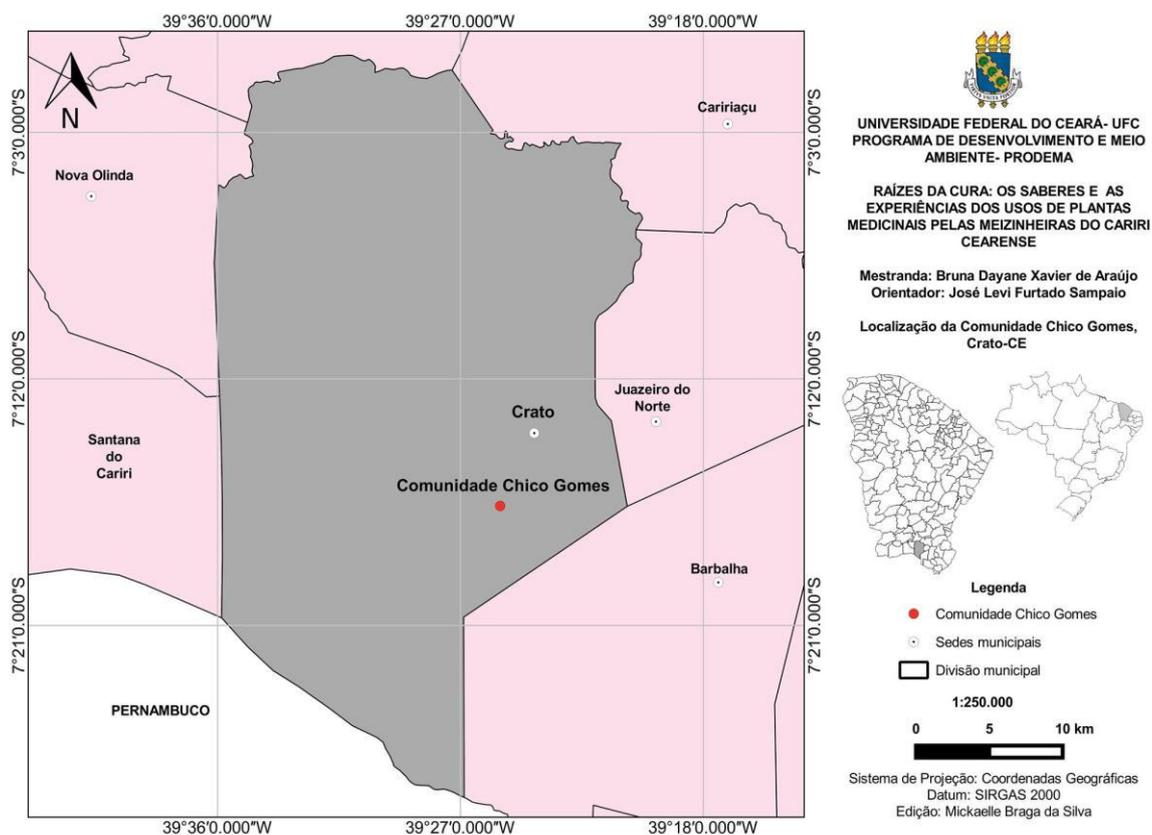
⁶O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é uma autarquia em regime especial. Criado dia 28 de agosto de 2007 pela Lei 11.516, o ICMBio é vinculado ao Ministério do Meio Ambiente e integra o Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama). Cabe ao Instituto executar as ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, podendo propor, implantar, gerir, proteger, fiscalizar e monitorar as UCs instituídas pela União. Fonte: *site* do ICMBio.

Dediquei-me a apreender sobre as narrações que constroem uma trama de envolvimento sobre práticas de saúde e cuidado do coletivo investigado.

O grupo, como dito anteriormente, está localizado na comunidade Chico Gomes, pertencente ao município do Crato, região do Cariri cearense, a 570 quilômetros de distância da capital do estado. Região que possui uma superfície tabuliforme, com altitude que varia de 850 a 900 m, pluviosidade de entorno com média de 920 milímetros.

A maioria das pessoas da comunidade pratica agricultura e tem a renda complementada pelos programas sociais do governo federal. Os habitantes de Chico Gomes estão caracterizados como moradores de condição; eles não possuem a titulação da terra; moram em terra que possui um proprietário particular. Essa situação constrói zonas de conflitos, de subalternidade, questionamentos e resistências. A seguir, um mapa de localização da Comunidade Chico Gomes – Crato, Ceará, Nordeste do Brasil.

Mapa 01 – Localização da comunidade Chico Gomes – Crato, Nordeste do Brasil



Edição do mapa: Mickaelle Braga da Silva. Ano: 2015.

Em Chico Gomes existe uma rica experiência de cultivo e uso de plantas para as práticas de saúde popular. A maioria dos moradores conhece uma receita, possui conhecimento de alguma prática ligada a remédios caseiros. Por morarem no “pé”⁷ da chapada, eles têm acesso direto a diversos tipos de ervas, raízes e cascas. Nesse território, as mulheres se tornam protagonistas desses saberes, são detentoras de legados aprendidos com os parentes e são elas, geralmente, que desempenham papel de cuidadoras da saúde da família.

O campo trouxe a reflexão da importância das relações que são construídas ao estar presente no local da pesquisa. Lévinas (2004) nos mostra que uma forma de embarcarmos no novo é através da perspectiva da *alteridade*, tornando-se uma maneira de estabelecer relações mais próximas e estar aberto para se entrelaçar na experiência distinta da nossa.

Alteridade vem do latim *alteritas*. Significa ser o outro, colocar-se ou constituir-se com o outro, reconhecer-se nele. Lévinas (2004) interpreta a alteridade como a possibilidade de estar acessível para entrar em contato com a diversidade cultural do sujeito que possui distintas concepções e experiências de mundo, respeitando essa diferença exatamente como ela é, construindo uma relação embasada na ética e na responsabilidade. Lévinas propõe, ainda, que sociedade contemporânea saia da totalidade de si mesmo e se abra para a exterioridade do outro, rumo ao infinito e à transcendência do “outro”; este, dessa forma, não pode se tornar objeto de domínio. Para este autor, o sujeito oposto é infinito e digno de ser acolhido, e o “eu” terá oportunidade aprender à medida que reconhece o ser diferente, que aparece como um ser-universo, e a decodificação se dá através da compreensão desse universo a partir de sua história, do seu meio e dos seus hábitos.

A verdadeira união não é a junção de síntese, mas de diferentes. O encontro com outro, para o autor, não é para buscar o complemento, mas um diálogo. Quando há interesse e atenção em relação ao outro e às suas especificidades, este se revela infinitamente como é. Só assim podemos sentir em nós a infinitude do outro. Para Frei Betto (2004), alteridade é ser capaz de aprender sobre o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. A nossa tendência é a de colonizar o outro. A alteridade é a nossa capacidade de entender o outro a partir da sua experiência de vida e da sua interioridade.

⁷Significa que a comunidade está localizada na encosta da chapada do Araripe.

Na pesquisa em campo, o investigador deve estar aberto para a realidade, sem esquecer que somos sujeitos externos e também trazemos conosco uma bagagem de conhecimento e pontos de vista.

O pesquisador deixa claro para si e para o grupo que sua relação de campo se restringirá ao tempo da pesquisa. A participação, no entanto, tende a ser profunda e se dar pela adoção dos hábitos, formas de atuação solidária e vivência conjunta e acompanhamento de acontecimentos julgados importantes pelos entrevistados dentro de suas rotinas cotidianas (MINAYO, 2008, p. 281).

Brandão coloca que a pesquisa de campo propõe perceber os significados que estas pessoas dão para as atividades diárias.

Só se conhece em profundidade alguma coisa da vida, da sociedade ou da cultura quando através de um envolvimento – em alguns casos um comprometimento- pessoal entre o pesquisador e aquilo, ou aquele, que ele investiga. Outra: não é propriamente um método objetivo de trabalho científico que determina a *priori* a qualidade da relação entre os pólos da pesquisa, mas, ao contrário, com frequência é a intenção premeditada, ou a evidência realizada de uma relação pessoal e/ou política estabelecida, ou a estabelecer, que sugere a escolha dos modos concretos de realização do trabalho de pensar a pesquisa. [...]. A técnica de uma pesquisa de campo depende de tanto de pressupostos teóricos quanto de uma maneira como o pesquisador se coloca na pesquisa e através dela e, a partir daí, constitui simbolicamente o outro que investiga (1984, p. 8).

As anotações nos cadernos de campo contribuíram para a sistematização do que foi captado. Os registros escritos estão repletos das experiências, sensações e impressões dos momentos vividos na realidade pesquisada. Brandão (1982) pontua que os diários de campo são folhas que dão conta de uma fala oculta; escritos carregados de afeição que descrevem maneiras de sentir pessoas, lugares, situações e objetos. Nos diários de campo, uma linguagem mais sensível e poética tem espaço, pois dessa maneira é possível sentir a atmosfera de sensações do espaço e do momento experienciado.

A presença em campo permitiu observação e interação no espaço. O ato de observar requer estar acessível para os encontros, para os elementos sutis que permeiam o local vivenciado. “Observar é também intervir, desfocar, problematizar, abrir caminho à virtualização no sensível, a presença do invisível na imagem” (AGUIAR; LIMA, 2012, p. 165).

Realizei entrevistas no trabalho de campo, no sentido de propor conversas que pudessem contribuir para a análise das práticas populares de cuidado com a saúde. Sousa (2012) coloca que entrevistar é uma forma de desenhar uma escrita que adentra o território desconhecido do outro. Cenário que coloca em cena um desejo de saber e uma escuta que dá a chance ao entrevistado de narrar aquilo que experienciou, mas que ainda não encontrou os contornos precisos.

Entrevistar requer tempo, atenção, envolvimento e escuta, sem atropelar as falas, respeitando o ritmo dos sujeitos sociais da pesquisa, além de observar os gestos, as entonações, as emoções dentro do discurso, “escutar” também o que não foi dito, o que fica nas entrelinhas. Dessa forma, busquei estar aberta a ouvir e compreender as narrativas de vida dos entrevistados, entender como o processo histórico-social os conduziu aos conhecimentos e práticas populares de saúde. Fui a campo com um roteiro de entrevistas semiestruturadas, com pontos que gostaria de alcançar, mas dando margem para outros elementos aparecerem. Compreendo que as entrevistas são oportunos momentos de apreender de forma direta e aproximativa sobre o tema.

Goldenberg (2004) expõe que, se cada indivíduo singulariza em os atos a universalidade de uma estrutura social, é possível “[...] ler uma sociedade através de uma biografia”. Contudo, é preciso estar atento ao fato de que o indivíduo vai revelar o que lhe for mais importante: “Apenas uma versão selecionada, de modo apresentá-la como um retrato de si o que prefere mostrar, o que deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros” (p. 42). Essas questões se tornam importantes para a pesquisa. Carvalho (2001) pontua que o que está em jogo, de fato, é a luta pelo controle das narrativas históricas; dar ênfase às vozes, às concepções de mundo das pessoas em condições de subalternidade a partir da valorização da pluralidade contidas nas atividades culturais do cotidiano: “Ao contarem sobre suas histórias permite o sujeito uma capacidade de se representar e de devolver a compreensão de mundo maior que aquele em que lhe foi dado mover-se e também por ousar negar-se uma re-subjetivação que lhe vem sendo imposta” (CARVALHO, 2001, p.133).

A fala gera poder; faz as personagens reverem as condições de vida, suas trajetórias e os desejos. Pode, ainda, estimular uma identidade e capacidade de autorrepresentação e tornar o lugar de discurso mais familiar. Assim, me aprofundei nas entrevistas abertas com as quatro mulheres que atualmente se tornam protagonistas desses conhecimentos, Dona Rina, Dona Auxiliadora, Dona Penha e Dona Iraci.

As entrevistas aconteceram para que pudéssemos apreender quais são as plantas mais utilizadas, a relação com ambiente, a difusão desses saberes e as principais dificuldades que as mezinheiras encontram ao pôr em prática os saberes terapêuticos. Além das agricultoras, conversei com os seus filhos, o agente de saúde local, pessoas idosas, os jovens e integrantes da Cáritas que participaram das atividades do grupo. As entrevistas possuíram um caráter informal, mas forma de conversa, para que as pessoas pudessem se sentir mais à vontade.

Assim, as entrevistas tiveram como base as narrativas das mezinheiras e os demais partícipes da pesquisa que, por meio dos conhecimentos adquiridos no dia a dia, relatam sobre experiências vivenciadas. Nas narrativas foi possível compreender os sistemas de valores da comunidade, que coloca as participantes como as representantes desses conhecimentos, como sujeitos ativos e participativos em relação à construção da história da comunidade e das próprias vidas.

Os relatos vivenciados mostram a força do saber popular que integra ética e conhecimento, análise e sabedoria, solidariedade e perseverança. Tal saber é construído a partir de relações íntimas com o espaço-natureza local, sendo imprescindível o exercício da escuta, quase como uma meditação e imersão nas vozes delas.

Assim como é necessário uma arte para falar, é necessária uma experiência e habilidade para escutar. Para escutar como se deve, para que alma acolha a palavra que lhe é endereçada, é fundamental uma economia de gestos e palavras, um silêncio ativo e certo recolhimento que se opõem à tagarelice (ARANTES, 2012, p. 95).

Nos percursos pela comunidade, observei a paisagem local, a rotina dos moradores e os elementos que compõem o espaço das mezinheiras, bem como as relações sociais, os papéis preestabelecidos das mulheres, dos homens, dos jovens e dos idosos na comunidade e como isso se reflete no grupo pesquisado.

Em campo, fui acompanhada pelas mezinheiras, pelos filhos delas e pelos demais moradores. Eles me informaram sobre as atividades comunitárias, os principais lugares do sítio, a saber: a capela, a mandala e a casa do patrão, por exemplo. Acompanhei a ida das mezinheiras para o roçado, e no caminho elas relatavam sobre suas experiências de vida, como criaram seus filhos e como é viver na comunidade. Elas também apresentaram os cultivos, mostrando as plantas que estavam em melhor estado e as que estavam precisando de mais cuidado. Mostraram, ainda, as cercas e proteções que constroem para isolar os espaços de cultivo. Acompanhei, também, as atividades do

grupo: reunião, encontros, ida à mandala que está em construção e produção de remédios.

Tive, além disso, a oportunidade de conversar com alguns jovens da comunidade. Uma parte deles é integrante do grupo de cultura local. Eles falaram sobre a importância de preservar o patrimônio cultural e como são relevantes as atividades culturais e populares da comunidade, que enriquecem o seu cotidiano. O grupo das mezinheiras é compreendido como um exemplo destas expressões culturais. Os outros jovens ilustraram as dificuldades vivenciadas na comunidade, a falta de perspectiva de trabalho, o desinteresse pela agricultura e a precariedade dos equipamentos de lazer. A grande maioria dos jovens considera importante a atividade de mezinhas na comunidade.

A partir do momento em que pude frequentar e estar mais presente na comunidade, fui percebendo os conflitos que sutilmente afloram, como a questão da posse da terra. Observei, também, a rede de solidariedade construída, as relações de consanguinidade, de afetividade e de parceria que estão presentes na vida dos moradores, além de ter acompanhado as mezinheiras em suas idas à feira e ao mercado do Crato para fazerem suas compras alimentícias, os temperos e as ervas que não possuem em casa.

O intuito da pesquisa de campo foi conhecer e analisar a importância dos usos dos vegetais e o valor terapêutico no universo das mezinheiras, sendo oportuno acompanhar toda a rotina que as envolve e as tramas de ações que favorecem o fortalecimento da saúde popular no local.

Em nossas conversas, as falas dessas mulheres sobre os conhecimentos do uso de plantas medicinais no passado e no presente foram acolhidas como narrativas. Walter Benjamin (1994) traz que a narração é algo muito rico e fruto de experiências. As pessoas narram sobre algo que elas viveram e/ou possuem alguma apropriação. Benjamin (1994) traz na obra *O narrador* o exemplo do agricultor sedentário e do marinheiro, pessoas que possuem diferentes conhecimentos, mas se tornam narradores e, assim, sábios, pois são ricos em experiências diretas, locais ou acumuladas, fruto de diversas viagens. Na contemporaneidade, a arte de narrar está declinando, visto que as experiências também estão. Nossa sociedade vive um momento em que a informação sobressai às experiências. A primeira é algo mais fugaz, passageiro, enquanto a segunda é algo mais significativo, palpável e possível de permanecer. Quanto mais antiga a experiência, mais ela cria valor, ao contrário da informação.

No contexto pesquisado, as mezinheiras são narradoras de suas vidas, da comunidade e destes costumes. Thompson (1998, p. 22) pondera que o costume “[...] pode representar e preservar a necessidade da ação coletiva, do ajuste coletivo de interesses, da expressão coletiva de sentimentos e emoções dentro do terreno e domínio do que eles co-participam”.

As agricultoras, mais do que quaisquer outras pessoas, são as guardiãs desses conhecimentos. Assim, procurei dar importância à escuta e abertura de deixá-lhes falar, de reconstruírem e ressignificarem esses saberes, para que o ponto central fosse o prisma de quem recria e dá continuidade a esse costume.

Figura 02 – Produtos que compõem as práticas de mezinhas.



Em uma das reuniões do grupo das mezinheiras, os temas discutidos foram: a inserção de outras pessoas para fortalecer o grupo, a implementação da mandala como forma de expandir a produção coletiva das plantas medicinais e o desenvolvimento deste estudo no cotidiano delas. Nesse momento, discorri sobre a intenção da pesquisa e sobre como construiríamos a percepção dos pontos que permeiam a realidade delas. Elas acolheram a pesquisa e começaram a relatar os temas que envolvem seus costumes no que toca ao cuidado com a saúde. Nesta realidade, o debate sobre terra, espiritualidade, natureza e cultura se entrelaçam.

Os registros fotográficos também se tornaram recurso de documentação e instrumento metodológico da pesquisa, ilustrando o percurso trilhado. Acredito que a

imagem é uma maneira de captar e registrar, para além da escrita, as vivências, e qualifica o texto, exprime atmosfera e as particularidades que constituem o espaço e tempo do lugar.

“As imagens dialogam com a realidade e com a representação dessa realidade. As imagens são observações estéticas e documentais dessa realidade” (ANDRADE, 2002, p.15). Assim, ao inserir a fotografia no trabalho, propus uma aproximação entre a ciência e a arte, uma complementando a outra, usando texto e imagem para discorrer sobre experiências. Ao mesmo tempo, a fotografia aperfeiçoa o olhar para elementos sensíveis e repletos de subjetividades e alteridade. Andrade (2005) explica que a fotografia contribui para desbravar e documentar o mundo desconhecido e colabora na apreensão de significados e fragmentos que moldam os relatos acolhidos no campo. Ela é uma auxiliar do texto e nos ajuda a compreender os pontos que são evidenciados na pesquisa.

Novaes (2012), pesquisadora que trabalha no viés da Antropologia Visual, afirma que a fotografia aparece como recurso estratégico que se alia ao caderno de campo, permitindo registrar o que dificilmente conseguimos descrever em palavras. Isso foi verificado nessa experiência com *As Meizinheiras do Pé da Serra*, na comunidade Chico Gomes.

A imagem possui uma questão estética, ao ilustrar o ambiente e sujeitos envolvidos, e é, ao mesmo tempo, uma forma de captar as particularidades que preenchem o espaço pesquisado, auxiliando no desbravamento e na apreensão dos significados do ambiente pesquisado. No período posterior ao campo, rever as imagens produzidas colaborou para relembrarmos as vivências e os pontos mais pertinentes. A fotografia inspirou e contribuiu na (re)criação do texto.

Posteriormente à experiência em campo, além das análises das fotografias, realizamos também a análise dos dados colhidos. Esta é o momento de ponderar sobre o que foi vivenciado, (re) escutar as entrevistas, transcrevê-las e vivenciar o processo de exercício da escrita.

Escrever é o ato de sistematizar leituras, traduzir sensações em palavras, experiência e conhecimentos; é o movimento de concretizar pensamentos e ideias, exige tempo e sensibilidade para se pensar (e sentir) no que foi vivenciado. Faço um paralelo com poema de Manoel de Barros, que compara a escrita ao ato de plantar.

No clarear do dia vou para o roçado a capinar
até de tarde tiro o meu eito: arranco inços tranqueiras,
joás e bosta de bugiu que não serve nem pra esterco.
Abro a terra e boto as sementes.
Deixo as sementes para a chuva enternecer.
Dou um tempo.
Retiro de novo as pragas: dejetos de aves, adjetivos.
(retiro os adjetivos porque eles enfraquecem as plantas)
E deixo o texto a germinar sobre o branco do papel
Na maior masturbação com as pedras e as rãs

Esse poema traz algo que é pertinente para a escrita científica: o tempo e a tranquilidade para amadurecer as ideias, o próprio texto e se aprofundar nos conceitos. Na escrita, construí uma interação das categorias analíticas escolhidas com as práticas existentes na cotidianidade.

Ao escrever, os pensamentos se transforma e, nesse movimento, transforma o próprio escritor, seus pensamentos, suas emoções e suas condições axiológicas. A escrita da pesquisa é muito mais do que um relato: é a narrativa da relação de quem escreve/ pesquisa com a situação investigada (ZANELLA, 2012, p. 89-90).

A escrita é a oportunidade de expressar sobre o laço que se cria com os encontros, no tocante as trocas culturais e a imersão nas alteridades. Através das confluências entre saber científico e saber popular, os sujeitos em questão saem enriquecidos. É na travessia, no ato de experiência, que se concretizam as práxis dos conhecimentos. Tuan (2003) explana que experiência é embarcar no desconhecido.

Experiência é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. Experienciar é vencer os perigos. A palavra experiência provém da mesma raiz latina (per) de experimento, experto e perigoso. 'Para se tornar um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo' (p. 18).

Ao mesmo tempo em que discorro sobre os processos de uso de plantas medicinais vinculado às territorialidades, relato o meu processo de formação enquanto pesquisadora. Foi partir da convivência com as pessoas da pesquisa, absorvendo um pouco do universo distinto da minha realidade, que ampliei e transformei a minha concepção de mundo.

O pesquisador transforma-se em educador quando, ao oferecer seu trabalho ao mundo, descreve o caminho por meio do qual conseguiu seu objetivo. Não nego que a publicação de conclusões corretas seja em si educativa, mas afirmo que a publicação de um bom método é educativa num sentido mais alto. (GILBERT, 1886 *apud* COLTRINARI, 2006).

O percurso acadêmico é o que dá significado à produção do trabalho final e elucida sobre o papel da ciência na sociedade e a importância da pesquisa científica, no sentido de promover possibilidades de diálogos entre diversos saberes. Ao inverso, de querer compreender que é a única detentora de conhecimento.

A pesquisa se torna um encontro, uma forma de aprender, compartilhar e traduzir em texto o envolvimento com lugares e pessoas, no intuito de captar um pouco da alteridade. A pesquisa não está concluída quando termina o texto. Ela traz qualidades para que a investigação consiga continuar e amadurecer cada vez mais. Minayo (2014) define pesquisa como atividade básica das ciências na indagação e construção da realidade. Ela alimenta a atividade de ensino. “Pesquisar constitui uma característica do acabado provisório e do inacabado permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados, pensamento e ação” (p. 47). Na interação de sujeito pesquisado e pesquisadora acontece uma alquimia de saberes e experiências. No caso do presente trabalho, a acepção do saber ancestral sobre práticas de saúde.

3 AS ERVAS MEDICINAIS: SABERES, USOS E PERCURSOS

“A emoção mais bela e profunda que podemos experimentar é a sensação do místico. Essa é a semente de toda a verdadeira ciência. Aquele para quem essa emoção é estranha, que não mais se maravilha ou se arrebatava em admiração, está tão bem quanto um morto.”
(Albert Einstein)

As plantas são de grande importância nutricional e energética para os seres humanos e para os demais seres vivos. Algumas delas são denominadas medicinais por possuírem propriedades que geram algum tipo de benefício à saúde. Indícios do uso destes vegetais, tanto os que curam quanto os tóxicos, foram encontrados em diversas sociedades, como, por exemplo, nas civilizações mesopotâmicas, gregas, egípcias, latinas, medievais e renascentistas.

Essas práticas são intrínsecas à história da humanidade. Estão em constante transformação, dialogando com diversos conhecimentos ditos modernos. São práticas consideradas singulares e plurais, pois revelam a característica de cada lugar e as relações dos espaços em que elas estão inseridas. O exercício dessas práticas se dá de forma diferenciada no Nordeste e no Norte do país, por exemplo, embora, na maioria das vezes, possuam a mesma base: as folhas, raízes, flores e cascas de plantas.

Essas práticas, mesmo inseridas na lógica capitalista, possuem características próprias que subvertem o mercado do lucro. Revelam laços de solidariedade, de um conhecimento que visa se difundir. Não tem interesse em se concentrar nas mãos de poucos; pelo contrário, compreende-se como patrimônio público ao qual todos podem e devem ter acesso. Dialoga com uma concepção mais holística sobre saúde, inserindo o ser humano como integrante da natureza a partir de sua multidimensionalidade: corpo, espírito e emoção. É dentro desse contexto que esse campo de conhecimento vai construindo sua forma de existir e resistir.

3.1 Contextualização histórica sobre o uso de plantas medicinais

O costume de recorrer a produtos *in natura* constitui-se como elemento significativo e perpassa por diversos momentos da história da humanidade. Os conhecimentos sobre os vegetais que curam surgem durante longos processos de experimentação e observação pelos seres humanos. Revelam os processos de buscas da necessidade de sobrevivência e de territorialização, o que levou os seres humanos a aguçarem a percepção sobre o espaço no qual estavam inseridos, especializando-se sobre o saber ambiental do próprio do território. Com o avanço da agricultura, esses conhecimentos e práticas foram se ampliando. Camargo (2014) relata que na Mesopotâmia é onde encontramos as bases de conhecimentos que nos ligam à história das plantas medicinais. Depois de longos processos, chegaram aos portugueses e, em seguida, a vários grupos sociais que se apropriaram desses conhecimentos. Na Antiguidade, as plantas tinham ainda uma importância mágica e vinculada à cura e ao bem-estar.

As plantas medicinais também possuíam um significado místico para diversos povos da Antiguidade. Os gregos utilizavam uma planta denominada *marrubiumvulgare* (amor-seco) para a quebra de encantamentos; os maias utilizavam *PetiveriaAlliacea* (ipacina), tanto para medicina, como para os rituais mágicos religiosos; já os guerreiros celtas e soldados romanos utilizavam *Boragoofficinalis* (borraja) para o preparo de um vinho que seria utilizado para dar coragem nas batalhas.[...]. Para alguns povos, a cura advinda das plantas tinha um caráter mágico e sobrenatural. Muitos povos da antiguidade acreditavam que unguentos, pomadas e poções teriam o poder de atuar sobre o 'corpo astral' e de produzir fenômenos fisiológicos a paranormais e da cura de doenças à morte (PEIXOTO NETO; CAETANO, 2005, p. 17).

Dialogando com essa vertente espiritual, os grupos ligados ao xamanismo faziam práticas ritualísticas de cura através de ervas. As práticas xamânicas são consideradas precedentes às religiões organizadas. Muitas das experiências xamânicas, incluindo as da América do Norte e do Sul, assim como a da Europa, se originaram na Sibéria, foram se modificando à medida que se deslocavam para outras partes do mundo (ACHTERBERG, 1996). Ainda hoje a cultura xamânica é difundida em diversos locais e vem ganhando distintos adeptos, visto que está ingressando nas ditas terapias alternativas, que ganham cada vez mais espaço no Ocidente, recebendo novos significados. Em alguns ritos, os xamãs usam ervas para alterar o estado de consciência.

Durante esses processos, eles acessam o espaço cosmo espiritual. Uma característica dessa cultura é a capacidade de cura pela imaginação. Pacientes e xamãs entram em processo coletivo no qual o poder imaginativo-mágico é potencializado. É importante frisar que nem todos os xamãs, seja na Antiguidade ou atualmente, utilizam as plantas de forma psicoativa, mas apenas nos cuidados com a saúde.

No sistema xamânico, o problema básico não é o elemento externo, mas a perda de poder pessoal que permitiu a invasão, seja uma flecha, seja de um mau espírito, [...]. Assim, o tratamento xamânico de todas as enfermidades dá ênfase, em primeiro lugar, ao aumento de poder da pessoa doente, e apenas em segundo lugar se opõe ao poder do agente que produziu a doença. [...] pois as chamadas causas externas primárias das doenças graves – vírus, bactérias e outros elementos invisíveis no meio ambiente – só constituem ameaça à saúde quando a camada protetora natural de uma pessoa desenvolve uma fraqueza (ACHERBERG,1996, p. 23).

Os processos de cura, a partir de propriedades da natureza, têm por objetivo reestabelecer a conexão do indivíduo com o meio ambiente e com o próprio ser. Para essa cultura, a finalidade é o desenvolvimento espiritual. A saúde integra o campo espiritual aos ambientes naturais, o que significa estar conectado com as energias da natureza.

No período medieval havia a relação da doença ligada ao pecado ou como castigo. Nesse tempo, as práticas terapêuticas se resumiam às orações e ao uso de algumas ervas, sendo que estas práticas foram socializadas até o final da Idade Média por grande parte da população. Por volta do século XVI, as pessoas que detinham esses conhecimentos começaram a serem perseguidas pela Igreja. Eram chamadas de curandeiras e foram julgadas por assombrar as pessoas e por possuir pactos com “espíritos demoníacos”. Muitas destas pessoas, majoritariamente mulheres, foram vítimas da Inquisição.

As curandeiras, seguidoras das práticas pagãs, eram inteiramente xamânicas por acreditarem na unidade e vida de todas as coisas e por suas tentativas de usar as forças da natureza como propósito de cura. [...] elas conheciam os remédios feitos com ervas e encantamentos mágicos, e sua capacidade de aliviar a dor e curar sobreviveram ao longo da Idade Média. O emprego de anestésicos naturais era valioso em uma época em que a maior parte da humanidade era atormentada por vários tipos de dor. Como por exemplo, o uso de raízes da mandrágora (ACHERBERG, 1996, p. 63).

Camargo (2014) coloca que, nesse período, generalizou-se na Europa forte repressão às mulheres, conhecido como o período de “caça às bruxas”.

Estas eram requeridas para as práticas de feitiçarias referentes às relações amorosas e para restaurar ou destruir a saúde. Elas preparavam poções, faziam feitiçarias, usavam amuletos etc. “Eram mulheres cultivadoras ancestrais de ervas que devolviam a saúde que, na Idade Média, com o saber intensificado, passaram a representar ameaça à classe médica que despontava das universidades feudais” (MURARO, 1991 (*apud*) CAMARGO, 2014, p.70).

As experiências advindas das práticas preventivas e curativas, bem como os malefícios exercidos pelas mulheres, se colocavam em confronto com a realidade científica que despontavam naquele momento. As mulheres sofreram perseguições e extermínio, pois representavam grande “perigo”, devido aos conhecimentos que possuíam. Nesse período essas mulheres eram curadoras, detentoras de saberes, tinham sensibilidade para observar a natureza e utilizá-la para diversas finalidades.

Em um período histórico próximo a esse, as grandes navegações tinham como investida, dentre os interesses de conquista de território, as trocas de especiarias. Várias rotas foram construídas a fim de realizar um comércio entre Ocidente e Oriente para câmbios de ervas e afins, que seriam utilizadas como temperos, alimentos, remédios e em cultos, contribuindo, assim, para desenvolver o mercado entre lugares considerados longínquos. Desse modo se construiu a história de várias civilizações e impérios, com um significativo trânsito entre Ocidente e Oriente. Há outras formas, mais profundas, de utilização de plantas medicinais, desenvolvidas no Oriente, na África e por povos indígenas do continente americano. Em diversas partes do mundo e diferentes tempos, a relação com plantas medicinais se faz importante e tem um lugar significativo nos processos sócio-históricos da humanidade.

3.2 A influência das matrizes indígenas, africanas e europeias nas práticas de cura no Brasil.

“Sem folha não tem sonho
 Sem folha não tem vida
 Sem folha não tem nada
 Quem é você e o que faz por aqui
 Eu guardo a luz das estrelas
 A alma de cada folha
 Sou Aroni
 Così euê
 Così orixá
 Euê ô
 Euê ô orixá
 Sem folha não tem sonho

Sem folha não tem festa
Sem folha não tem vida
Sem folha não tem nada
Eu guardo a luz das estrelas
A alma de cada folha
Sou aroni.” (Salve as folhas, Maria Bethânia)

No Brasil, as experiências com vegetais voltados para cura são frutos das influências culturais que constituem o saber popular. Este é desenvolvido por pessoas e o convívio com o ambiente, apropriando-se e (re) construindo-o a partir das experiências cotidianas. O saber popular está veiculado ao local em que está sendo reconstruído e dialoga com outros saberes de forma global. A utilização dos vegetais extraídos ou cultivados como plantas curativas em nosso país é resultante de influências culturais de indígenas, europeus, africanos e outros povos que formam a matriz étnica brasileira.

Na concepção indígena, o ser humano está inserido no meio ambiente; não há uma cisão. O corpo social é mais um componente dentro da grande mãe que é a natureza. Os demais elementos, como a floresta e o rio, são sagrados, pois são fontes de conexão com as divindades e uma forma de acessar o bem-estar. O meio ambiente e as práticas médicas indígenas, nesse contexto, são o *locus* de acesso à saúde, e se desenvolvem em um universo imaginário-místico, associando a interação física e espiritual, numa relação direta com a natureza. A figura do pajé é bastante significativa; é a pessoa mais velha responsável por equilibrar o bem-estar dos índios, e utiliza-se de ritos, rezas e uso de plantas que são “remédios” para as curas de doenças que acometem os habitantes do povoado. O aprendizado está associado aos legados deixados pelos mais antigos e está vinculado a um dom que lhe atribui esses conhecimentos.

Darcy Ribeiro (1995), na obra *O povo brasileiro*, expõe que os indígenas, desde outrora, nos deixaram muitos legados. Eles são os povos originários do Brasil; já viviam há bastante tempo nestas terras. Antes de vivenciarem o processo de colonização pelos portugueses, possuíam uma íntima relação com a natureza que até hoje é observável.

Esses povos chegaram a conhecer a natureza em detalhe, sabiam o nome de cada bicho, de cada planta, e sabiam para que serviam e para que não serviam. Viveram aqui por cerca de dez mil anos, comungando com a natureza. Tiraram da natureza dezenas de plantas selvagens e as domesticaram. Para poder plantar na roça tudo junto (RIBEIRO, 1995).

Ribeiro (1995) expõe que, dentre esses legados que se encontram misturados às mais diversas práticas culturais brasileiras, pode-se citar: o complexo repertório de técnicas e conhecimentos para se deslocar no território, hábitos alimentares, hábito do banho diário e os conhecimentos sobre o uso de várias ervas, árvores e frutos. Todavia, o antropólogo afirma que o legado vivo mais profundo que os índios nos deixaram é o exemplo de que é possível um povo viver magnificamente integrado à natureza, numa trama de coexistência pacífica e amistosa, semelhante ao que nos é apresentado pelas mezinheiras do Cariri.

Camargo (2014) afirma que, nas crenças de origem indígena e africana, o denominador comum entre essas linhagens é o caráter nitidamente imaginário-místico de que eram investidos os vegetais. A espiritualidade ilustra o caráter sacral das práticas populares de saúde. Nestas cosmovisões, mente, corpo, espírito e ambiente se apresentam como indivisíveis. A concepção de saúde e doença está vinculada à ausência de enfermidades e à saúde do ambiente. A terra é algo bastante importante; é local onde cotidianamente são repassados os legados dos antepassados.

A mesma autora afirma que o sistema de crença no Norte e Nordeste são os que mais deixam evidente a presença da influência indígena nas práticas de cura, como a pajelança e o catimbó. O primeiro trata-se de um culto de natureza xamânica indígena, no qual a figura central é um pajé curador. Já no catimbó, no íntimo desse sistema de cura está a presença dos ensinamentos sobre a flora. No seu ritual utiliza-se a jurema, que dá poderes de clarividência, cura e transe.

As plantas que curam conhecidas pelos pajés juntavam-se às tradições do bruxo europeu e do negro, também grande conhecedor dos segredos das ervas. Os pajés acentuavam-se receituários de procedência vegetal, chás, infusões, traziam juntos aos seus corpos amuletos, orações fortes, lascas de juremas ou outra madeira sagrada (CAMARGO, 2014, p. 214).

Em alguns rituais, os índios utilizam bebidas sagradas, como o vinho da jurema e a ayahuasca.⁸

Em relação à participação portuguesa no período da colonização, os jesuítas

⁸ É uma bebida originária das tradições de cura da Amazônia peruana, sendo uma planta alucinógena e utilizada como método terapêutico. O uso ritualístico desta bebida liga-se a diversos movimentos religiosos, destacando-se os cultos do Santo Daime e União Vegetal, que hoje se encontram espalhados por todo o país.

foram responsáveis por difundir os conhecimentos sobre ervas medicinais que eram trazidas da Europa; destas, uma parte significativa era originária da Ásia e da Índia. Posteriormente, começaram a cultivar as plantas em terras brasileiras e produzirem remédios, como alecrim, erva-cidreira, boldo, coentro, cravo-da-índia e outros.

Araújo (1999) ilustra que, com a miscigenação, a medicina do povo transformou-se num rio caudaloso de influências, recebendo diversidades altamente criativas de culturas e de povos, o que vem a representar o espírito de brasilidade da cultura popular. A medicina do povo tem influência marcante dos grupos étnicos que formaram as bases do povo brasileiro. Dos indígenas nos veio o conhecimento das propriedades farmacológicas da flora brasileira. A utilização de recursos mágicos e sobrenaturais empregados pelos antigos pajés é importante para essa tradição. “A medicina que veio nos navios negreiros era caracteristicamente fetichista e mística. Muito dos escravos que para aqui vieram eram curadores, raizeiros e versados na arte dos feitiços” (ARAÚJO, 1999, p. 17).

Do contato dos índios com colonos portugueses e negros surgiu a figura do caboclo, entidade espiritual respeitado pelos poderes de curas nas reuniões de catimbó e pajelança. Os africanos trouxeram para o nosso país contribuições para as práticas médicas populares. Em rituais nas religiões afro-brasileiras, as folhas desempenham um papel funcional e simbólico, sendo de vital importância nesses momentos.

Vasconcelos (2006) explica que existe uma afirmação, *kosíwe, kosí orixá*, que significa: sem folha não há orixá. As folhas são possuidoras de uma energia e de um poder que, nestas religiões, são colocadas como axé. A força e a proteção dadas ao vegetal são representadas pelo Orixá Ossaim, “Senhor das folhas”, que orienta com sabedoria a realização de preparos usados magicamente tanto nos rituais quanto nos remédios.

No período colonial, uso curativo das plantas significou estratégia de resistência cultural. Vasconcelos (2006) relata que, durante o período escravista, os donos de escravos autorizavam o uso dos conhecimentos referentes à cura através das plantas. Essa concessão se dava para eximi-los da responsabilidade dos cuidados com a saúde e pela própria deficiência médica daquele período. Os brancos também recorriam às terapias com ervas desenvolvidas pelos escravos. Contudo, salienta quem naquele contexto, o poder das plantas estava ligado diretamente ao conteúdo mágico-simbólico. Permitir práticas curativas significou consentir os rituais afros.

Eliade (1992), ao realizar uma investigação sobre as experiências sagradas e

profanas no seio das práticas populares, explica que em diversos contextos a natureza não é exclusivamente “natural”, está carregada de um significado de sagrado. O autor explica que o cosmo é uma criação divina. O mundo, assim, é carregado de sacralidade. Fazendo-nos compreender que

[...] para o homem religioso que os ritmos da vegetação revelam o mistério da Vida e da Criação, e também da renovação, da juventude e da imortalidade. Poder-se-ia dizer que todas as árvores e plantas consideradas sagradas (por exemplo, o arbusto asbvatba, na Índia) devem sua condição privilegiada ao fato de encarnarem o arquétipo, a imagem exemplar da vegetação. Por outro lado, é o valor religioso que faz que uma planta seja cuidada e cultivada. Segundo alguns autores, todas as plantas cultivadas atualmente foram consideradas na origem plantas sagradas (ELIADE, 1992, p. 74).

Camargo (2014) explica que nos rituais religiosos afro-brasileiros, como a Umbanda e o Candomblé, possuem como característica o desenvolvimento da mediunidade e a relação das plantas com as divindades cultuadas. Nesses espaços, o sistema de cura também se dá nas ordens espiritual, física e mental. As plantas são usadas no campo simbólico, possuindo uma força mística que está para além dos princípios farmacológicos. Há consulta espiritual sobre as manifestações orgânicas que definem as terapias a serem aplicadas.

É importante entender essas práticas de cura e a cosmovisão que lhes impulsiona, assim, sendo possível compreender uma dimensão da parcela da população que lhe fazem uso. Nesse contexto, as plantas medicinais têm valor sacral e revelam as características da população que as utiliza.

3.3 Práticas de cura popular contemporâneas, confluências de saberes.

“Medicinas populares são, sobretudo, ‘medicinas das pessoas’. Elas dão-se o tempo da palavra ou da escuta, o tempo do gesto, e do silêncio.” (Le Breton)

Uma parte da população de nosso país lança mão das práticas de cura, devido à grande biodiversidade e às dificuldades de acesso ao atendimento público de saúde. Matos (2002)⁹ coloca que aproximadamente cerca de 82% da população

⁹Farmacêutico cearense que fez vasta pesquisa sobre as propriedades das plantas medicinais, especialmente as do Nordeste brasileiro. O projeto Farmácias Vivas ganhou visibilidade nacional e é referência em pesquisas vinculadas à fitoterapia. O professor/pesquisador José de Abreu Matos focou o

brasileira utiliza produtos à base de plantas medicinais nos cuidados primários de saúde. Mesmo com poucos estudos que confirmem a sua eficácia, a planta medicinal, fresca ou seca, é utilizada por até 90% da população menos abastada do Nordeste para a solução dos problemas de saúde.

Nos espaços agrários, torna-se ponto importante como fonte de renda, sendo um dos produtos que mais movimentam os mercados populares, feiras etc., sendo vendida *in natura* ou na forma de remédio caseiro.

É nessa apropriação do potencial medicinal das ervas e cascas de determinadas plantas que alguns projetos vêm se desenvolvendo, seja para uso doméstico, da comunidade ou como empreendimento gerador de renda. Há uma oferta de plantas nativas de valor medicinal, cujas propriedades são conhecidas pelas comunidades, que mantêm como patrimônio cultural as receitas caseiras: lambedores, chás, banhos, infusões, unguentos de plantas e o uso de sementes e folhas para benzeduras. Dentro desses grupos de sujeitos sociais podemos encontrar: rezadeiras/ benzedoras, raizeiros, mateiros, curandeiros, erveiros e etc. (CARVALHO, 2010, p. 51).

Os remédios caseiros produzidos a partir das plantas medicinais tornam-se uma forma de promoção de saúde e de autonomia das populações do campo.

As plantas se tornam uma propriedade significativa para alcançar a segurança alimentar e nutricional, sendo produzidas nos mesmos espaços dos alimentos, possuindo múltiplas utilidades, como remédios e temperos, por exemplo. Além disso, caracteriza-se como pilar importante no projeto político-econômico da agroecologia, no qual as práticas e modo de vida camponês são compreendidos como alternativa ao paradigma econômico e produtivista dominante, o agronegócio. Assim, as práticas diárias e interativas dos camponeses, a relação com a terra e o arcabouço no tocante à forma de produzir é que trarão respostas para as problemáticas agrárias existentes. A lógica produtivista, pensada apenas para a produção de *commodities*, exportação e pautada no latifúndio, além de trazer insegurança alimentar, conflitos, violência no campo e desigualdades sociais, traz também insegurança na autonomia das populações do campo no que diz respeito à saúde popular. Assim, o cultivo de plantas medicinais é um dos pilares do projeto político e produtivo agroecológico, construindo, a partir do fortalecimento do modo de vida e produção da lógica, diversificação e a auto-organização dos camponeses.

trabalho na atenção básica, abrindo espaço para o resgate das tradições etnofarmacológicas da população nordestina. As pesquisas e o projeto serviram de modelo para a criação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no SUS (Sistema Único de Saúde).

O I Encontro Nacional de Mulheres e Plantas Medicinais, promovido pelo Grupo de Trabalho Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA), realizado em Campina Grande, na Paraíba, em 2010, teve o intuito de desvelar o trabalho das agricultoras no cultivo, preparo e uso de plantas medicinais. Nessa ocasião foi afirmado que as agricultoras são as que possuem papel fundamental na transmissão, de geração a geração, dos conhecimentos sobre as qualidades, propriedades e aplicação de plantas medicinais para a saúde humana. O encontro contribuiu para mapear as atividades realizadas no cotidiano das camponesas envolvidas, principalmente a partir das seguintes dimensões: antropológica – resgate do saber e da identidade camponesa; pedagógica - no qual a planta medicinal é o núcleo pedagógico de educação popular para a saúde; econômica – redução de custos para as famílias com alguns medicamentos básicos, assim como também para a atenção primária à saúde; ecológica – conservação das espécies de plantas que fazem parte da diversidade biológica e são patrimônio imaterial; terapêutica – as plantas têm um importante valor medicinal, sendo importante agregar os conhecimentos produzidos cientificamente ao saber empírico.

No III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), ocorrido em junho de 2014, em Juazeiro, na Bahia, o debate se construiu trazendo a reflexão de que as mulheres estão à frente dos cultivos deste tipo de atividade e se apropriando dos usos das plantas medicinais para a saúde humana. Foi um momento fecundo para se refletir sobre a importância do fortalecimento dos saberes tradicionais. Foram discutidas as potencialidades que cada bioma do Brasil possui e os desafios para existência e (re)atualização dessas práticas e fortalecimento do modo de vida camponês. Ademais, questionou-se a estratégia da indústria farmacêutica, que se insere na lógica hegemônica de domínio do mercado sobre todas as outras formas de relações da sociedade.

O conjunto de conhecimentos empíricos desenvolvidos pelas populações e a interação com ambiente se distinguem do sistema científico médico atual. Não há uma sistematização das práticas de saúde, e por isso os processos não acontecem de modo linear. Elas se constituem como um conjunto de saberes relativos à saúde de forma multifacetada, e o mecanismo dessa transmissão é, sobretudo, a tradição oral. Além disso, constituem-se por meio dos conhecimentos tradicionais, miscigenados com diversos saberes modernos.

Existem diversas denominações para as expressões de saúde popular, como: fitoterapia, medicina mágica, religiosa, escatológica e mística, sendo praticada por públicos diversos. Existe um debate que se volta a compreender se o uso de remédios caseiros acontece de forma mais ampla pelas classes populares, devido, especialmente, às dificuldades de acesso e à precarização do serviço público de saúde.

Assim, a utilização de plantas medicinais e práticas alternativas se realizam devido à interação entre sociedade e natureza; à conexão ainda presente entre o ser humano e o ambiente. Outra questão pertinente que torna bastante presente essas práticas é a problemática da medicina hegemônica – vinculada a um saber médico e científico e oficializada/ legitimada pelo Estado. As limitações se apresentam, especialmente, através dos seguintes pontos: sistema de saúde público deficiente e sistema privado elitista, configurando-se como mercadoria que, para acessá-la, paga-se caro. Além disso, em ambos sistemas, a relação entre médico e paciente ocorre, geralmente, de forma distanciada e hierarquizada.

Araújo (1999) ilustra que as práticas tradicionais de saúde se veiculam a uma determinada visão de mundo, de doença, de organismo e de saúde. Esta visão é próxima ao universo de experiência da população que a consome. Assim, a relação entre os agentes de cura e as pessoas que procuram os benefícios acontece de forma mais horizontal do que na medicina hegemônica, onde o médico é visto como o único detentor do conhecimento. Muitas vezes se constrói uma relação de submissão, hierarquia e de pouca segurança, causando um processo de estranhamento no universo da doença e acessos à cura pelos doentes. Isso se dá, especialmente, pela pouca comunicação entre médico e paciente, pois aqueles acabam não sendo tão claros sobre a doença, repassando poucas informações ao enfermo, que muitas vezes é considerado incapaz de compreender o processo na totalidade.

As explicações dadas pelo médico ao doente variam, efetivamente, em função da classe social do paciente. Os médicos, em geral, não dão longas explicações senão àqueles que julgam “bastante evoluídos para compreender o que vai lhes ser explicado”. Para o médico o doente das classes populares é em primeiro lugar um membro de uma classe inferior à sua, possui o mais baixo nível de instrução, e que, fechado na sua ignorância e seus preconceitos, não está portanto em estado de compreender a linguagem e as explicações do médico, e a quem, se quer fazer compreender, convém dar ordens sem comentários, em vez de conselhos argumentados (BOLTANSKI, 2004, p. 38).

As práticas populares de saúde levam em consideração, além de uma avaliação geral do corpo, as especificidades da vida do paciente, a fim de para compreender a causa da doença e atuar em cima dela. Os agentes sociais vinculados às práticas de saúde popular são, comumente, da mesma classe social e possuem uma linguagem mais compreensível, fazendo o paciente conseguir se apropriar do contexto em que está inserido, da relação com o próprio corpo e se sentir protagonista do processo de cura.

Na biomedicina não ocorre um estímulo para o paciente ser protagonista de cura e fazer parte do campo de investigação, diferentemente das terapias populares, que requerem mudanças e ações do paciente. Existem, para além dos remédios caseiros, receitas de alimentação, comportamentos e indicações de cuidado nos âmbitos espiritual e emocional. As práticas populares de saúde se constituem como sistema que envolve técnicas de diagnósticos e interpretações terapêuticas voltadas ao ser humano em suas dimensões física, mental e espiritual. Os comportamentos humanos e as definições

[...] abrangem uma concepção holística – corpo/ alma/ matéria/ espírito. Na medicina popular, há uma série de patologias que ‘só a reza cura’ (Uma medicina de contorno essencialmente mágico – religioso). Cosmovisão médica holística calcada na espiritualidade. A planta deixa de ser um agente isolado de cura, soma-se com a crença (CAMARGO, 2014, p. 31).

Geralmente, o saber da biomedicina é mais pragmático, focado na especialização da doença-órgão; não faz a relação com ambiente e o contexto social. Germán Zuluaga, pesquisador de comunidades tradicionais e de práticas médicas no México, define a biomedicina como

[...] el modelo imperante que se caracteriza por ser organicista, curativo y especializado. Organicista, por cuanto el centro de interés gira en torno del cuerpo humano y a la representación de la enfermedad en los órganos y sistema corporales. Es también especializado, por cuanto la atención de enfermo se dirige a una visión estructuralista del cuerpo humano y surge un especialista para cada órgano, sistema o grupo de las enfermedades (ZULUAGA, 2006, p. 161).

As práticas de saúde popular estão em consonância com os temas ambiente e cultura. Sobre esses conhecimentos que marcam as características das expressões populares de saúde, Germán Zuluaga (2006) expõe que as populações adquiriram conhecimentos que formam parte do acervo cultural de cada povo. São conhecimentos ligados a sobrevivência, modos de produção, experiências artísticas e religiosa, sendo utilizados espontaneamente na vida cotidiana.

Campos (1967) explica que o sertanejo com dificuldades de receber um tratamento científico médico, observando o comportamento dos animais nos ambientes, recorrem a atributos do mato para alívio de dores e curas de doenças.

O sertanejo, em seus instantes de aflição e levando em consideração que os animais acometidos por um mal qualquer procuram alívio muitas vezes em certas raízes e plantas (como é o caso do teiú, que mordido por uma cobra, na crença sertaneja, corre para o mato em busca da batata-cabeça-de-negro, que o cura do veneno), foi a pouco e pouco sanando os possíveis obstáculos à recuperação da saúde, experimentando, para seus achaques, mezinhas obtidas pela maceração, infusão ou cozimento de raízes, folhas de algumas ervas e cascas de arbustos e árvores existentes na sua geobotânica (CAMPOS, 1967, p. 27).

Campos (1967) coloca que o sertanejo, na eminência de um mal que o aflija, saberá, através da observação e experimentação, aplicar os conhecimentos de curandeiro. Assim, o autor coloca que a população interiorana carrega consigo esses conhecimentos empíricos. O interesse em guardar e transmitir os saberes que vêm se aperfeiçoando e se transformando ao longo do tempo se explica pela constante falta de médico, especialmente no interior do País.

Campos (1967) se refere a alguns tipos de agente de cura que estão presentes na realidade sertaneja no Nordeste brasileiro. Citarei alguns exemplos a partir da visão do autor. O curandeiro destaca-se pelo tratamento que fornece aos doentes, empregando garrafadas preparadas de acordo com receitas especiais que variam de um para outro. Quase sempre são receitas que contêm álcool. Receita, também, mezinhas compostas de raízes e ervas outras medicinais. Já o rezador é conhecido por suas rezas e práticas mágicas com que trata as enfermidades. Raizeiro, por sua vez, é bastante conhecedor da nossa farmacopeia; valoriza os remédios do “mato”, por serem naturais e empregados com toda força a “sustança” da natureza. Adentra-se na mata para retirar as cascas, raízes e folhas necessárias para as mezinhas. Geralmente, são os fornecedores dos mercados públicos. As mezinheiras são as mulheres do campo que possuem

conhecimentos de mezinhas – remédios caseiros– e os disponibilizam para tratamento de enfermidades. Utilizam plantas medicinais conhecidas na região e com estas produzem diversos medicamentos. A palavra mezinha vem do latim e é originária da região da Galícia – Portugal, falada durante a Idade Média. Esse termo veio junto com os portugueses para o Brasil. No Nordeste, se difundiu com os legados indígenas e africanos.

As mezinhas são os ensinamentos que proporciona conforto, saúde e melhoria de vida para o seu semelhante. É logo ensinado aos outros sem reservas. São receitas de remédios, mas também são bons conselhos, uma oração, uma atenção e um cuidado. Mezinha é a ‘ciência’ do sertanejo (CAMPOS, 1958, p. 1).

Esses sujeitos de cura são encontrados no campo, em vários contextos, e compõem o universo de saúde popular. São agentes que contribuem para a saúde da população, utilizando o saber popular em suas práticas terapêuticas e tendo uma compreensão de que saúde abarca o campo físico e espiritual.

Na análise sobre pesquisa social no campo da saúde, Minayo (2008) pontua que saúde e doença expressam, no corpo ou na mente, particularidades biológicas, sociais e ambientais, vividas subjetivamente na peculiar total idade existencial do indivíduo ou dos grupos.

As formas como cada sociedade lida com esses fenômenos e os cristalizam, os simbolizam e os compreendem, em resumo, saúde e doença importam tanto por seus efeitos no corpo como por suas repercussões no imaginário: ambos são reais em suas consequências (p. 31).

As práticas de saúde popular são caracterizadas pelo valor da ancestralidade, mas também estão em constante transformação, encontram-se com diversos conhecimentos contemporâneos. Os encontros vão fortalecendo e acumulando debates, construindo processos híbridos e dinâmicos de práticas populares de cura. “Essas práticas, nascidas no meio de relações entre sociedade, feita por ela e com respostas às suas necessidades, são permanentemente atualizadas. Por serem práticas fecundas e dinâmicas, elas são constantemente (re) inventadas” (OLIVEIRA, 1985, p. 26). Estas práticas são formadas por um conjunto de expressões que se modificam historicamente.

Los sistemas médicos tradicionales no son estáticos. Se encuentran en permanente transformación, de acuerdo con los cambios históricos de cada pueblo y cultura, y para El siglo XXI en proceso de adaptación al fenómeno de la globalización y de la imposición de modelos culturales y

de desarrollo homogenizantes, fenómeno que también afecta y obliga a cambios en los propios modelos de prestación de la medicina moderna (ZULUAGA, 2006, p. 172).

Esses atos não estão estáticos; eles vão se reatualizando, moldando, com a característica atual das comunidades contemporâneas, a especificidade de cada lugar a partir de um diálogo entre o global e o local. Em alguns momentos não faz uma negação, pelo menos não na totalidade, dos remédios alopáticos, e em determinadas circunstâncias são consumidos em parceria, dialogando com a pergunta de partida que motiva essa pesquisa. Depreende-se, portanto, que essas práticas devem ser entendidas como parte de um processo histórico vivo e atual; possui movimentos de transformações e recriações. É a mutabilidade que as torna bastante atuais. Oliveira (1985) ilustra as práticas estão incorporadas aos nossos atos concretos e são vividas cotidianamente. Estes atos estão cristalizados em hábitos, costumes e tradições. Há um debate para compreender essas práticas através da pluralidade, pois, como foi colocado, existem diversas formas de compreender esses saberes de saúde popular.

Más recentemente, dada la diversidad cultural que aún encontramos en el planeta, se há preferido hablar de medicinas tradicionales, en plural, intentando así evitar la homogenización de conceptos y prácticas tradicionales (ZULUAGA, 2006, p. 165).

Uma característica interessante, dentro desse contexto, são as relações de solidariedades existentes. Estas práticas aproximam e fortalecem as relações sociais das pessoas envolvidas. Não há um interesse em reter o conhecimento para si, e nem sempre os valores monetários são estabelecidos entre os sujeitos em questão. Existe uma compreensão de que é um conhecimento público ao qual todos podem e devem ter acesso. Formam-se, assim, com frequência, estratégias de ressignificação, a fim de torná-la uma aliada na resistência e existência das pessoas, especialmente as socioeconomicamente menos favorecidas.

Geertz (1997) explica que o saber local, ou saber comum, que o autor também chama de bom-senso, é um conjunto de conhecimento originado diretamente de experiências, possuindo as seguintes características: *naturalidade*: não existem muitas reflexões e questionamentos por parte da população que lhe faz uso, isto é, as coisas são porque são, pois é assim sua natureza; *praticabilidade*: procura por coisas que são práticas e possuem serventia nos hábitos diários; *leveza*: a simplicidade e literalidade podem servir tão bem quanto e por fim, *acessibilidade*, é simplesmente a presunção, ou

a insistência, de qualquer pessoa captam as conclusões dos saberes populares e podem adotá-las nas práticas de vidas. O autor coloca que o saber local está aberto para todos, é propriedade de qualquer cidadão. Representa o mundo como um mundo familiar, que está acessível para todos. É papel do pesquisador compreender como esse saber, transformando-se em expressões culturais, é articulado e fundido, descobrindo métodos que auxiliem a interpretar as formas de vidas existentes.

4 AS MEIZINHEIRAS DO CARIRI E AS EXPERIÊNCIAS COM USO DE PLANTAS MEDICINAIS

“Neste país continente,
 Que a gente chama Brasil,
 No miolo do nordeste
 Onde o meio é mais hostil,
 Onde a caatinga é mais fina
 A providência divina fez um chapadão viril.
 Araripe, disse o índio,
 Deu o nome com razão
 Era o rio das araras
 Que hoje não há mais não,
 Tal como o porco Queixado,
 Guariba, Bola e pintada
 Não tem mais nesse rincão
 Chapadão do Araripe
 Beleza sem outra igual,
 Mataria exuberante
 Clima ameno especial,
 Altitude avantajada
 Média de chuva dobrada
 Em face ao sertão central
 Trinta léguas de comprido,
 Cinco a doze de largura,
 O Araripe é de fato
 Um anjo de criatura
 As águas que caem aqui
 Tem por destino servir
 Pra amenizar a secura.” (Bezerra, 1995)

A região do Cariri cearense, localizada ao sul do estado do Ceará, Nordeste do Brasil, foi ocupada historicamente pelos índios *Kariris*. Esta se tornou, em meados do século XVIII e início do século XIX, uma área de apoio e de passagem para os boiadeiros e suas manadas, vindos da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Os pecuaristas adentravam pelo sertão em busca de novos pastos. Neste contexto, houve intensos conflitos entre os boiadeiros e os indígenas.

Durante o período de colonização do interior das Capitânicas do Norte, especificamente a do Ceará, os caminhos do gado levaram diversos grupos humanos às inúmeras localidades desse interior ainda indomável pelo homem branco. Das muitas estradas boiadeiros que serpentavam essa Capitania as principais cruzavam o Cariri (OLIVEIRA, 2004).

O Cariri é uma área úmida de brejo, possui condições geoambientais favoráveis para produção de cana de açúcar. Dessa forma, tornou-se berço para a agroindústria canavieira instalada na região na metade do século XIX. Com decorrer do tempo, a produção desta monocultura trouxe crescimento econômico para a região, mas este não foi acompanhado pelo bem-estar social.

No início do século XX, os engenhos chegaram a trezentas unidades, produzindo rapadura e aguardente para todo interior do Nordeste (MENEZES, 2007). A produção dos engenhos era voltada para a fabricação de aguardente e rapaduras, produzida, na grande maioria das vezes, para o consumo interno. A rapadura era vendida nas feiras do Crato e nas cidades próximas. Em menor porte, o algodão e a agricultura de subsistência tiveram participação significativa na economia local.

Por ser mais resistente à seca (como a mandioca e o algodão) se adaptou aos solos de brejos e pés de serra, a cana encontrou no Cariri condições essencialmente favoráveis ao seu desenvolvimento, chegando a representar 80% da economia regional (ARARIPE, 1986, p. 79).

No caso das unidades produtivas de cana de açúcar, o que predomina são as relações de moradia. O trabalhador reside na propriedade sem pagar aluguel e com certas obrigações. Geralmente, os moradores têm contrato de meia e terça no que tange ao cultivo da cana, enquanto as culturas de subsistência lhes pertencem (ARARIPE, 1986).

Esta monocultura começa a entrar em declínio na década de 70 e 80 do século XX, e muitos produtores acharam mais compensador a comercialização do produto *in natura*, devido ao excesso de produção, falta de mercado, armazenamento, fatos que ocorreram neste período. Também pela perecibilidade do produto, a necessidade de armazenamento e mão de obra “pouco qualificada”.

O Cariri faz fronteira com os estados de Pernambuco, Piauí e Paraíba, proporcionando-lhe uma posição estratégica dentro do Nordeste no que se refere à equidistância para as principais capitais nordestinas, facilitando um fluxo significativo e variado em relação a essas cidades (MENEZES, 2007).

A região do Cariri possui vegetação e águas perenes, contrastando com o sertão semiárido que o cerca. Foi considerada por bastante tempo uma zona à parte no interior do Nordeste. “É o Cariri uma estreita faixa de terras sertanejas, com fontes que nunca secam” (PINHEIRO, 2009, p. 31). Contudo, a região vem passando por sérios problemas hídricos, as fontes de águas, que atualmente são aproximadamente 330, vêm diminuindo consideravelmente, devido ao desmatamento, trazendo como consequência o lixiviamento do solo. O Cariri possui bom potencial de águas subterrâneas, além do aquífero de Ararajara, na chapada, o Santana, em Missão Velha, e o aquífero inferior entre Brejo Santo e Mauriti. A pluviosidade local é bastante acentuada. Os postos pluviométricos dos municípios de Juazeiro do Norte, Barbalha e Crato registram média

anual de 1.033mm. Para toda região do Cariri a média é de 920 mm, possuindo um clima subúmido (IPECE, 2014). Esta média é bastante significativa, se comparada ao nível pluviométrico das demais regiões do estado do Ceará.

Nos aspectos geológico e geomorfológico, o Cariri cearense está localizado na Chapada do Araripe, constituída de latossolos amarelo e vermelhos-amarelados, compostos pelo arenito Exu, caracterizados por serem solos profundos, bem drenados e boa fertilidade. Apresenta um relevo tabular quase plano, formando uma extensa “mesa”, em níveis altimétricos de 850 a 900 m, com vertentes íngremes e simétricas de extensão de 170 a 180 km, com formação do período cretáceo. A vegetação caracteriza-se pelas seguintes tipologias: floresta úmida semiperenifólia, vegetação de médio porte, muito densa, e dentre as espécies se destacam: murici, jatobá, pequi, pau terra, entre outros, e floresta úmido-cerrado (INSTITUTO CHICO MENDES, 2012).

A chapada acolhe a Floresta Nacional do Araripe (FLONA-Araripe), que atualmente está sob responsabilidade do Instituto Chico Mendes. A FLONA-Araripe abrange os seguintes municípios cearenses: Crato, Barbalha, Santana do Cariri, Jardim e Missão Velha. As principais problemáticas ambientais do local são: os desmatamentos e o tráfico da fauna silvestre, enfraquecendo o ecossistema local. As araras que deram o nome a região (Araripe significa, em tupi, lugar de araras) entraram em processo de extinção devido a esse crime ambiental.

Nestes municípios existem comunidades que se encontram na reserva ambiental da Floresta Nacional do Araripe. De acordo com o plano de manejo, as comunidades que se localizam no entorno da Floresta Nacional do Araripe e da Unidade conservação da Chapada do Araripe realizam atividades de agricultura familiar, criam de animais de pequeno porte, (como galinhas, bodes, cabritos, suínos), e somam a renda a aposentadoria e programas sociais. As atividades religiosas são exemplos de lazer em torno da FLONA-Araripe, e compreendem uma diversidade de festejos, caracterizando-se como cultura popular da região, como as lapinhas, os reisados, a malhação de Judas, os folguedos de São João e São Pedro, festas de reis e procissões.

Na pesquisa feita para a elaboração do Plano de Manejo notou-se que há utilização abundante de remédios naturais pelos moradores do campo na região da FLONA. Apesar do uso generalizado de remédios farmacêuticos, a utilização e crença da população da zona de amortecimento da FLONA na eficácia dos remédios caseiros é bastante presente. Os números da pesquisa realizada pela Associação Cristã de Base

(ACB)¹⁰, instituição que ficou responsável pela realização da pesquisa nos setores social, econômico e ambiental das comunidades próximas à chapada do Araripe para o instituto Chico Mendes para construção do Plano de Manejo – FLONA- ARARIPE, ilustra que a porcentagem das pessoas consultadas que acreditam na eficácia dos remédios naturais é bastante significativa.

Quadro 1 - Porcentagem da confiabilidade das pessoas nos remédios caseiros

Jardim- 100%
Missão Velha e Crato: 98%
Barbalha: 94%
Santana do Cariri: 90%

Fonte: Plano de Manejo – FLONA – ARARIPE/ INSTITUTO CHICO MENDES, 2012.

A partir destas informações é possível compreender que a utilização de plantas medicinais e a crença nos medicamentos produzidos a partir delas é algo bastante popular, difundido de forma ainda ampla pela população da região da Chapada do Araripe. Mais de 90% pelos sujeitos sociais entrevistados utilizam e confiam nos remédios caseiros. A ACB também procurou saber quais são as principais doenças tratadas com plantas medicinais, raízes, cascas e folhas encontradas nas proximidades da FLONA – Araripe.

Quadro 2 - Principais doenças tratadas com plantas medicinais na região (continua)

<u>Doenças do trato digestivo:</u> vômito, dor de estomago, gastrite, cólicas, dor de barriga (colite) diarreia e verminose.
<u>Doenças respiratórias:</u> gripe, tosse, faringite, rouquidão, bronquite, pneumonia e asma.
<u>Doenças do aparelho circulatório:</u> pressão alta, pressão baixa, colesterol alto, diabetes.
<u>Doenças do sistema nervoso:</u> cefaleia, dor na coluna, insônia, nervosismo.

¹⁰A Associação Crista de Base (ACB) é uma organização não governamental que atua na região do Cariri. Auxilia trabalhadores rurais apresentando técnicas e criando tecnologias que ajudam os agricultores a terem melhor produção e convívio com o semiárido.

Doenças do aparelho geniturinário: infecção urinária, cálculo renal, flores brancas, impotência sexual.

Fonte: Plano de Manejo – FLONA – ARARIPE/ INSTITUTO CHICO MENDES, 2012.

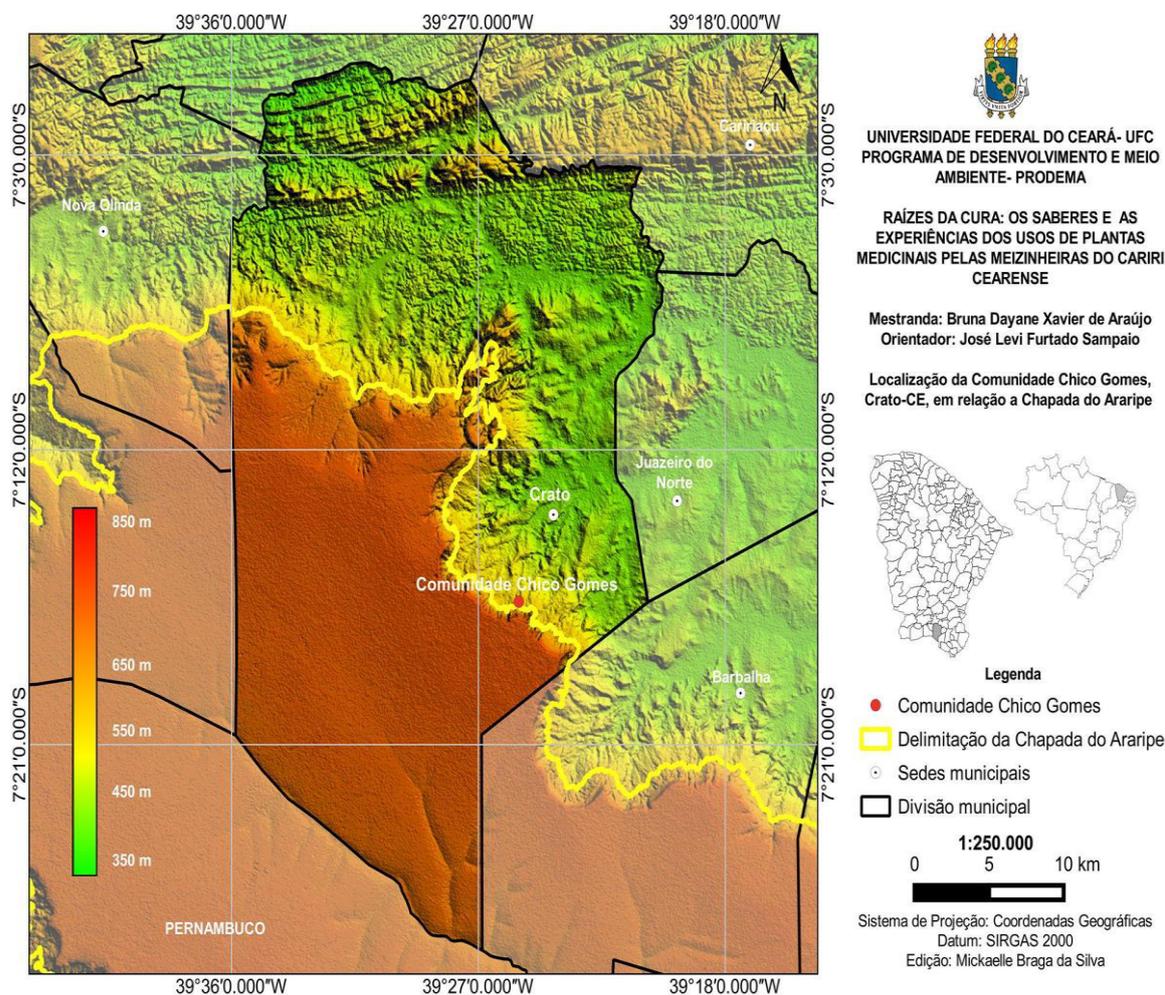
As propriedades *in natura* são utilizadas para tratamentos a longo prazo de doenças simples e medianas. A proximidade com a vegetação local, utilizada há bastante tempo nas práticas de cura dos moradores da região, e as dificuldades de acesso ao sistema de saúde são elementos imprescindíveis para compreendermos a presença dessas práticas nesta região.

Ferreira Júnior *et al.* (2015) colocam que existem diversas plantas medicinais conhecidas e utilizadas por comunidades rurais entorno da FLONA, sendo empregadas em indicações terapêuticas e usos religiosos. A quantidade de plantas encontradas para tratamento de um mesmo alvo terapêutico sugere que existem diferentes formas de tratamento ou que muitas plantas precisam ser utilizadas em conjunto (como uma mistura de vegetais). No entorno da FLONA, os rezadores e benzedores também desempenham um papel muito importante nos sistemas locais de saúde. A gama de alvos terapêuticos que necessitam de rezas e orações, em conjunto com o uso de plantas medicinais, é bastante ampla; usam para aliviar dores de cabeça, doenças respiratórias e alguns alvos terapêuticos reconhecidos localmente, como mau-olhado, mau-vermelho e cobreiro.

Campos, Sousa Junior, *et al.*(2015) expõem que muitas plantas também são consideradas alimentícias, isto é, além do valor terapêutico possuem o potencial nutricional, revelando a diversidade no aproveitamento local. Muitas destas práticas são legados dos indígenas que habitaram esta região.

Uma das comunidades que utilizam com bastante frequência o uso de plantas medicinais na Chapada do Araripe é Chico Gomes. Esta comunidade, o *lócus* da pesquisa, encontra-se na zona rural do município de Crato, com distância de 504 km da capital do Ceará. O mapa a seguir ilustra a localização da comunidade Chico Gomes em referencia a Chapada do Araripe, encontrando-se no limite da vertente, entorno da Floresta do Araripe, com um altitude aproximadamente de 700 metros. A seguir, o Mapa 02 informa a localização da comunidade Chico Gomes na Chapada do Araripe.

Mapa 2 – Localização da comunidade Chico Gomes, Crato-CE, em relação à Chapada do Araripe. Mapa altimétrico



Edição: Mickaelle Braga da Silva. Ano de elaboração: 2016

Chico Gomes é um sítio e está inserido dentro de uma propriedade fundiária privada, com um proprietário particular da terra. Os habitantes, que são moradores de condição, chamam o local em que vivem de comunidade, devido aos vínculos de afetivos que possuem com o local. A raiz etimológica da palavra comunidade é latina, *communitas*¹¹, que significa qualidade daquilo que é comum, comunhão; agremiação de indivíduos que têm a mesma crença ou a mesma norma de vida. Fitchter (1973) define comunidade levando em consideração as relações que compreendem toda a vida social

¹¹ Figueiredo (2010). Novo Dicionário da Língua Portuguesa.

de conjunto, íntima, interior e exclusiva entre as pessoas e destas com lugar. O autor pontua que comunidade se constitui enquanto um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que se serve de meios comuns para lograr fins comuns.

Os moradores possuem uma conexão muito próxima entre si, estabelecida por relações consanguíneas, de cooperatividade, de coabitação territorial e de afinidade em relação ao modo de vida. Partilham a terra em que vivem e cooperam uns com outros no cotidiano. Na Chico Gomes, os laços comunitários são bastante evidentes.

Esta comunidade localiza-se a 8 km da sede do Crato. O processo de histórico de ocupação, assim como o do município do Crato, foi a partir dos engenhos, com produção de cana de açúcar.

Com a colonização do sul cearense, a partir do século XIX, muitos engenhos de cana de açúcar foram se estabelecendo na região do Cariri, fato que também se aplica ao Sítio Chico Gomes.¹²

Após a chegada do engenho, índios e negros tornaram-se cativos (forma disfarçada de escravidão) passando a serem moradores da fazenda canavieira e executando serviços como na roça cultivando cana ou no próprio engenho. Em 1989 as leis trabalhistas forçam o fechamento do engenho nessa e em várias comunidades. Com o fechamento do engenho, os moradores passam a ter a obrigação de trabalharem menos dias na fazenda viabilizando assim a agricultura de subsistência e o êxodo rural da juventude para os grandes centros urbanos em busca de emprego (MAIA, 2014, p. 26).

A comunidade possui, atualmente, 47 famílias¹³. A maioria pratica agricultura e tem a renda complementada com os programas sociais do governo federal. As principais unidades produtivas da comunidade são os quintais produtivos, onde são produzidas leguminosas e hortaliças. Os moradores também cultivam milho, feijão e mandioca. A maioria da produção é para o consumo interno.

A comunidade ainda tem como atividade a criação de animais de pequeno porte, como suínos, caprinos e aves. Possui espaços comunitários/coletivos: a casa de sementes e a mandala que está em construção. Os arrendatários são proibidos de produzirem culturas mais fixas e que possam ser mais rentáveis.

Uma parte dos moradores trabalha para o proprietário da terra, principalmente na criação de bovinos e, em pequena quantidade, no cultivo de cana de

¹²O capitão Francisco Gomes de Melo, após a divisão das sesmarias, foi o primeiro “proprietário” da escritura dessas terras onde hoje se encontra o sítio que recebe o seu nome. Este exerceu a função de juiz e foi primeiro prefeito do município do Crato. Segundo relatos dos moradores, não se sabe como foi a passagem da titulação da propriedade para a família atual, proprietária da terra. Essa passagem na história de Chico Gomes não é bem esclarecida e nem muito debatida na comunidade.

¹³ Fonte: os próprios moradores.

açúcar e capim.

Os demais residentes trabalham no setor secundário – especialmente na indústria da Grendene e no setor de serviços, em escolas, posto de saúde e comércio. Chico Gomes possui um rico legado cultural, e dentre as formas de organização destaca-se o grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*, criado em 2012. O grupo surgiu do desejo de fortalecer e sistematizar os saberes sobre as práticas de saúde.

4.1 Apresentação das Meizinheiras, o cotidiano da comunidade e relação com a natureza

“Tudo que é do mato tem mandinga,
 Tem mironga
 Seja folha ou seja raiz
 Às vezes cura, às vezes mata
 É o que vovó sempre me diz
 Guiné pra fazê figa
 Erva pra resina,
 Garrafada e muito chá
 Vassourinha pra rezar cobreiro
 Folhas pra descargas,
 Cataplasma e patuá.
 Mas também tem raiz de matar
 E por isso é bom deixar pra lá
 [...].
 Naqueles negros tempos
 Muita casa grande
 Volta e meia estava lá
 Procurando os velhos da senzala
 Pra tirar das forças
 Força pra se segurar.” (Mironga do Mato, Alcione)

As principais interlocutoras do estudo em campo, na comunidade Chico Gomes, foram Dona Rina, Dona Iraci, Dona Penha e Dona Auxiliadora, bem como os demais moradores e envolvidos nestas práticas tradicionais. Nas entrevistas, surgiram informações sobre as atividades locais, os costumes, as crenças e as principais transformações ocorridas na comunidade.

Geertz (1997) expõe que, ao “nadarmos na corrente de experiências” das pessoas que estamos estudando, é interessante compreender como elas determinam suas culturas, atentando para quais são as formas simbólicas que elas utilizam para representarem a si mesmas e os outros. Tal exercício requer momentos de afastamento e de encharcamento do campo investigado. O autor coloca que a constituição de quem somos e a maneira como nos concebemos é algo complexo, íntimo e depende da cultura

a qual pertencemos. “Para entendermos as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção, e busquemos as experiências de outros com relação à sua própria concepção do eu”. (GEERTZ, 1997, p. 64). Para isso, o autor aponta dois pontos pertinentes, aos quais pesquisadores devem ficar atentos: como é a maneira de viver e quais são os veículos através dos quais esta maneira de viver se manifesta?

Pesquisar o outro serve para compreendermos um pouco mais o que vivenciamos na atualidade e conhecer sobre determinado assunto a partir da experiência de outras pessoas. Assim, serve para explicar sobre nós e a totalidade. Portanto, podemos aprender sobre práticas populares de saúde a partir da experiência dessas quatro mulheres.

A investigação se realiza ao mergulharmos nas atividades cotidianas. Uma análise das ações íntimas, colocando os indivíduos no centro dos acontecimentos históricos, expondo as contradições, as expressões dialéticas e o campo subjetivo. Certau (1994) explana que as pequenas ações, chamadas de microbianas, são singulares e plurais, e constituem regulações cotidianas e cheias de criatividade fora do padrão. Ele as vêem como práticas sub-reptícias (“clandestinas”), dentro de um contexto que propõe disciplina e um padrão de comportamento. Certau nos convida a abrir o olhar para o espaço vivido e repleto de espontaneidade, criatividade e atos sutilmente subversivos.

As entrevistas semiestruturadas realizadas em campo proporcionaram uma compreensão maior sobre os conhecimentos e formas de uso das plantas medicinais. É perceptível que as mezinheiras fazem uma seleção do que consideram necessário de ser lembrado e ser dito. Contudo, ao se debruçarem sobre as imagens e lembranças pretéritas e atuais, aflora a consciência de sua existência e de suas ações. Busquei respeitar a forma como foram discorridas as narrativas. “Suas memórias contadas oralmente foram transcritas tais como colhidas no fluxo de sua voz” (BOSI, 1993, p. 38.)

Assim, compreendo que seja necessária uma apresentação das quatro mulheres que auxiliaram na construção para este trabalho sobre as práticas de mezinhas na região do Cariri. Lévinas (2004), ao se referir à alteridade, expõe que é preciso que a interação com outro seja pautada na relação com o rosto, ou seja, da identidade que o outro possui. A alteridade nos faz pensar o outro na sua diferença absoluta, e é a partir de uma relação de ética, pautada face a face, que surge o sujeito. Martins (1981) expõe que é preciso decifrar a fala do camponês: a fala coletiva, o gesto, a ação e a luta

camponesa; captar o sentido dessa fala, ao invés de imputar-lhe sentido. É nesse exercício de decodificar o universo dessas camponesas e o arcabouço das práticas populares de saúde que foram desenvolvidas as atividades de campo. Na apresentação das mezinheiras, percebemos um aspecto relevante sobre essas mulheres: a multidimensionalidade sobre a qual se estende a realização de suas diversas atividades: doméstica, econômica, religiosa, agrícola e cultural.

Figura 4 – Dona Rina



Figura 04 – Dona Rina. Fonte: acervo particular da autora. Ano: 2015

Fui criada pela minha avó. Perdi minha mãe com oito anos de idade. Eu tive cinco irmãos. Meu pai se casou de novo. Aos treze anos fui trabalhar como doméstica. Mesmo antes de se casar, já trabalhava com horta. Plantava umas coisinhas na casa do meu patrão. Aos dezenove anos me casei. Cuidava da casa, trabalhava na roça e lavava rôpa do povo. Tive nove filhos, um foi cuidando do outro, me ajudando. Na minha mocidade e quando adulta não íamos muito pra médico, nem tomávamos remédios, tudo se resolvia com as

ervas. Minha vó sempre fazia um chazim quando távamos doente. As receitas tá tudo na nossa cabeça. Desde pequena eu observava a minha vó com seus cuidados com a gente. Se a gente tinha uma gripe, tomava banho de alfavaca e ficava no quarto (informação verbal).

Dona Maria Leandro, também conhecida como Dona Rina, tem 68 anos, teve nove filhos, e atualmente três moram com ela. É católica e costuma ir à missa dia de domingo. É uma pessoa de voz mansa e poucas palavras, um tanto tímida e bastante tranquila. Gosta de escutar rádio pela manhã cedo, “a missa de Juazeiro, do padre Cícero”. Gosta também de ouvir as “músicas de antigamente”, como as de Nelson Gonçalves, que lhe recordam tempos bons e tornam mais agradável suas atividades cotidianas, entre as quais estão: cozinhar, limpar terreiro, lavar roupa, cuidar da casa, das plantas e também ir à feira no centro do Crato. Os filhos ajudam no roçado. Aos finais de semana a casa fica mais movimentada; a meizinheira recebe os filhos que moram no centro ou nos distritos do município, e o lar fica repleto de netos.

Figura 5-Dona Rina cozinhando



Fonte: acervo particular da autora. Ano: 2015.

Tornou-se costume para as crianças passar o final de semana na casa da avó, brincar no terreiro, se divertir com os bichos, se alimentar dos alimentos produzidos ali mesmo. Se ficarem doentes, certamente a vovó terá um chá ou lambedor para tratá-los. Em alguns momentos, as crianças também fazem bagunça, saem correndo dentro de

casa, tiram as coisas do lugar, brigam entre si, fazem barulho. Dona Rina se zanga, gosta de ver as coisas tudo desse jeito, diz que eles dão muito trabalho. Mas demonstra em sua expressão a satisfação de estar perto dos netos. A casa de Dona Rina fica bem movimentada aos finais de semana, sempre tem uma comida a mais para mais uma visita que possa chegar, tornando-se um lugar de muito aconchego da família Leandro. Esse comportamento é típico, com traços de solidariedade marcantes na comunidade e em diversos espaços rurais.

Figura 06 - Netos de Dona Rina brincando no terreiro



Fonte: acervo particular da autora. Ano: 2015.

Ao contar sobre o marido, Dona Rina relatou que ele faleceu há oito anos. Sua vida teve outra organização e demorou algum tempo até ela se adaptar.

Quando meu marido faleceu, pensei que não ia suportar, sentia muita falta dele. Ele foi uma pessoa muito boa, me ensinou sempre a ajudar o próximo. Ele era um bom pai, um bom esposo. Me repassou vários valores, a honestidade, por exemplo. A sempre fazer caridade. Se ele visse alguém com precisão, ele sempre ajudava. Dava tudo. Se viesse alguém precisar de comida, era capaz de ficar com fome pra ajudar. Eu ficava pensando: rapaz, isso lá é coisa! Ele nos ensinou a sempre fazer o negócio direito. Até hoje vejo o resultado disso (quando a gente faz as coisas de forma certa, sempre os resultados aparecem). Essas coisas boas ele passou para os nossos filhos

também. Ele me ensinou tanta coisa, até rezar; depois que ele faleceu, passei muito tempo só em casa (informação verbal).

Foi com a participação nas atividades do grupo *Meizinheiras do Pé da Serra* que Dona Rina teve novo ânimo e prazer em realizar outras atividades. Ao ver o interesse das pessoas sobre os conhecimentos que detém e perceber que poderia ajudar muita gente, sentiu-se motivada a continuar desenvolvendo as mezinhas. Dona Rina, que estudou até a quinta série, fica satisfeita de ver os filhos estudando, alguns já formados. Para agricultora é uma alegria.

O povo antigamente não se interessava de colocar os filhos na escola. Meu pai mesmo achou ruim quando já moça resolvi ir pra escola, era à noite, ele não gostava muito da ideia. Aprendi assinar meu nome e mal. Eu achava bonito ver as pessoas com caderno e livro na mão. Fico feliz de ver meus filhos com estudo. Não vão precisar trabalhar na terras dos outros. Pois trabalhar pro patrão aqui num dá nem pra comer direito (informação verbal).

Manoel, filho de Dona Rina, relatou que sua mãe se apaixonou por seu pai porque ele sabia ler. Os legados do marido de Dona Rina ainda estão bastante presentes na família: o apreço pelas leituras e o interesse pelas questões comunitárias e sindicais fazem parte da vida cotidiana dos filhos. É dentro desse contexto que Dona Maria Leandro produz os medicamentos e participa das atividades do grupo das meizinheiras.

Figura 7 – Dona Iraci



Figura: 07 – Dona Iraci. Fonte: Medeiros. Ano: 2015.

Eu sou filha natural de Barbalha, quando eu vim para essa fazenda, eu já era mãe de família. Eu não estudei. Fui muito trabalhada na casa do meu pai, sai da casa de meu pai para tomar de conta da minha casa. Interesse pelas plantinhas sempre tive, antes de nós desenrolar o nosso grupo Meizinheiras, eu já plantava nos jarrozin, pé de arruda, de malva do reino, de alecrim, aí hoje nós temos mais esse cuidado. Pois chega hoje nesse tempo de sequeidão, a gente tem que colocar em outro lugar, que esteja mais fresquim e aguar sempre. Esse interesse das plantas nós já temos de nossa mãe e de nosso pai, e de nossos avós, pois naquele tempo que não tinha essa medicina (informação verbal).

Dona Juraci, também conhecida como Iraci, é agricultora - aposentada, tem 67 anos, é casada, teve nove filhos, dois atualmente moram com ela. A agricultora faz comida e bolos para vender, como complementação da renda. Cuida do neto enquanto a filha trabalha e com o marido organiza as atividades em casa e na roça. Em seu quintal, cuida das plantas e dos animais de criação. Católica, gosta de ir à missa aos domingos. Também gosta de se encontrar com as amigas para trocarem conhecimentos sobre mezinhas. Coloca que criou seus filhos com as mezinhas que aprendeu vendo os pais fazendo.

Figura 8- Dona Iraci em seu quintal



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2015.

Nas conversas com dona Iraci, o esposo Otacílio algumas vezes participou, ficou curioso em ver uma pessoa entrevistando a esposa sobre as habilidades em fazer remédios caseiros. Algumas vezes, também respondia às perguntas. Otacílio contou que vai buscar as raízes e cascas que Dona Iraci precisa para realizar os remédios. Senhor sorridente, que tem um apego grande pelo lugar que mora, conhece apenas a cidade do Crato; desconhece cidades maiores, como a capital do estado do Ceará. Ele fala que lugar bom mesmo de morar é no sítio Chico Gomes, “[...] perto da mata, com mais tranquilidade, sem o barulho e quentura da cidade. Nosso negócio é o nosso Cariri véi”, afirma Otacílio (informação verbal).

Figura 9 - Senhor Otacílio



Fonte: acervo particular da autora. Ano: 2016.

Muita coisa ele (senhor Otacílio) pega no mato, como a casca do angico, do jatobá. Ele vai com um saquinho, uma faca e ganha o mato. Ele conhece as plantas, aí ele me ajuda. Temos muitas coisas aqui por perto, o pé de moçambê, por exemplo, nós tem em nosso monturo. Daqui eu tô vendo um pé e ele tá aflorado. Ele sirve pra gente colocar em nossos lambedor. E outras plantas, como a malva do reino, alecrim, babosa, nos tem aqui em nosso quintalzim(informação verbal).

Em períodos de chuva, o quintal fica bastante verde e uma névoa cobre a chapada, que fica no fundo de sua casa. Dona Iraci expõe sobre o quanto é rica da vegetação local e a importância desta para o cotidiano dela e dos demais moradores. “Para mim essa mata aqui é de muita importância, não podemos desmatar. A gente respira essa mata. Temos que ter um cuidado e carinho pela mata”, afirma a mezinheira (informação verbal). Sobre o cuidado com os filhos e o conhecimento popular, relata que criou os filhos com os saberes locais e só indica a ida a um médico depois de usar a sabedoria das plantas.

Figura 10- Dona Penha



Figura 09- Dona Penha. Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2015

Nasci no Chico Gomes, sou agricultora e aposentada. Tive oito filhos. Estudei até terceira série. Sempre fui agricultora, trabalhando com arroz, na cana de açúcar, plantando alho. Aprendi os saberes medicinais das ervas através da minha vó. Ela plantava e fazia os chás. Fui criada pela minha vó. Eu também cuidei dela, fazia chás pra ela. Aqui antes tinha mais raizeiros. Mas a gente tem conhecimento das coisas, aqui tem plantas que fazem mal e outras que fazem muito bem (informação verbal).

Dona Penha, 63 anos, teve oito filhos, destes dois moram com ela. É viúva, católica e agricultora. Trabalhou na lavoura fazendo comida para os funcionários da usina de cana de açúcar. Foi criada pela avó e aprendeu os saberes das plantas com ela.

A minha referência nesse aprendizado de medicina caseira é a minha vó. Ela sabia de muita coisa. Minha vó me explicou que tem muitas que são boas, e outras que fazem mal. É preciso ter cuidado, conhecer bem as plantas (informação verbal).

Na sala de casa, a mezinheira guarda alguns pertences da avó, como quadros religiosos. Os últimos anos da avó foram na casa de Dona Penha. A agricultora disse que a avó lhe ensinou chás, banhos e outros métodos de cuidado com a saúde.

Figura 11 - Símbolos religiosos – Casa de Dona Penha



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2016

No dia a dia, Dona Penha cuida da casa e do roçado. Também costuma ir à feira às segundas. A horta da meizinheira é bastante grande, ela cuidadas plantas, geralmente, no início de todas as manhãs, quando o sol está mais frio. Tem um apreço pelas plantas e, sempre que uma morre, Dona Penha trata de trazer outra para colocar no lugar. Entre as plantas que existem em seu terreiro tem: erva-cidreira, hortelã, manjeriço, babosa e alecrim.

Eu gosto muito de cuidar das minhas plantinhas, só de cuidar delas já me sinto bem. Se eu pudesse passaria mais parte do meu dia só ali cuidando delas e adentrando na mata. Hoje em dia que pega mais as coisas para mim é Auxiliadora. Ela que vai mais na mata pegar as cascas e raízes para gente. Aqui a gente utiliza coisas pra tudo: pro coração, pra pressão alta(informação verbal).

Figura 12– Dona Penha e a nora Vera colhendo ervas



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2015.

As práticas de saúde desenvolvidas por Dona Penha e pelas demais mezinheiras são repletas de cuidado e acolhimento. Os remédios caseiros são produzidos com bastante dedicação, pois elas têm como “filosofia” de vida que a saúde é algo muito importante, que merece bastante precaução. Em uma das visitas à horta de Dona Penha, a nora Vera veio lhe pedir conselhos de chás para utilizar no cuidado do filho doente. Prontamente a mezinheira pegou algumas ervas e explicou como utilizá-las.

Figura 13 – Dona Auxiliadora



Figura 12 – Dona Auxiliadora. Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2015.

Nasci e fui criada no sítio Muriti, no Crato, eu trabalhava na roça com o meu pai, em cultivo de arroz, casa de farinha e cana – de açúcar. Estudei até a quinta série. Vivi com os meus pais até os quinze anos. Depois fui embora para o Maranhão. Já Morei em Milagres, Barros. Agora tô aqui no Chico Gomes de novo. Minha avó era Meizinheira e parteira. Eu também já ajudei em um parto. Esses saberes aprendi primeiramente com minha vó, minha mãe e com minha sogra. Quando jovem fui ao médico, eu tava com uma alergia braba, mas não fiquei boa com medicamentos, fiquei boa foi com banho de salsa e chá da raiz da vassourinha. Essas minhas práticas eu chamo de remédios caseiros, eu mesmo vou até o mato, pego e faço os remédios (informação verbal).

Auxiliadora, 57 anos, teve sete filhos, é evangélica, já morou em várias cidades e retornou ao Chico Gomes há dez anos. Além de meizinheira é rezadeira. Relatou que aprendeu as experiências de práticas de saúde popular com a mãe, com a avó e com a sogra.

Auxiliadora mora em uma parte mais elevada e isolada de outras casas, mais próximo à mata nativa; da sala de casa dá para ver uma vista bonita da comunidade e

também da cidade do Crato. O nome faz jus à sua personalidade; Auxiliadora significa: pessoa que gosta de contribuir e auxiliar as outras.

Desde os dez anos de idade reza nas pessoas, já ajudou em parto e faz garrafadas e outros remédios que contribuem para a saúde da mulher em período de resguardo. Tem uma relação íntima com as plantas e revela que conversa com elas. Auxiliadora lamenta que, no terreno onde mora, o solo é mais raso, dificultando o cultivo das ervas. Assim, as cultiva em vasos e baldes. Estes ficam em cima de um fogão antigo no quintal e os outros ficam distribuídos em frente de casa. Mesmo tendo algumas dificuldades de acesso à água e de a qualidade do solo não ser tão boa, possui bastantes plantas, e estas são visivelmente bem cuidadas. “Eu gosto de conversar com as plantas. Converso com elas primeiro, porque tudo que é vivo tem sentimento, não é? Eu peço licença a elas e depois que tiro umas folhas, explica (informação verbal).

Figura 14 - Vista da casa de Auxiliadora



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2016.

O marido de Auxiliadora também era um meizinheiro; detinha os saberes de diversas plantas e raízes da região. Contudo, depois de sofrer alucinações após abstinência da bebida alcoólica, ele desapareceu na mata. Há dez anos Auxiliadora não sabe notícias do esposo.

A meizinheira sempre gostou de ler e escrever. Em um dos nossos encontros apresentou um caderno, um tanto antigo, e começou a ler; neste ela tinha escrito de

forma detalhada a história de vida. Os lugares que percorreu, as gravidezes, a ausência do marido e demais fatos do cotidiano que considera importantes.

Figura 15 - Auxiliadora relatando sua história de vida através de seu caderno



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2016.

Nos encontros com Auxiliadora, ficou evidente a abertura para contar sobre sua vida, as práticas de mezinhas e os desejos para o futuro. Relatou vários casos delicados que lhe ocorreram e de tratamentos simples e sérios que tiveram como base os conhecimentos da mata. É interessante ver a satisfação de Auxiliadora em contribuir na saúde da família e das pessoas da comunidade. Como a mezinheira, coloca, “[...] a gente faz as coisas com tanto gosto, saber que aquilo vai servir pras pessoas ficarem curadas. Tem muita gente aqui que diz eu tenho uma mão boa e que os remédios realmente cura” (informação verbal).

Auxiliadora relatou que deseja que esses saberes não desapareçam, e frequentemente ensina aos filhos o que sabe. Entretanto acredita que precisa ser mais fortalecido o diálogo entre os jovens da comunidade e os mais velhos, que têm mais apropriação desse conhecimento. A mezinheira afirma que, com a criação do grupo *Mezinheiras do Pé da Serra*, houve avanços para que esses saberes não ficassem tão guardados e se tornassem mais visíveis.

Esses conhecimentos endógenos que Auxiliadora e as demais mezinheiras ressignificam garantiram a resistência dos ancestrais. A partir de um processo de

conscientização e reflexão das ações, através das atividades do grupo, surge uma valorização coletiva e uma identificação maior com as atividades tradicionais, que são ressignificadas e reconstruídas cotidianamente.

As falas das mezinheiras evidenciam que as práticas de saúde popular desenvolvidas por elas estão intrinsecamente ligadas ao lugar em que moram. As receitas medicinais são para atender às necessidades imediatas, vinculadas às doenças geradas na região. As práticas de cultivo e uso de plantas medicinais se tornam símbolos do modo de vida e identidade do local onde estão inseridas, vinculadas, também, com dinâmica das atividades de trabalho na terra, com as produções na agricultura. Sales (2007) relata que as agricultoras produzem alimentos e garantem a subsistência da família, além de se ocuparem também com o plantio de ervas medicinais. As atividades se confundem com os diversos espaços de trabalho: elas, ao mesmo tempo em que cuidam da casa, carregam água, cuidam também de pequenos animais e das hortas. Além dessas atividades que se concentram principalmente na casa e no quintal, elas ainda desenvolvem trabalhos no roçado, principalmente no plantio e na colheita. No caso das mezinheiras, elas são agricultoras, produzem produtos agrícolas para família e o excedente é vendido. Também é assim com as atividades de mezinhas.

O modo de cultivar a terra e as plantas também se insere nesse conjunto de saberes, e soma-se à relação afetiva com as plantas, ao conhecimento dos métodos de extração destas, à produção dos remédios e à prescrição, formando um conhecimento multifacetado. Assim, existe uma característica peculiar carirense no tocante as práticas de saúde popular.

Outro ponto ressaltado pelas mezinheiras foi a importância da mata para vida cotidiana delas e dos demais moradores da comunidade. A mata é uma fonte de saúde, lazer e de recursos, dando condições práticas de existência. Nas conversas, as mezinheiras frequentemente faziam referência à floresta e à biodiversidade local. As agricultoras relatam que possuem acentuado apreço pelo local em que moram. Essa relação com a natureza lhes proporciona bem-estar, evidenciando um nível significativo de consciência e preservação ambiental. “Elas insistem em manter vivo um conhecimento acerca da biodiversidade da chapada que vai para além de um compromisso filial, mas que também vem da certeza de que a Natureza é como uma mãe! É alimento do corpo e da alma” (MEDEIROS, 2015).

Nas experiências em campo, nos discursos e nas práticas de sociabilidade analisadas, uma característica evidente é a identidade dessas camponesas com as

atividades de mezinhas. Elas não são curandeiras, raizeiras, benzedoras ou demais agentes de cura presente nesse campo de práticas de cuidado. A identidade que as congregam é de mezinheiras. A expressão mezinha, bastante comum na região do Cariri, como dito anteriormente, vem do latim e significa remédio. Adequando-a ao nosso contexto, são receitas caseiras. Campos (1967) explica que os conhecimentos de mezinhas permeiam a vida dos sertanejos; esse termo também é entendido como os ensinamentos que trazem mais conforto e bem-estar para a população sertaneja que tem nos conhecimentos tradicionais meios para sobreviver. Os detentores das mezinhas não as compreendem como um conhecimento particular, que deve ficar guardado, mas como saber universal, ao qual todos são dignos de terem acesso.

No contexto do Cariri, mezinheiras são as mulheres que conhecem e utilizam esses legados nos hábitos diários e repassam esses ensinamentos; realizam essas atividades de mezinhas para cuidar da própria saúde e das demais pessoas. Por mais que não tenham a mesma intimidade com a escrita e a leitura, elas sabem interpretar o próprio mundo. As mezinheiras decifram os sinais da terra, da mata e dos animais. Sabem ler as enunciações do clima, os prenúncios da chuva e os sinais das plantas. Mesmo sem contar com muitos recursos, as mezinheiras contribuem na vida de muitas pessoas, desempenham papéis importantes na comunidade. Entre as problemáticas estão o difícil acesso e o deficiente serviço de saúde, frequentemente citadas pelos moradores.

As mezinheiras possuem uma característica forte entre si: há mais de quarenta anos cultivam hortas e vêm desenvolvendo saberes acerca do uso medicinal das plantas. Nas observações dos elementos da natureza, as agricultoras constroem um arcabouço sobre conhecimentos de ervas e também sobre seus próprios corpos. Aprenderam a observar os seus corpos e os sinais que eles apresentam, assim desenvolvem as receitas e as aplicam.

As mezinheiras reacendem a força da tradição dos ancestrais sempre que acessam esses conhecimentos. Nos tempos de seus pais e avós não tinham médico acessível, foi preciso construir estratégias e métodos que proporcionassem as curas para as doenças que afligiam as pessoas. Assim, as mezinheiras reconstróem os saberes de práticas populares de saúde aprendidos e aplicam no dia a dia. Como afirma Mia Couto (2011, p.12), “[...] é o contato com os nossos antepassados que nos concedem a eternidade”. Assim, as mezinheiras utilizam a oralidade como prática educativa para continuar esse fluxo de saber milenar sobre as ervas medicinais. Nesse sentido, essas

mulheres criam uma concepção sobre as práticas vinculada às receitas caseiras. A seguir um quadro construído no intuito de fazer uma reflexão e definição destas mulheres sobre as práticas, o que é mezinhas e ser mezinheiras.

Quadro 3 - Definição de mezinhas e mezinheiras

<i>Dona Rina</i>	<i>Mezinhas são as receitas caseiras. Mezinheiras são pessoas que fazem chá. Só depois que os chás não funcionar, aí vamu ao médico. Os primeiros socorros é aqui.</i>
<i>Dona Iraci</i>	<i>O que nós faz é remédio caseiro. E nesse nós estamos. Mezinhas é as raízes do mato, já gerado no mato. Aqui no nosso pé de serra tem muita raíz que nos acolhe. [...]Muita coisa nós pega aqui no mato. E as outras coisas nós tem em nosso quintalzim. E isso significa ser Meizinheira, pois onde a gente vai e ver um pé de remédio, que nós conhece, a gente traz, se a gente não tiver, e a gente colocar em nosso munturo.</i>
<i>Dona Penha</i>	<i>Para mim esses conhecimentos sobre as ervas é muito importante, é uma sabedoria que Deus dá para gente. De como viver aqui. Ter esse conhecimento é ser Meizinheira. Aqui a gente utiliza coisas pra tudo. Vejo que as nossa práticas tem haver também com a fé, pois a gente se cura também a partir da fé que colocamos. Para mim ser meizinheira é a gente salvar uma situação que a gente não tá com condição de ir ao médico. Meupovo tando</i>

<p><i>Dona Auxiliadora</i></p>	<p><i>em casa doente, primeiro eu vou fazer o que eu sei de fazer de remédio.”</i></p> <p><i>Para mim Meizinheira é aquela que tem a sabedoria (e tem um jeito) de fazer as meizinhas. Por exemplo: lambedor, tem que lavar bem as plantas e cascas, tem que colocar fé no remédio que tá fazendo. Com maior cuidado para aquele chá servir. O que vale também é a fé que colocamos no chá que tomamos. Tem gente que faz de qualquer jeito, mas eu faço com todo cuidado, com poções contadas e vai minha fé junto.</i></p>
--------------------------------	--

Fonte: Bruna Araújo. Pesquisa de campo. 2015-2016.

A relação com o cultivo das plantas, a observação da mata, o cuidado e zelo ao produzir os remédios estão presentes nas falas das meizinheiras. A definição de meizinheiras está vinculada a um conjunto de conhecimentos, de eficiência na produção dos remédios, na confiança nesses produtos— que têm origem na natureza e são vinculados à espiritualidade—, na crença que é depositada nestes medicamentos. O “tempero” destes produtos para cura é a fé, ao universo mágico-simbólico que perpassa o prisma delas em suas práticas de religiosidade popular.

Essas mulheres se inserem na categoria sociopolítica camponesas; desenvolveram atividades ao longo da vida vinculadas à agricultura, tendo o modo de viver ligado à relação com a natureza, terra-território. O conceito de camponês, para além da atividade econômica, como produtor de alimentos, possui outras características. Por exemplo, o legado cultural passado de geração a geração ao longo do tempo, os costumes, principalmente, na estrutura familiar, a religiosidade, as festas populares e também o trabalho cooperativo baseado nos membros que compõem a família. Guzman e Molina (2005) atentam para o fato de que não se deve querer definir com precisão e exatidão um grupo social que existe há tanto tempo e passa por constantes transformações. Assim os autores compreendem que os camponeses detêm:

Uma forma de manejar os recursos naturais vinculados a agroecossistemas locais e específicos de cada zona, utilizando um conhecimento sobre tal entorno condicionado pelo nível tecnológico de cada momento histórico e o grau de apropriação de tal tecnologias, gerando-se assim distintos graus de 'camponesidade' (GUZMAN; MOLINA, 2005, p.78).

Existem especificidades que devem ser levadas em consideração ao tratar com os camponeses, como a sua relação com o ambiente no qual estão inseridos e as relações sociais e culturais que influenciam os seus modos de vida. Esse grupo social é antagônico à categoria dominante presente no campo, os latifundiários, no Nordeste conhecidos pelas práticas de coronelismo. Gonçalves (2006, p. 19) compreende que

Os camponeses dispõem geralmente de um pequeno pedaço de terra e de seus instrumentos de trabalho; trabalham com seus familiares e visam garantir a reprodução das suas famílias praticando uma agricultura de subsistência e vendendo uma pequena parcela excedente dessa produção. No interior de uma sociedade capitalista, como a nossa, com frequência se veem ameaçados por grileiros que possuem títulos falsos de propriedades; pela chegada de uma estrada que 'valoriza' as suas terras- e atrás das estradas vêm os 'grileiros', fazendeiros e especuladores.

Assim, devido à lógica do capital, que também está inserida nos territórios rurais, os camponeses sofrem grandes opressões das classes dominantes, omissão por parte do Estado e dificuldades para se inserirem no mercado. Além disso, a especulação nas suas terras é constante. Nessa conjuntura, a aliança com sindicatos, movimentos e associações que defendam os interesses camponeses é o que torna a luta mais fortalecida, pois unidos formam um conjunto consolidado e que tem visibilidade perante a sociedade.

Os camponeses do Sudeste do país são diferentes dos Nordeste e Centro-Oeste, por exemplo, mas se aproximam quando as questões econômicas e identitárias se impõem. É essencial compreender esses sujeitos sociais no contexto das mudanças e permanências ocorridas na contemporaneidade. Deve-se levar em conta as especificidades, principalmente no contexto regional.

No caso do Ceará, o trabalho no roçado, o modo de apropriação da natureza e a convivência com o semiárido, a cultura vinculada ao gado, a religiosidade ligada a um catolicismo popular são símbolos de uma identidade camponesa. A categoria camponesa se apresenta de forma dialética, isto é, ao mesmo tempo em que se insere na lógica capitalista, também está fora dela. A relação com a terra, com os bens naturais,

coloca-lhes como sujeitos à parte, tornando-se, atualmente, uma das categorias mais subversivas dentro do contexto econômico capitalista. Logo, o camponês é o sujeito social que se relaciona com a natureza de forma espontânea, produzindo os alimentos para a sobrevivência, sendo o excedente comercializado. O campesino sente a necessidade, no cotidiano, de fortalecer e reproduzir os saberes e legados culturais construídos ao longo da história, como forma de garantir a existência e resguardar as características essenciais, numa contínua construção da identidade camponesa. Carvalho (2005, p. 171) expõe que

O campesinato, enquanto unidade da diversidade camponesa, constitui-se num sujeito social cujo movimento histórico se caracteriza por modos de ser e de viver que lhes são próprios, não se caracterizando como capitalista, ainda que inserido na economia capitalista.

Para o autor, os camponeses têm as condições de trabalho, o processo de (re)conquista da terra e a preservação como atributos importantes para garantir existência. Outra particularidade dos camponeses é a questão da forte ligação com os parentes e os vizinhos, os que faz conviver sempre muito próximos.

[...] os camponeses são produtores livres de dependência pessoal direta- são autônomos, sua sobrevivência de homens livres lhes impõe *laços de solidariedade* cuja quebra ou enfraquecimento ameaçam seu modo de vida; esses laços mais primários são os de parentescos e de vizinhanças que os levam a se agrupar em *comunidade*; a busca de sua permanência e reprodução numa mesma terra (ou no mesmo 'terroir', como se diz em francês), traduzidos como apego a terra, é a marca do sucesso de seu modo de vida e a fonte de seu *cuidado com seu ambiente*: a migração para ele é uma fatalidade, a expulsão, uma degradação inaceitável (CARVALHO, 2005, p. 172).

Guzman y Molina (2005) veem o campesinato na perspectiva agroecológica, além de uma categoria histórica e sujeito social, compreendem que o campesinato organizava e organiza ainda hoje as atividades agrárias no que tem sido denominado como sociedades de base energética solar, ou sociedades orgânicas.

Na conjuntura atual das produções agrícolas, a presença do agrotóxico está pautada na produção voltada para mercado. A monocultura altera o tempo do cultivo, com a utilização de transgênicos e pela possibilidade do aumento da produtividade.

Esse projeto hegemônico de produção para o mercado nacional e internacional vai de encontro ao projeto de desenvolvimento do campo pensado pelos movimentos sociais e representações camponesas especializadas no campo. Neste

projeto, a leitura da relação do campesinato com a terra e a família se vincula a diferentes formas de lidar com a terra, reconhecendo que o ser humano faz parte da natureza. Esses grupos sociais resistem às transformações ocorridas no campo e buscam garantir sua (re)produção nos espaços agrários.

O campesinato aparece como forma de se relacionar com a natureza ao se considerar como parte dela num processo de coevolução que configurou um modo de uso dos recursos naturais ou uma forma e manejo dos mesmos de natureza socioambiental (NOGAARD, 1994 *apud* GUZMAN; MOLINA, 2005, p. 81).

O campesinato possui diversas identidades e características que se congregam. Ser meizinheira é uma das modalidades que compõem a categoria política e cultural do campesinato. As meizinheiras vêm construindo uma relação com a terra e com o ambiente, desenvolvem suas atividades na agricultura e praticam processos de pertencimento e fixação no território, respeitando seu modo de vida. Transformam a paisagem local, se apropriam dos elementos da natureza e desenvolvem as práticas sociais nesses contextos. Contudo, de forma diferente da lógica capitalista, a relação com a terra–meio ambiente é de troca.

As meizinheiras possuem uma relação sustentável com a natureza, assim como os seus ancestrais. Uma sustentabilidade não construída a partir dos preceitos científicos, mas da concepção de vínculo e necessidade entre sociedade–natureza inserida na mesma esfera. Diegues (2001, p.82), pontuando sobre as práticas populares e as culturas, explica que

[...] as sociedades desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução social e cultural; como também percepções e representações em relação ao mundo natural marcadas pela idéia de associação com a natureza e dependência de seus ciclos. Garantindo-lhes possibilidades para além do que o Estado impõe, muitas vezes de forma ineficiente.

Porto-Gonçalves (2013) explica que cada sociedade constrói uma concepção de meio ambiente vinculada à cultura em que é produzida. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo criado e instituído por cada sociedade. Constitui um dos pilares através do qual as pessoas erguem as relações sociais, a produção material e espiritual, enfim, a cultura local. Cada expressão cultural constrói uma forma de concepção com ambiente, desenvolvendo distintas racionalidades. A racionalidade das

meizinheiras é diferente da racionalidade moderna e urbana, no tocante ao meio ambiente. Ambas as racionalidades se apropriam da natureza. Em uma concepção moderna, a natureza é objeto a ser dominado. Contudo, para as meizinheiras esta não é apenas matéria-prima ou fonte inesgotável de lucro. O meio ambiente compõe a realidade das camponesas; elas a compreendem como algo que está dentro e fora delas, por isso é tão natural se curar através das folhas, raízes e sementes.

Diegues (2001, p. 84-85) explana que nas comunidades tradicionais as percepções e representações em relação ao mundo natural são marcadas pela ideia de associação com a natureza e dependência de ciclos. Além disso, o sistema de representações, símbolos e mitos estão bastantes presentes no universo que essas populações constroem, e é com base nesta concepção que agem sobre o território.

Em aspecto relevante na definição de culturas tradicionais é a existência de sistemas de manejo dos recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais, à sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas. Esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais.

No cotidiano das meizinheiras nota-se autonomia para desenvolver as atividades e aperfeiçoamento das práticas de saúde populares extraídas a partir de elementos da natureza. Nas práticas populares de saúde do grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*, as mulheres são protagonistas dos cuidados da saúde de si e da família. Contudo, é importante salientar os homens colaboram em diversas etapas desse processo. Possuem um papel importante; muitos também sabem dos conhecimentos ligados às práticas de saúde popular. Eles também participam do grupo das meizinheiras, mas de forma pontual. Os homens, na maioria das vezes, são responsáveis por adentrarem na mata para retirar as ervas. Eles possuem um grande conhecimento sobre a mata local, devido ao tempo que passa observando-a.

Sr. Xavier, 70 anos, é considerado o raizeiro da comunidade. Ele participou de algumas atividades do grupo das meizinheiras e também trocou conhecimentos sobre o assunto. O agricultor descreveu que sente bastante prazer em entrar na mata; o contato com a natureza lhe faz bem. As plantas mais simples que não têm necessidade de serem cultivadas na floresta, pois isso pode ser feito no quintal de casa.

Figura 16– Senhor Xavier, o raizeiro da comunidade



Fonte: Acervo particular da autora. 2015.

Nos trabalhos de campo, anotei algumas plantas utilizadas pela comunidade e as indicações terapêuticas. Geralmente se assemelham às da literatura científica. Nota-se a diversidade de ervas que as mezinheiras cultivam ou encontram na mata para as práticas de cura. A seguir, a tabela que ilustra as plantas medicinais utilizadas pela comunidade Chico Gomes, as indicações terapêuticas e como a eficácia dessas plantas é comprovada cientificamente.

Tabela 01-Lista de plantas medicinais utilizadas pelas Mezinheiras e suas indicações terapêuticas e científicas

Nome popular	Parte da planta usada	Indicações terapêuticas populares	Comprovação científica
Abacateiro	Folhas	Tratamento de doenças renais.	Calmante/ Tratamento de pressão alta, hepatite e doenças renais.
Alecrim	Folhas e flores	Bactericida, vermífuga e anti-séptica	Cicatrizante/ Antimicrobiana/ Diurética.
Alecrim pimenta	Folhas e flores	Anti-séptico e antimicrobiano contra fungos	Antimicrobiana/ Anti-séptico
Alho	Bulbo	Antibacteriano, antibiótico e expectorante	Fungicida/ Antiviral/ Protege contra trombose e baixa o nível de colesterol.
Anador	Folhas	Dores Musculares e dor de cabeça	-
Angico	Casca	Antiviral, antibacteriana e antifúngica	-
Aroeira	Casca	Antibacteriana, Antiviral e Cicatrizante	Antiinflamatório/ Adstringente/ cicatrizante
Arruda	Ramo, folhas e caule	Analgésica e emoliente	-
Babosa	Folhas	Cicatrizante, regeneradora, antioxidante e emoliente	Cicatrizante/ Antimicrobiana/ Laxante.

Boldo	Folhas	Tônica, hepática, calmante e para reumatismo.	Estomáquica/ Colérica/ Antiespasmódica
Cabacinha	Fruto seco	Vermífugos, purgativos, expectorantes, adstringentes, antidiabético e antisséptico	-
Camomila	Flores	Antialérgico, antibacteriano, e calmante.	Antiespasmódica ansiolítico/ Digestivo
Capim gordura	Folhas	Combate o reumatismo, artrite e artrose. Usado também para fortalecimento capilar.	-
Capim santo	Folhas	Calmante e antibacteriano	Antiespasmódica/ Sedativo/ Aromático.
Cebola branca	Bulbo	Expectorante	-
Chocalho de cobra	Folhas	Tratamento de Asma	-
Cidreira	Folhas e flores	Analgésica, sedativa, e antidepressiva.	Calmante/ Anticonvulsivante/ espasmolítica
Colônia	Folhas	Para Hipertensão e calmante	anti-hipertensivo/ ansiolítico/ indicado também para ansiedade.
Cravo do reino	Botões florais	Anti-inflamatório, cicatrizante e analgésico	-

	secos		
Erva doce	Frutos	Aromático, expectorante, e antibacteriano.	-
Eucalipto	Folhas	Expectorante e antisséptico. Utilizado também para tratamento de gripe.	Balsâmico/ expectorante/ Antisséptico das vias respiratórias
Gengibre	Rizomas	Antirreumático, antiviral, para trombose e alergia	Antissépticos Aromatizante bucal/ tratamento de inflamações da garganta
Goiabeira	Folhas	Tratamento de diarreia	Antidiarreico/ Antissépticos
Hortelã	Folhas	Descongestionante nasal e para gripe.	Anti-viral/
Imbiriba	Sementes	Para aliviar dores de cabeça	-
Ipê roxo	Casca	Tratamento de inflamações de pele.	-
Jatobá	Casca	Antimicrobianas, antifúngicas, antibacterianas.	-
Juá	Casca	Ação microbiana principalmente na odontologia	-
Laranja	Casca do fruto	Dor estomacal	-
Macela	Semente	Anti-inflamatório, analgésico e	Estomacal/ calmante/

		digestivo	Carminativa
Malva – do-reino	Folhas	Preparação de xaropes caseiros, tratamento de feridas na pele.	Hipossecradora/
Mastruz	Folhas	Antirreumática e vermífuga	Vermífuga/ antimicrobiana
Noz moscada	Fruto	Indicada para dores estomacais, cicatrizante e controle de úlceras	-
Pepaconha	Raiz	Amebicida, utilizada no tratamento de bronquite e coqueluche	-
Pimenta-do-reino	Folhas	Tratamento de furúnculos e dor na garganta	-
Quebra pedra	Raiz	Elimina pedra dos rins	Tratamento de litíase renal.
Rifocina	Folhas	Antitumoral, diurética e digestiva.	-
Romã	Fruto	Para inflamações na boca e garganta.	Antiinflamatório/ vermífugo
Umburana	Casca	Tratamento de bronquites, asma, gripe e resfriados.	-
Vassourinha	Raiz	Antiinflamatória, analgésica e para diabetes;	Antiinflamatório/ tratamento de herpes

Fonte: Trabalho de Campo. 2015/2016. Auxílio da literatura científica: Matos (2002).

Matos (2002) explica que o ser humano percebeu algo na presença das plantas que, administrado sob a forma de mistura complexa (o extrato), provoca reações

benéficas capazes de recuperar a saúde. É o que se chama princípio ativo, seja ele constituído de uma única substância da planta ou de um conjunto de substâncias que atuam sinergicamente. Por isso as plantas, quando usadas corretamente, só se diferem do medicamento industrial pela embalagem e pelas substâncias secundárias que acompanham o princípio ativo. Eliminando as etapas mais caras da sequência de operações normalmente usadas na industrialização e comercialização de medicamentos originados de plantas, torna-se possível oferecer às comunidades usuárias remédios bem mais baratos, mantendo-se sua qualidade.

A maioria das ervas utilizadas pelo grupo das *Meizinheiras do Pé da Serra* é da região, as outras ervas, as meizinheiras compram no mercado do Crato. Entre os produtos que as agricultoras compram estão: cebolinha branca, cravo-da-índia, camomila, erva doce, endro, coentro, noz de moscada. Um dos principais vendedores do Crato é o senhor Raimundo, conhecido como Sr. Raimundo dos temperos. Ele trabalha a quase trinta anos no mercado.

O vendedor relatou que alguns produtos vêm da própria região do Cariri, sendo esta uma exportadora de ervas e propriedades *in natura* para outras regiões e para outros estados. Muitas são produzidos em sítios ao redor de Juazeiro do Norte. Os mateiros e raizeiros são os responsáveis por trazê-los para o mercado do Crato. O vendedor afirmou que a frequência com que se traz as ervas para o mercado está diminuindo por causa de algumas restrições, especialmente do IBAMA, para extração de elementos *in natura* na Floresta Nacional. Além disso, a profissão de erveiros e raizeiro vem declinando, observa o vendedor. “Os jovens não querem seguir a profissão dos pais que são raizeiros e erveiros”, afirma o senhor Raimundo. Ou seja, o fornecimento dos comerciantes de ervas do mercado do Crato está ficando escasso.

Ferreira Júnior, Santoro *et al.* (2015, p. 448) colocam que “[...] a coleta excessiva de cascas pode levar à morte ou enfraquecimento da planta, em longo prazo, pode causar problemas na dinâmica populacional das espécies”. Os mesmos autores expõem que é importante procurar estratégias que devem considerar a conservação destas áreas, com base nas necessidades das populações que utilizam esses recursos. Ações de equidade que garantam conservação e que torne possível, ao mesmo tempo, a reprodução das práticas de saúde local.

Os produtos que não são do Cariri vêm do interior de Pernambuco, e os demais vêm da região Sudeste do País (o boldo, por exemplo, é originário do Chile, passa por São Paulo, Pernambuco, até chegar ao Ceará). Outros temperos são fornecidos

pelo estado de São Paulo, mas vêm de outros países, da Ásia e África, por exemplo, como é o caso do açafrão, da chia e da páprica.

Figura 17 - Vendedor de ervas mercado



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2016.

O senhor Raimundo coloca que há muitos anos as mezinheiras compram ervas e temperos dele, que conhece bem os produtos que as agricultoras utilizam. Ele relata que conhece algumas receitas e faz uso de remédios caseiros.

4.2 O desenrolar da história – linha do tempo do grupo das Mezinheiras do Pé da Serra

As integrantes do grupo *Mezinheiras do pé da serra* se reúnem para produzir remédios e trocar conhecimentos sobre esses saberes ancestrais. Este grupo possui várias receitas caseiras, por exemplo: lambedores, chás, banhos, infusões, unguentos de plantas, garrafadas, sabonetes caseiros, pomadas e o uso de folhas para

benzeduras. Além de chás para dor de estômago, azias, gastrite, estão entre as especialidades. O grupo ministra oficinas no município do Crato e em demais cidades, possui visibilidade na região. Esse projeto fortalece as integrantes e uma identificação maior com o território.

O grupo *Meizinheira do Pé da Serra* surgiu no ano de 2012, neste período as mulheres da comunidade acompanhavam, eventualmente, os filhos nas atividades do grupo cultural *Urucongo*¹⁴, elas iam para diversos locais auxiliá-los nas apresentações e foram estimuladas pelos integrantes do *Urucongo* a pensarem em algo que lhes as envolvessem, que as agricultoras fizessem com bastante satisfação. O cultivo e o uso das plantas medicinais foram apontados. A partir desta reflexão, decidiram se encontrar para relembrar e compartilhar os usos de mezinhas. Cada encontro estimulou outro. Ampliando o desejando em sistematizar os conhecimentos endógenos que possuem.

Nesse processo, as mezinheiras foram percebendo que semelhante ao grupo *Urucongo*, as práticas de mezinhas continham um caráter cultural e remetiam sobre o modo de ser dos moradores do Chico Gomes e suas expressões singulares. Como as agricultoras mesmo afirmam, sempre foram mezinheiras, por possuírem esses conhecimentos de utilização de folhas, caules, cascas, flores e raízes das plantas nos cuidados básicos de saúde e até em tratamentos de algumas enfermidades mais sérias.

As mezinheiras começaram a realizar encontros que as fizeram rememorar os tempos de infâncias e adolescências, como criaram os filhos, das dificuldades enfrentadas. Assim como, as mudanças ocorridas neste espaço-tempo. O acesso ao médico sempre foi algo deficiente, dessa forma, as mezinheiras e os demais moradores exercitaram os saberes ambientais e depositaram nas ervas uma maneira de acessar e garantir saúde. Atualmente uma aproximação ao sistema médico e o acesso a medicamentos se tornou mais fácil, mesmo assim o uso de remédios naturais é bastante presente.

Os primeiros encontros das mezinheiras do Chico Gomes foram no ano de 2012. Neste mesmo período a instituição social Cáritas Diocesana do Crato organizava a Campanha da Fraternidade – com o tema “A fraternidade e a Saúde Pública” no

¹⁴ O Grupo de artes Urucongo é uma articulação de jovens da comunidade, começaram com encontros para preparar as Quadrilhas de festas juninas da comunidade. Este grupo acoplou vários conhecimentos, e resolverem tornar mais efetivas ao longo do ano dos encontros. Eles dançam reisados, cocos e fortalecem as atividades culturais locais. Fazem uma reflexão sobre a relação com meio ambiente e inserem esse tema em suas músicas e danças. Este grupo já recebeu alguns prêmios e incentivos culturais. O que estimulou mais a participação dos jovens. Atualmente a filha de uma das mezinheiras realiza pesquisa de doutorado, vinculado ao Programa de Pós Graduação de Educação Brasileira – UFC, sobre a trajetória do Urucongo.

município. As ações das Meizinheiras foram incorporadas no projeto da Cáritas para fomentar as práticas clássicas dos agricultores. A instituição e as meizinheiras articularam juntas o projeto que ganhou força e alguns incentivos para congregar outras meizinheiras da região e ampliar as atividades que aconteciam no Chico Gomes.

Nos encontros, participaram pessoas da comunidade Chico Gomes, moradores da Comunidade Batateiras e Jenipapo, também do município de Crato. Materializando o debate sobre as práticas populares de saúde, através de rodas de conversas, encontros, reuniões e oficinas, gerando verdadeiros intercâmbios e experiências.

Os encontros tiveram auge no período de formações sistemáticas realizadas pela Cáritas, entre os meses de fevereiro de 2013 a julho de 2014 e foram bastante profícuos. Contribuiu em construir um vínculo de solidariedade, empatia e amizade entre as participantes. As integrantes ampliaram, aperfeiçoaram e compartilharam os conhecimentos. Aprenderam técnicas novas sobre armazenamento e embalagens dos remédios. Enxergarem nas outras as atividades que lhe são tão íntimas. Percebendo que não eram só as meizinheiras de cada comunidade que detinham esses conhecimentos, mas também outras mulheres da região e construíram uma identidade sobre o que é ser meizinheira, valorizando os saberes populares locais, desenvolvendo a autoestima e autonomia.

Os encontros foram preenchidos de alegria, músicas e criatividade, característica destas mulheres. A instituição Caritas produziu um documentário e uma cartilha sobre estas experiências, ilustrando os encontros e os depoimentos das meizinheiras. É um rico material que serve de autoafirmação, fortalecimento de suas atividades.

Figura 18- Um dos primeiros encontros das mezinheiras. Local: Cáritas- Crato



Fonte: Cáritas. Ano 2012.

De acordo com a Cáritas e as mezinheiras, os primeiros encontros, no ano de 2012, aconteceram timidamente, mas foram bastante proveitosos. Foi discutido sobre agricultura camponesa, saúde do campo e a importância das mezinhas. Nestes encontros foi sugerido que cada mezinheira trouxesse símbolos do cotidiano, como ilustra a Figura 16. Esses momentos são importantes porque geram uma reflexão sobre a realidade, a valorização dos legados existentes e a identidade de mezinheira começa a ficar mais visível.

As discussões efervesciam quando as práticas de saúde popular e a biomedicina eram colocadas em debate. As relações de poder, as deficiências e a invisibilidade das mezinhas pelo sistema de saúde foram alguns elementos que afloraram nas discussões. Ao mesmo tempo em que reivindicam acesso à saúde, pois é o seu direito, as mezinheiras questionam o cenário atual, no qual as deficiências são majoritárias.

Nos encontros foram desenvolvidos trabalhos artísticos: fanzines, cordel, música construídas coletivamente questionando a relação médico, paciente e sistema de saúde, visto a hierarquia e ineficiência que existem, expressando a sátira e a criticidade como encaram a realidade.

*O canto das Mezinheiras
Seu Doutor*

*Seu Doutor
Seu Doutor
Cheguei pra me receitar
Seu Doutor
Seu Doutor
Cheguei com dor de barriga
Uma caganeira de estrelar
Seu Doutor
Seu Doutor
Só porque não tem dinheiro
Eu tenho que esperar
Passa o nove, passa o dez
Eo tempo se passando
Terminei foi me cagando
Seu Doutor
Seu Doutor
Tomando chá de erva cidreira
Papaconha e camomila
Foi se embora a caganeira
Passando a dor de barriga
Tomando chá de embiriba
Seu Doutor
Seu Doutor
Boa tarde minha gente
Cheguei pra me receitar
Perguntei pelo Doutor
Ele disse não vem cá
Cheguei a passar mal
Me mandaram me deitar
Quando comecei a morrer
Mandaram me encaicar
Seu Doutor
Seu Doutor
Tomando chá de cidreira
Papaconha e Camomila
Foi se embora a caganeira
Passando a dor de barriga
Tomando chá de embiriba
Seu Doutor
Seu Doutor
E viva a saúde*

(Mezinheiras do Pé da Serra)

Canclini (2008), ao se referir sobre a contraposição entre os sujeitos culturais e as relações de poder existentes, coloca que

Há ainda outro modo pelo qual a obliquidade dos circuitos simbólicos permite repensar os vínculos entre cultura e poder. A busca de mediações, de vias diagonais para gerir os conflitos. Um lugar proeminente no desenvolvimento político. Quando não conseguimos mudar o governante, nós o satirizamos. A luta entre classes ou entre etnias é, na maior parte dos dias,

uma luta metafórica. Às vezes, a partir das metáforas, irrompem lenta ou inesperadamente práticas transformadoras inéditas. As práticas culturais são, mais que ações, atuações. Representam, simulam as ações sociais, mas só às vezes operam como uma ação(CANCLINI, 2008, p. 348-349).

Nos encontros realizados nos anos seguintes, as mulheres do Chico Gomes trocaram conhecimentos com as mulheres da Batateiras e de Jenipapo. Estas últimas ensinaram a fazer sabão de aproveitamento reaproveitando o óleo de cozinha. As mezinheiras do Chico Gomes ensinaram a fazer os lambedores e as garrafadas. Elas constataram que muitos de seus remédios eram feitos de forma parecida, então foram trocando informações e aperfeiçoando as receitas.

Figura 19- Oficina de extração de essência. Terreiro de Dona Rina



Fonte: Cáritas. Ano: 2014,

Um dos objetivos da Cáritas foi levar as mezinheiras para conhecer armazenamento de remédios caseiros realizado em uma ONG em Juazeiro do Norte. Esse foi outro momento importante, no qual se falou sobre cuidados de higiene e conservação dos remédios, como é ilustrado nas figuras 20 e 21.

Figuras 20 e 21- Oficina de armazenamento de xaropes nas embalagens



Fonte: Cáritas. Ano 2013.

Figura 22 - Produto Final da oficina. Sabão de aproveitimento e lambedor



Fonte: Cáritas. Ano: 2013.

O intercâmbio entre as comunidades foi algo que fortaleceu as atividades das mulheres participantes. Na casa do senhor Juvenal¹⁵, em Batateiras, as mezinheiras conheceram experiência de agrofloresta, em uma tarde sob as árvores, na mata

¹⁵Senhor Juvenal possui em casa uma mandala, uma casa de semente, uma agrofloresta e uma farmácia viva. Também se considera um mezinheiro; reivindica esse direito. Sr. Juvenal é um símbolo de organização e experiência camponesa e possui, ainda, um rico conhecimento cooperativista e sindical.

reflorestada pelo agricultor. Este momento que contribuiu para que elas expandissem os conhecimentos sobre a temática.

Figura 23 - Intercâmbio de saberes -encontro na comunidade Batateiras. Casa de Sr. Juvenal



Fonte Cáritas. Ano: 2014.

Outros encontros ocorreram no próprio Chico Gomes. Por exemplo, no terreiro de Dona Rina realizaram oficina de extração de essência e produção de sabonetes e pomadas. O mais recente encontro aconteceu em janeiro de 2016, no quintal de Dona Iraci, do qual eu tive a oportunidade de participar. Vieram novamente as mulheres de Batateiras e de Macaúba. Foi um rico momento de socialização de saberes sobre ervas e cultura popular.

Figura 24 - Encontro das Meizinheiras. Local: terreiro de Dona Iraci



Fonte: Cáritas. Ano: 2016.

Dona Penha expôs sobre a importância de trocar as experiências com as outras pessoas da comunidade. Explicou que, depois da criação do projeto, houve mais interesse por estas práticas e pela divulgação dos trabalhos.

Gosto de me reunir com as meninas, por causa da luta. Colocar as coisas em dia, levar as mezinhas para feira para vender também. Sempre que faço o remédio, primeiro eu peço a Deus. A fé contribui para cura, para mim saúde é tudo em nossas vidas. Meizinheira toda vida eu fui, só que hoje a gente tá mais desenrolada, porque a gente tem o nosso grupo (informação verbal).

As meizinheiras são guardiãs de saberes e rituais de cura apreendidos de forma ancestral e que carregam conhecimentos indígenas, europeus e africanos, povos que influenciaram na formação desta comunidade. O global e o local se encontrando e sendo mutáveis e permanentes ao mesmo tempo. Dona Rina expõe que

Com esse projeto das Meizinheiras fico mais feliz em cuidar e fazer meus remédios, tem mais significado. Quero ter mais tempo para cuidar das minhas plantas. Dá uma sensação boa. Me sinto feliz cuidando delas (informação verbal).

Manoel Leandro coloca a importância dos encontros para o desenvolvimento da autoestima das pessoas envolvidas. “Minha mãe ficou por algum tempo triste com o falecimento do meu pai. Depois desse trabalho ela tava se sentindo mais importante, valorizada. Vê que as coisas tem valor. Traz uma alegria de novo para ela”(informação verbal). Sobre a formação do grupo, Dona Rina fala com satisfação sobre o projeto. “Já fui dar cursos em outras comunidades, até em outras cidades, como Sobral. Me sinto muito importante!” (informação verbal). Dentro desse contexto, Dona Rina e as outras mulheres produzem os medicamentos e participam das atividades do grupo das Meizinheiras.

Sobre as dificuldades existentes, os participantes do grupo colocaram o pouco diálogo entre os jovens sobre a atividade. É preciso inserir mais a juventude nesse universo, para que a transmissão desses saberes não cesse e que eles também se tornam agentes multiplicadores desses saberes.

Outra questão apontada como desafio é conciliar as atividades domésticas e as reuniões do grupo, que acontecem, em determinados períodos, mais esporadicamente. O reconhecimento da comunidade também foi citado. Há vinte anos as práticas populares de saúde eram única alternativa no local. Hoje, com melhoria nos acessos à saúde e com a construção de um modelo a ser seguido, construído especialmente pela mídia, fazem com que algumas pessoas não estimem tanto os saberes tradicionais.

A respeito das potencialidades, as meizinheiras relataram que desde que construíram o grupo houve um acréscimo cultural no cotidiano delas. Ao se reunirem, as camponesas saem da rotina de atividades domésticas, conhecem outras pessoas, lugares e aprendem conteúdos novos. Nessas vivências ressignificam o cotidiano e as concepções de mundo. Sales (2007) explica que a participação das mulheres rurais em grupos de produção, coletivos, ocupação da terra e eventos políticos tem suscitado novos processos e reflexões sobre a própria situação e aquilo que se passa em torno delas.

A participação em movimentos sociais incentiva as mulheres mais atuantes a romper com a rígida divisão de papéis, com o lugar já predeterminado na família, no trabalho, e a ocupar espaço no campo político. A participação das mulheres nos movimentos sociais é também um espaço de luta, de contestação dos dispositivos de poder que organizam saberes dominantes, mas não deixa de ser uma possibilidade de escapar do controle familiar e de vivenciar outros códigos. A partir do envolvimento em movimentos sociais as mulheres se sentem fortalecidas e começam a produzir seus processos de reação à submissão, passam a reconhecer que possuem um determinado capital específico suficiente para formar um grupo de produção, ter uma renda. Depois de experimentar uma atividade produtiva rentável, as mulheres não são as mesmas, já não se sentem tão prisioneiras, estão mais abertas às

multiplicidades do mundo, sonham com liberdade e, assim, contagiam outras mulheres, afetando e sendo afetadas por esses desejos (SALES, 2007, p.442).

Ao venderem as mezinhas, elas apuram uma renda a mais. Nas atividades desenvolvidas em parceria com a Cáritas, discutiram sobre gênero, sexualidade e autonomia no campo. Diversos pontos foram problematizados e correlacionados com o cotidiano das Mezinheiras. Dona Penha explica que

Uma coisa boa do projeto é que a gente sai de casa, muda a rotina, é bom passar um tempo fora. Nessas andanças a gente troca mais. A gente só não sai mais por causa das atividades domésticas(informação verbal).

Várias outras especificidades que permeiam a vida dessas mulheres são trabalhadas nos espaços de discussão e reflexão. Por exemplo, as mezinheiras já realizaram debates sobre os papéis sociais que são atribuídos às mulheres e aos homens no campo. Os encontros desenvolvem processos de empoderamento¹⁶. Esse termo significa que as pessoas podem assumir o controle da própria vida. Schefler coloca que empoderamento é concebido como um processo que não é só no sentido econômico, mas também psicológico, social e cultural.

O empoderamento implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna das mulheres, garantindo-lhes autonomia no controle do seu corpo, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir bem como um rechaço ao abuso físico e às violações. [...]. Compreende um processo da conquista da autonomia por parte das mulheres que tem aspectos tanto coletivos como individuais (SCHEFLER, 2013, p. 11).

Verônica Carvalho, educadora social da Cáritas, explica que a instituição sempre realizou trabalho no sítio Chico Gomes. Então surgiu essa demanda da própria comunidade para fortalecer iniciativas de práticas de plantas medicinais.

A comunidade inspiradora foi Chico Gomes, juntamos esta com mais duas comunidades daqui do Crato: Jenipapo e Batateiras. O projeto da Cáritas possibilitou essa relação de lugares, intercâmbio, trocas, contato com novas pessoas. O projeto foi finalizado, mas as práticas delas ainda continuam a todo vapor(informação verbal).

¹⁶ O termo empoderamento, neologismo criado a partir da tradução do inglês *empowerment*, significa que as pessoas podem adquirir o controle de suas vidas, a habilidade para fazer coisas e definir as próprias agendas(SCHEFLER, 2013, p. 10).

As mezinheiras afirmam que várias pessoas da comunidade conhecem alguma receita, sabem fazer chás, conhecem os tipos de ervas. Faz parte do cotidiano a mata ser algo tão acessível. Porém, a importância do grupo se dá pela oportunidade de pensar sobre essas práticas. Relembrar coletivamente como foi que aprenderam. Trocar conhecimentos e repassar esses saberes. O diferencial é trazer para o processo coletivo a reflexão sobre os hábitos, tornar estas práticas conscientes, como descreve Dona Penha:

Aqui no Chico Gomes tem gente que sabe mais do que eu sobre mezinhas, mas não repassa, fica só para si. Com o projeto da Mezinheiras temos a oportunidade de compartilhar esses saberes, sistematizar. Cada uma faz seus remédios, vende, dá para sua família. Eu vejo que as meninas já sabem mais, aí nos trocamos entre si, os banhos, remédios. Assim vamos levando a vida. A gente sempre soube fazer os remédios, só que estava escondido. Não divulgávamos. Com o projeto da Mezinheiras temos a oportunidade de trocarmos esses saberes, é muito bom (informação verbal).

Um dos desejos das mezinheiras é construir um ponto de saúde, um espaço que contemple oficinas, encontros, onde as mulheres possam receitar e vender as mezinhas. Um ponto citado foi próximo a mandala, onde as agricultoras realizariam os cultivos coletivos. Atualmente, o espaço da mandala encontra-se em construção. Será um espaço profícuo para produção das ervas medicinais, visto que é um local que possui um solo bastante fértil e bom acesso de água. Garantirá a expansão de produção coletiva de mezinhas e demais culturas.

Figuras 25 e 26 - Mezinheiras Dona Auxiliadora e Dona Penha na mandala



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2015

Os espaços de diálogo e de socialização dos saberes populares locais vivenciados pelas mezinheiras constituem-se como uma ação pedagógica para a formação de uma leitura mais consciente e crítica de mundo. Freire (1981) afirma que toda prática educativa implica uma concepção dos seres humanos e do mundo,

fomentando sua leitura de mundo, assim como incentiva as pessoas a pensar no mundo em que vivem e propor propostas para ele. Essas ações contribuem para um processo de contínua conscientização; convidam a olhar fixamente para os hábitos, para as condições sociais que as permeiam; para sua cultura, e refletirem sobre ela. Para Freire (1981), os espaços de diálogos e de cultura semelhantes aos edificados pelas mezinheiras são oportunos, pois colocam as pessoas em uma posição de estarem abertas para transformar o mundo através de sua ação.

Os autênticos diálogos promovidos entre as mezinheiras constroem práticas educativas no mundo em que elas vivem. E é na ação cotidiana, nas articulações sociais, na valorização da cultura popular que é possível transformar o mundo. Na visão de Freire, significa impregná-lo de sua presença criadora, e para isso é necessário ser tomado pela plena consciência da existência, tendo como ferramenta o trabalho. Dessa forma é possível deixar marcas em nosso ambiente planetário.

Existir é um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se. O domínio da existência é do trabalho, da cultura, da história, dos valores. Uma pluralidade e criativa resposta a um desafio que se aponta (FREIRE, 1981, p. 53).

Nos encontros, as mezinheiras promovem verdadeiras ações criativas libertadoras, de fortalecimento de culturas e, sim, de existência. Elas discutem sobre saúde, debatem a relação socioeconômica em que estão inseridas, trazem músicas, poesias, fatos vivenciados antigamente, produtos artísticos que fazem uma análise crítica da realidade.

Os encontros transformam cada uma das integrantes; elas saem diferentes, já não são mais as mesmas. Nesses espaços, elas constroem estratégias para lidar com a saúde para além do que é ofertado pelo sistema de saúde e farmacêutico hegemônico. Surge a reflexão de contemplação das riquezas que possuem, de troca e transmissão de sabedoria ancestral que não se aprende em livros. Os encontros se constroem a partir das relações repletas de fé, afeto, organização popular e feminilidade. É importante frisar que a discussão sobre feminilidade ocorre devido ao fato de os espaços construídos serem majoritariamente composto por mulheres, promovendo uma reflexão sobre si mesmas e sobre a importância da valorização da força feminina. Tornam-se cada vez autônomas, conhecedoras de seus cotidianos e de suas identidades. Assim, conhecendo a si mesmas e suas realidades, torna-se possível transformá-las.

O que as mezinheiras desenvolvem é um tipo de conhecimento; é diferente do que é desenvolvido na Academia, mas também possui seu valor. É um conhecimento que se constrói nas ações concretas do cotidiano, é o saber popular. Dessa maneira elas reafirmam o território, fortalecem a memória e ampliam a sua concepção de saúde. Além disso, constroem uma prática educativa bastante semelhante ao que é discutido por Freire (1996). O autor chama esse tipo de conhecimento de “saber de experiência feito”, um conhecimento significativo, contextualizado. Os sujeitos sociais que o constrói têm a uma consciência de que os saberes estão em constante construção, assim é permanentemente inacabado, conseqüentemente gera mais reflexões e curiosidade pelo tema. É o que o Freire chama de “curiosidade epistemológica”. São saberes desenvolvidos a partir da observação, experimentação e de coragem para reinventar o que já existe.

O saber de experiência feito está vinculado à história social dos sujeitos sociais que o constrói. É o saber aprendido a partir das experiências, nos atos concretos do cotidiano. É preciso vê-lo como espaço de criatividade e de capacidade criadora. Freire afirma, também, que ensinar não é transferir conhecimento. As pessoas são sujeitos de sua história. Também produzem saberes que estão vinculados ao seu cotidiano.

As mezinheiras possuem os seus “saberes de experiência feito”, o que lhes proporcionarem além de seus condicionantes. As agricultoras se apropriam dos legados populares, os reinventam e os atualizam a partir de seus interesses. Essas práticas fortalecem identidades culturais e, por consequência, fazem-nas se assumir enquanto sujeitos sociais, de cultura, suas histórias e produtora de conhecimentos e da arte de curar.

5 TERRITÓRIO, MEMÓRIA E SAÚDE NAS PRÁTICAS DE MEIZINHAS

Tendo em vista o panorama das meizinheiras apresentado no capítulo anterior, suas práticas de sociabilidades, seus conhecimentos sobre o cuidado, a interação com a natureza e as articulações que originaram no grupo, trago nesse capítulo o debate sobre as categorias evidenciadas em campo e que dialogaram com o referencial teórico. Território, Memória e Saúde perpassam essa pesquisa. São também pontos-chave para compreendermos as práticas tradicionais de saúde desenvolvidas pelas meizinheiras do Cariri cearense.

Assim, neste capítulo trago uma reflexão sobre a relação das meizinheiras com seu território, para compreendermos qual a concepção delas sobre a terra em que vivem e compartilham com os demais moradores. Além disso, intetamos ilustrar os processos de territorialidades, os conflitos e lutas existentes e suas perspectivas futuras nesse lugar.

Convido a uma reflexão sobre como a memória é algo importante quando estamos falando sobre práticas de saúde popular. As lembranças do que viveram no passado influenciam suas ações atuais. Os legados deixados pelos antepassados são os direcionamentos de como se prevenir e agir em caso de enfermidades. A tradição oral é um canal através do qual essas narradoras discorrem para gerações mais jovens sobre esses legados.

Por fim, apresento a concepção e o significado de saúde para as meizinheiras. Construo um debate com as políticas públicas, ressaltando a relevância da consciência ambiental e a presença da fé que é depositada nas práticas de meizinhas, evidenciando, também, que essas práticas caracterizam uma ação pedagógica de educação popular, e os conhecimentos sobre saúde são vinculados ao cotidiano, apreendidos na materialidade da vida. As práticas de cuidado com saúde abrangem o corpo físico, espiritual, emocional e a interação com a natureza.

5.1 Um território enraizando: as mezinheiras e suas territorialidades

“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.” (João Guimarães Rosa)

Figura 27- Dona Rina e sua neta Flora na horta da família.



Fonte: Ana Cristina Leandro. Ano: 2013.

A terra tem um valor prático e, ao mesmo tempo, subjetivo para as mezinheiras. É a base para as produções de alimentos, sendo também repletas de símbolos e significados, pois é o recorte espacial pertencente aos seus ancestrais no qual estes construíram suas histórias de vida e identidades. Atualmente, a terra-território onde as mezinheiras vivem é o espaço concreto no qual as agricultoras desenvolvem suas relações socioculturais.

Tendo como ponto de partida a ciência geográfica, ao estudarmos sobre território estamos buscando evidenciar no seio social as relações de domínio, de poder, as lutas de classes e as forças ideológicas presentes em um dado recorte espacial. Raffestin (1993) explica que a noção de território está ligada à noção de limite, pois mesmo não sendo traçado, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do

espaço.

O território se forma a partir do espaço. É resultante de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator 'territoriza' espaço. Henri Lefévre mostra muito bem como é o mecanismo para passar do espaço ao território: 'a produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam' [...]. O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela as relações marcadas pelo poder (RAFFESTIN, 1993, p. 143-144).

Diversos sujeitos e grupos sociais se apropriam concretamente de um território, produzem relações de forças contrárias através das quais vão colidindo na defesa de seus interesses e projetos ideológicos. Fernandes (2005) nos mostra que o território possui um caráter multidimensional, político, econômico e cultural. É um espaço dialético de convenção e de confrontação. A existência, assim como a destruição, será determinada pelas relações sociais que dão movimento ao espaço. Assim, o território é espaço de liberdade e dominação, de expropriação e resistência.

À medida que as atividades territoriais se tornam mais complexas, vão gerando processos de desterritorialização e reterritorialização. Atores perdem os territórios, outros se apropriam, existe uma energia em busca de reapropriação e, do mesmo modo, o fluxo vai se desenvolvendo. No debate sobre a questão agrária, podemos explicar o embate existente entre a agricultura familiar e o agronegócio. Os camponeses sofrem processos de coerção, perdem as terras e os meios de trabalho, se veem obrigados a trabalhar na lógica do agronegócio, sofrem duplo processo de desterritorialização: das terras e do modo de vida. Carvalho (2010) coloca que a contradição principal no campo é a disputa pela terra e que o campesinato é uma classe social. O camponês é um sujeito social histórico e a perda da terra significa para eles a extinção da própria condição de ser camponês. Nesse sentido, em contrapartida à lógica que os oprime, os agricultores se organizam a partir de um projeto pensado com base na visão de mundo do campesinato. A agroecologia torna-se um instrumento de defesa de seus territórios e paradigmas de produção, e através deste movimento eles se reterritorializam.

No território estudado, a comunidade Chico Gomes, o percalço encontrado é o fato de que os habitantes se encontram na situação de moradores de condição. Os residentes não têm a posse da terra; moram em terras particulares. Martins (1981)

explana que morador e colono são formas camponesas dependentes de que se valeu a plantagem pós-abolicionista; a elas pode-se acrescentar as diversas modalidades de parceria, meação e pequeno arrendamento que se difundiram por todo o País. Acrescenta-se, ainda, a quarteação do vaqueiro, aquela forma de relação de produção em que o vaqueiro recebia um bezerro em cada quatro; isso já existia no escravismo colonial e persistiu após a abolição da escravatura no Nordeste e em Minas Gerais.

No sítio Chico Gomes, as condições de vida e trabalho estão atreladas à relação com o dono da propriedade. O que os moradores podem desenvolver e cultivar, quais animais podem criar depende da autorização do titular das terras, que faz esse controle. Muitos entraves aparecem na vida dos habitantes de Chico Gomes, por não possuírem a titulação das terras. Por exemplo, para darem entrada no pedido de aposentadoria, eles têm que pedir uma declaração, que possui o efeito de comprovante de residência, ao titular da propriedade. Muitas vezes esse processo é repleto de constrangimento e humilhação. Os moradores, além disso, perdem muitos benefícios sociais, como de créditos e incentivos, por não serem proprietários das terras em que vivem. Já a relação com o “patrão” é permeada por uma vigilância silenciosa, de um medo e também de alguns benefícios que faz persistir essa convivência paternalista. Esta realidade do sítio do Chico Gomes se iniciou, para os pais e avós dos atuais habitantes, com o período de produção canavieira. Martins (1981, p. 65) explica que

No Nordeste, a crise da cana de açúcar levou os senhores de engenho a arrendar suas terras a foreiros, torando-se absenteístas, vivendo em outros lugares. Quando os preços do açúcar se elevaram, passaram a expulsar o seus foreiros. [...]. Os que não foram despejados acabaram transformando-se em moradores de condição, sujeitos a dar um crescente número de dias de trabalho ao canavieiro. Sob pagamento inferior do que os trabalhadores de fora da fazenda.

Atualmente, uma parcela dos moradores trabalha para o patrão. Os demais residentes apenas continuam a morar no sítio, como é o caso das mezinheiras que já não pagam mais a renda da terra. Este grupo é o mais vulnerável, pois não possui nenhum motivo que lhe assegure a permanência nesse território. Dabat (2003), que desenvolveu a tese sobre moradores de condição na zona canavieira de Pernambuco, explica que, no contexto de morador, o que predomina é a lei do silêncio e a falta de direitos trabalhistas. Existe, ainda, uma violência simbólica, a violência do medo. A memória da violência social que reinava no período de apogeu da cana de açúcar afasta qualquer visão bucólica e fraternal das interações entre as classes. O que prevalece nas

relações entre moradores e patrão é o ar de ameaça e a convicção da impunidade, especialmente por causa da omissão do Estado.

Em Chico Gomes também se escuta muitas histórias de punições que os trabalhadores de outrora sofreram por fazerem algum tipo de questionamento ao dono da terra. Ele possuía “funcionários” que lhes prestavam serviços, informando sobre atitudes subversivas e inapropriadas dos moradores. Historicamente, esses moradores sofreram processos de coerção, opressão e autoritarismo. Os relatos de repreensões, medidas punitivas e de disciplinamento quando alguém questionava as relações de trabalho e com a terra, ainda percorrem e ecoam pelos espaços da comunidade. Faz parte também da memória coletiva e habita o corpus território. Uma questão atual colocada pelos moradores são as proibições que lhe são impostas, por exemplo: as casas são construídas de taipa, não podem se edificadas de tijolos, pois se tornaria benfeitoria muito perigosa. Seria uma forma de fixação- um enraizamento- dos moradores no sítio.

Por direito eles são os verdadeiros possuidores desta terra, devido ao tempo em que moram nela, lugar que os pais e avós também moraram. Contudo, nesta disputa de poder, para saírem dessas condições de subalternidade, os moradores têm que desenvolver um processo de organização bastante coesa, se organizar coletivamente em busca dos direitos à terra e, conseqüentemente, a liberdade, autonomia e sustentabilidade, garantindo condições mais tranquilas para si e para as gerações. Esse processo não é simples, requer iniciativa, persistência, um processo pedagógico e formativo sobre a questão para os demais moradores. Requer também um embate com o grupo social opositor. Mas se faz necessário, pois mudaria a conjuntura vivenciada pela comunidade, os tornaria mais fortes, organizados e unidos.

É necessário construir estratégias, processos de formação e reflexão sobre questão agrária e posse da terra. Procurar alternativas de assegurar a permanência nessa localidade e, assim, garantir também a cultura e as práticas tradicionais. Fazer alianças com entidades que defendem os direitos camponeses, tendo em vista o atual contexto e, sobretudo, o futuro da comunidade no território. Martins (1981) explica que, no cenário de conflitos, opressões e formas distintas de apropriação das terras, muitos camponeses lutam pelo direito à terra e à autonomia nas formas de produzir; essa luta ocorre de diversas maneiras, notadamente pelo reconhecimento dos seus direitos. “Abrindo questões na justiça, procurando adiar despejos, insistindo no direito de permanecer na terra. Basicamente lutam por autonomia, por liberdade. Por isso, a luta é anticapitalista. É a resistência à expropriação e à expulsão violenta ou suave, rápida ou lenta”

(MARTINS, 1981, p. 144-145). A comunidade já tem dois exemplos de organização, o *Urucongo* e as *Meizinheiras do Pé da Serra*, grupos que têm interesses em comum. Os dois grupos podem ser os estimuladores/ facilitadores desse processo de organização.

Sobre a relação com território, uma das meizinheiras (nesta citação preferi não identificá-la), relatou:

[...]Gosto muito da minha comunidade. Desse verde. Tô no Centro, já sinto aquele calor. Chego aqui já sinto um clima diferente. O clima de pé de serra é bom. Pena que a terra não é nossa que tem dono. Aqui a gente é morador e vive na terra do patrão(informação verbal).

Há uma relação de afetividade com o lugar, e as práticas populares de cuidado com a saúde e a organização em torno destes hábitos trazem reconhecimento e fortalecimento do território. Inconscientemente ou não, as meizinheiras desenvolvem atividades de resistência e disputa do território, ao se afirmarem nele e desenvolverem cada vez mais atividades *in loco*, expressando, portanto, ações de territorialidades.

Haesbart (2004) expõe que território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, “[...] desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (p. 95-96). O simbólico se expressa como prática de territorialidade, ao conferir aos territórios características singulares, exclusivas dos sujeitos presentes. Fernandes (2005, p. 29) acrescenta que

Enquanto a territorialização é resultado da expansão do território, contínuo ou interrupto, a territorialidade é a manifestação dos movimentos das relações sociais mantenedoras dos territórios que produzem e reproduzem ações próprias ou apropriadas.

Assim, a territorialização é o processo de expansão e/ ou construção de territórios, e a territorialidade seria a manutenção e a consolidação desses territórios, a partir das atividades sociais que buscam esse fortalecimento através das práticas diárias, do modo de vida e da organização dos sujeitos sociais envolvidos. A afetividade, identidade e ressignificação cultural contribuem para moldar a sua feição. O território não se constrói apenas como relações de poder, mas também de identificação e afinidade com o espaço. A territorialidade se relaciona com o significado que as pessoas dão ao lugar. É aquilo – lugar– que nos pertence. Diegues (2001, p.85) expõe que

Além do espaço de reprodução econômica, das relações sociais, o território é também o lócus das representações e do imaginário mitológico dessas sociedades tradicionais. A íntima relação do homem com seu meio, sua dependência maior em relação ao mundo natural, comparada ao do homem urbano-industrial faz com que os ciclos da natureza (a vinda de cardumes de peixes, a abundância nas roças) sejam associados a explicações míticas ou religiosas. As representações que essas populações fazem dos diversos habitats em que vivem, também se constroem com base no maior ou menor controle de que dispõem sobre o meio-físico - Nesse sentido, é importante analisar o sistema de representações, símbolos e mitos, que essas populações tradicionais constroem, pois é com base nele que agem sobre o meio.

Isso está presente nas atividades das mezinheiras. Elas possuem uma convivência íntima com a natureza e dispõem de saberes sobre a biodiversidade local. A (re)construção de territorialidade, práticas de fixação que geram permanência no local, acontece por meio das atividades culturais, espontâneas e singulares, que lhes trazem identidade e significado ao território, além da manutenção da cultura e biodiversidade local. Felício (2010, p. 23) nos coloca que “[...] o campesinato também constrói o seu território imaterial para disputar e defender o lugar e a importância na sociedade capitalista demonstrando que este não desapareceu, mas participa das discussões com o projeto ideológico”. As mezinheiras constroem e reafirmam o seu território material e imaterial, ao mesmo tempo em que também se inserem na paisagem do mesmo. O corpo, extensão do território, absorve vivências do espaço-tempo e vai acumulando esses elementos territoriais. São práticas lúdicas que acontecem no intuito de reafirmar seus lugares.

Dutra (2008, p. 206) nos traz que “[...] o território camponês se materializa na unidade da produção familiar, lá está a possibilidade da garantia da (re)produção camponesa, que lhes permite permanecer e se fixar na terra”. Wanderley (2009) expõe que o território camponês é um lugar de vida e de trabalho capaz de guardar a memória da família e de reproduzi-la para as gerações posteriores. Santos (2001) explica que a ideia de territorialidade se estende aos demais animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com destino, a construção com o futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio humano.

A estratégia de territorialidade expressada no cotidiano das mezinheiras conecta-se com a categoria geográfica lugar, pois este significa característica peculiar à feição produzida em um dado espaço, através da experiência, do cotidiano, do que é realizado afetivamente no local. “O lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento

geográfico dos corpos amolgados com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem” (TUAN, 2013, p.14).

O lugar, dentre espaços globalizados, não está alheio às relações contraditórias e fluidas dos espaços inseridos em processos do fenômeno da globalização. A questão maior é compreender como esses espaços singulares se concretizam, atualmente, em ambientes fluídos e homogeneizantes.

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, [...] cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2006, p. 218).

O lugar se torna o retrato do cotidiano, das contradições e conflitos. É o local dos processos criativos, gerando culturas, isto também está presente na vida cotidiana do Chico Gomes, que não está isolado das investidas da globalização, a qual fortalece a uniformização cultural produzida pelo capitalismo e pela sociedade de massas. “Cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (SANTOS, 2006, p.213). As práticas cotidianas que produzem as marcas de um lugar trazem sentido para as pessoas continuarem permanecendo em seus locais, e as relações de uso de ervas medicinais produzem processos de territorialidade e concepção de lugar, fortalecimento de um saber local rodeado e em contato com as práticas homogeneizantes.

Carlos (2001) coloca que o lugar guarda em si o significado e as dimensões do movimento da vida, sendo possível de ser apreendido pela memória através dos sentidos e do corpo. É ação de ocupação, apropriação do corpo (individual e coletivo) em um espaço que estabelece o sensível, o espontâneo e os contornos que caracterizam um espaço social. Harvey (2004) expõe que os corpos são socialmente produzidos. É uma acumulação de memórias, experiência, relação de trabalho, relações sociais, relação com o ambiente. É um *locus* de significados e valores. É também um território resultado das experiências em um determinado espaço-território. Os corpos sociais desenvolvem suas práticas de sociabilidade, de poder, disputa, afetividade e amorosidade - a partir de experiências individuais e coletivas- em seus territórios. Por exemplo, grupo *Meizinheiras do Pé da Serra* fomenta e é fomentador de uma relação de

retroalimentação em função de uma identidade e territorialidade e composição do lugar, os integrantes se conectam intimamente com o espaço onde cresceram; encontram propriedades naturais para desenvolverem a arte de curar e é onde desejam permanecer. É devido a essas questões que lhe são tão íntimas que a luta pela terra, a reivindicação pela posse, não deve ser esquecida, mas pensada e demandada insistentemente.

Nessas reflexões sobre território e uso da terra, as práticas de saúde popular também caracterizam e imprimem marcas no lugar onde elas estão sendo praticadas. Em cada lugar essas práticas ocorrem de forma diferente, embora a matéria prima seja a mesma: as ervas medicinais. No Cariri, isso ocorre a partir da interligação das expressões culturais, afetivas, religiosas e territoriais. É dessa forma que as pessoas recriam relações com o local onde vivem, a partir das apropriações físicas e com as particularidades que compõem o seu espaço geográfico.

5.2 O Entrelaçar do Tempo – A Memória Constituindo o Presente

Figura 28 - Dona Iraci e suas cascas de aroeira



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2015.

As mezinheiras trazem consigo a experiência de trabalhar há quatro

décadas na agricultura, da vivência na mata, dos cuidados com a casa, das gestações, de criação dos filhos e também do uso das ervas medicinais e das práticas de cuidado. O corpo absorve e acumula as vivências do espaço-tempo. Corpo-memória e corpo-território que também reagem, interferem no ambiente e deixam marcas no ambiente.

Beauvoir (1970), na obra *A velhice*, aponta que, em algumas sociedades antigas, a sabedoria dos mais velhos acerca da cura através de medicamentos naturais conferia-lhes um lugar de destaque. Eram tidos como sábios respeitados e tinham uma posição de poder graças a estes conhecimentos. A autora expõe que em algumas sociedades arcaicas respeitava-se os anciãos, pois são eles que transmitem as tradições; a memória dos antigos mitos lhes vale um grande prestígio, são os guias e os conselheiros da coletividade. Em outro momento da obra, a autora afirma que tanto a etnologia como a biologia mostram que a contribuição positiva dos idosos para a coletividade é a memória e a experiência de repetição, multiplicando as capacidades de execução e de julgamento.

Beauvoir afirma que, em outras sociedades, as pessoas mais velhas sofreram algum tipo de rejeição ou foram colocadas de lado. “Os velhos representam um papel menor entre os povos que são suficientemente avançados para não acreditarem na magia e para não darem muita importância à tradição oral” (1970, p. 91).

São as mulheres mais velhas da comunidade Chico Gomes que dominam os saberes ancestrais sobre as plantas. Elas são mães, avós e mestras da cura, e carregam na vida os saberes do lugar que habitam e possuem o contato íntimo com as raízes ancestrais e com o natural. Tornam-se elo entre os saberes pretéritos e as experiências atuais. Os jovens da comunidade sabem bem menos, não possuem tanta apropriação sobre o conteúdo, e quando querem um remédio recorrem às receitas caseiras realizadas pela mãe ou por outra pessoa mais velha da comunidade.

Em diversos momentos de nossas conversas, as mezinheiras recordaram como apreenderam as práticas de cuidado relacionado à saúde. Muitos relatos se unem, como uma colcha de retalhos; as memórias individuais e concepção de cada uma sobre o espaço que viveram na infância e juventude formam uma memória social sobre o uso das plantas medicinais da localidade.

Bosi (1994), na pesquisa sobre lembranças e narração a partir das memórias dos mais velhos, coloca que o exercício de reconstituir o passado traz alguns lapsos, mas estes são menos graves nas consequências que as omissões da história oficial. “Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na

história de sua vida” (p. 37). A autora expõe que a etimologia da palavra *lembrar* – *souvenir*, em francês, significa movimento de vir de baixo, vir à tona. “Esse afloramento do passado combina-se com o processo corporal e presente da percepção” (p. 46).

A respeito de processo de recordar, Bosi interpreta que esta é uma tarefa que exige paciência para gerar a reconstituição, existindo no sujeito plena consciência do que está realizando. Ao reconstituir o passado, este sofre influência do contexto atual. “A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações” (BOSI, 1994, p. 46). Um instrumento importante para a memória é a linguagem, sendo um canal da imagem lembrada com as imagens atuais. Ao narrar as experiências, as pessoas colocam em exercício novamente o que vivenciaram, fortalecem esses saberes e se tornam uma prática educativa, no qual a partir da oralidade são transmitidos os saberes, na grande maioria das vezes, através de conversas informais.

As questões percebidas na pesquisa geram uma reflexão do momento contemporâneo a partir das experiências pretéritas. Ao falarem sobre como eram as práticas de sociabilidade de uso de plantas medicinais, as mezinheiras constroem uma sistematização sobre os conhecimentos vivenciados alguns anos atrás. Percebem o passado mais próximo do presente, nas atividades diárias. As construções de memórias penetram no território, moldam o espaço e conduzem as formas de ser e as práticas cotidianas atuais. Neste contexto se tornaram bases para promoção de saúde popular.

Bosi (1994) expõe que lembrar é construir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. E se lembramos é porque os outros e a situação presente nos fazem lembrar. A memória cumpre papel de fundamentar e organizar a reconstituição de si mesmo. Uma memória reconstituída que procura dá sentido às identidades. No caso da mezinheiras, elas descrevem como suas mães realizavam as práticas de cuidado que aprenderam com as avós e assim sucessivamente. À medida que as camponesas descrevem como eram as práticas de outrora, constroem ressignificação para o passado e edificam uma memória coletiva e identificação maior com o tema

Fui criada pela minha avó. Não íamos ao médico, fui para um só quando já era moça. Era minha avó que cuidava da minha saúde, através de banhos, chás, rezas(informação verbal).

Outro elemento importante da memória é a ausência da necessidade de uma relação estrita com a escrita. É através da memória que as mezinheiras guardam os

conhecimentos aprendidos, e os materializam por meio do exercício e da experimentação cotidiana.

Todas as receitas eu tenho na minha cabeça. Eu faço essas receitas porque via minha mãe fazendo. Eu não estudei, não sei ler, mas essas receitas eu tenho tudo em minha memória. Quando vejo meus filhos doentes, eu lembro do que minha mãe fazia. Deus me deu força, sabedoria e memória(informação verbal).

No cotidiano, as mezinheiras também transmitem às demais pessoas da comunidade esses saberes. São narradoras dos legados vivenciados no território em períodos anteriores, que são resignificados, questionados, apreendidos, acolhidos ou descredibilizados, dependendo do ouvinte. As mezinheiras utilizam o mecanismo da oralidade para transmitir e legitimar os conhecimentos.

Nesse sentido, Raffestin (1993) explica que a língua é um trunfo, um recurso, e por consequência está no centro de relações que são marcadas de poder. Um dos tipos de linguagem é a que está ligada às tradições culturais, orais ou escritas, e que asseguram a continuidade dos valores por uma referência sistemática às obras do passado. Mía Couto (2011, p. 11) explana que “[...] as línguas servem para comunicar, mas não apenas “servem”, transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser”. A linguagem se constitui como método importante para o processo ensino-aprendizagem destas agricultoras e para suas existências. É através da oralidade que as mezinheiras narram os aprendizados para os filhos e pessoas próximas. A linguagem institui também método de afirmação e de se colocar no mundo. Este território faz ecoar as vivências de outrora e tem nas mulheres um canal para permanecerem vivas as experiências através das narrativas.

Para Walter Benjamin, a prática de narração tem como canal a oralidade, é algo que vem perdendo espaço atualmente. No texto *O Narrador*, Benjamin (1994) coloca um questionamento: por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências, narrar e escutar histórias. O autor pontua que, na atual época da informação, a busca da sabedoria perde forças, porque a velocidade das informações, a fugacidade e o modo de vida mais acelerado fazem com que as pessoas tenham menos tempo em escutar.

O narrador retira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam. Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder

ser reproduzido. Na era da informação perde-se também a faculdade de escutar. A narração é uma forma artesanal de comunicação (BENJAMIM, 1994, p. 341).

Benjamin (1994) explica que narradoras são pessoas que sabem dar conselhos, e estes tecidos na substância viva da existência têm um nome: sabedoria. Descrevem suas experiências e as experiências alheias, assimilando a sua essência.

Dialogando com Benjamin, na obra *A sobrevivência dos vaga-lumes*, Didi-Hubberman (2014) faz um questionamento sobre se as práticas ditas populares e de resistência estariam prestes a desaparecer. Estariam elas sendo comprimidas pelos processos globalizantes? No transcorrer do texto, Didi-Hubberman responde aos questionamentos colocando que a experiência é algo indestrutível, “[...] mesmo que se encontre reduzidas às sobrevivências e as clandestinidades de simples lampejo” (DIDI-HUBBERMAN, 2014). O que precisamos é estar atentos a esses pontinhos luminosos de experiências e resistências de culturas populares. Em alguns momentos eles podem estar latentes, aparentar que desapareceram, mas em outras circunstâncias ressurgem com novidades reminiscentes. O que não devemos é perder a capacidade de enxergar essas experiências, escutar e aprender com elas.

As mezinheiras se apropriam dos conhecimentos comuns e lhes dão energia/ vida. Contudo, as agricultoras precisam que haja um interesse e confiança no que expressam. A narração precisa de ouvintes que vejam isso não mais como uma informação facilmente consumida e descartada. É preciso que as pessoas compreendam como algo digno de ser apreendido e sempre que necessário consultado, visto que cada vez que é usado, mais se torna rico e não se deteriora. O tempo e memória caminham juntos nessa prática de cuidado com a saúde, dialogando e compondo o presente. É na base das práticas ancestrais que encontramos o espaço aberto às respostas de nossas perguntas contemporâneas.

5.3 Afinal, o que é saúde se não felicidade?!

“Existem povos –vagalumes, quando se retiram na noite, buscam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores do ‘reino’ e fazem o impossível para afirmar seus desejos, emitir seus próprios lampejos.” (Didi-Hubberman)

Nos hábitos cotidianos das mezinheiras há presença constante de cuidados com a saúde. Com práticas simples, elas garantem certo nível de autonomia e alternativas sutis para a prevenção e tratamento de diversos tipos de enfermidades e males que podem vir a acometer a comunidade. Estes cuidados têm como exemplos o cultivo de ervas, os percursos na mata e na produção de mezinhas.

Ao fazerem uso dos medicamentos caseiros ou ao repassá-los para alguém, as mezinheiras observam os sinais do corpo que trazem indicativos de como agir. O toque, a escuta e o acolhimento estão presentes na forma como as mezinheiras desenvolvem as práticas populares de saúde, que se imbricam com outro elemento: a fé que é depositada nos remédios. A espiritualidade está presente nesse universo de cura popular. Dona Rina, ao relatar sobre os cuidados com a família, afirma:

Cada planta que tem aqui é uma serventia para fazer remédios. Meus nove filhos criei assim fazendo chazim, os lambedor. Assim que criei eles. A gente acaba num tá necessitando o tempo todo tá ao pé do médico. Os primeiros socorros é aqui. Tem receitas para várias coisas, até mesmo quando se tá triste... tem para ficar mais alegre, tomar chá de alecrim e alfavaca. Para pressão é bom tomar chá de colônia mais erva cidreira e capim santo. Não gosto de tomar comprimido, dá uma sensação ruim no estômago. Me cuido mais com remédios do mato (informação verbal).

Figura 29- Dona Rina apresentando seu xarope



Fonte: Acervo particular da autora Ano: 2015.

Dentro os produtos, o que Dona Rina faz com mais frequência é o lambedor, no qual é utilizado jatobá, imburana e moçambê.

Ele serve muito para arrancar o catarro do peito, para aquela tosse seca. Eu faço esse lambedor para os meus filhos e para as pessoas que procura, para venda. Faço para criança também, só com a malva do reino, cebolinha branca, pepaconda, contra erva e *eucalipi* (informação verbal).

A mezinheira Dona Penha comenta que participou durante alguns anos da Pastoral da Criança, o que contribuiu para expandir o conhecimento sobre diversas práticas de saúde e alimentação, para a melhoria da qualidade de vida de sua família e da comunidade. Essas práticas paralelas trazem bastantes significados e resultados para a saúde comunitária, evidenciado que elementos contínuos trazem relevantes resultados. Sobre o sistema oficial de saúde, Penha relata:

Vejo que aqui a dificuldade de ir ao médico é grande, pois a gente não tem dinheiro. A gente vai primeiro atrás do remédio do mato, se não dê certo, aí vamos ao médico. Eu fico vendo que tem muito posto de saúde que não atende as pessoas bem. Minha filha esses dias foi ao médico, ele nem olhou para ela. Triste uma coisa dessa (informação verbal).

O acesso ao sistema de saúde é precário no sítio Chico Gomes. O médico que atende à comunidade presta serviços em outras, e vai ao sítio sem uma frequência estabelecida. Uma das maiores reclamações dos moradores é a relação paciente–médico. Como discutido no capítulo 4, o vínculo entre o enfermo e médico geralmente é repleto de hierarquização, distanciamento, pouco contato físico e precário esclarecimento sobre o tratamento da doença. O paciente não é elemento importante para o processo de cura. O doutor, detentor dos conhecimentos médicos, concentra as informações, repassando apenas o necessário para os pacientes. Consultas rápidas que não garantem tempo para uma escuta mais tranquila e atenciosa.

As práticas de saúde realizadas pelas mezinheiras no dia a dia estão repletas de atenção, cuidado e solidariedade às pessoas. A afetividade é o que tece a relação mezinheira-paciente. São relações pautadas na responsabilidade com o outro e com a comunidade. Nesse sentido, os remédios caseiros e a atenção dirigida aos que requerem cuidados são marcadas pelo zelo.

Boff (1999) expressa que é urgente construirmos uma sociedade que tenha como relevância o saber cuidar. A prática de cuidado acontece a partir da emoção que colocamos em nossas relações, da importância que damos a tudo o que nos cerca. Para o autor, a dimensão do cuidado abrange o cuidado com o planeta. É preciso construir, segundo ele, uma alfabetização ecológica e com o próprio nicho ecológico/ local onde se vive, com quem o compartilha, sendo imprescindível conhecer a paisagem e a história do lugar. “Isso significa cuidar do próprio meio ecológico, vivenciá-lo com o coração, com o seu próprio corpo estendido e prolongado. Assim, descobrir razões para conservá-lo e fazê-lo desenvolver, com respeito a dinâmica do ecossistema” (BOFF, 1999). O autor expõe também a importância do cuidado com o outro, do acolhimento e da amorização. E, por fim, fala do cuidado consigo mesmo, da busca por um equilíbrio entre corpo, mente e espírito; este último seria o autocuidado.

O saber cuidar é inerente às vivências das mezinheiras. A trama construída por elas perpassa o cuidado do próprio corpo, da família e da comunidade, através da interação com a natureza. São ações de inclusão, integração e acolhimento. Existe, em alguns momentos, valor de troca financeiro na produção de mezinhas, mas não é o primordial; dependendo do contexto não se é cobrado pelos remédios, o mais importante é poder contribuir para a saúde do próximo utilizando de elementos da biodiversidade local. Sobre a importância da natureza e a utilização das mezinhas no

cotidiano, Dona Iraci explana sabiamente que

A gente mora aqui no pé de serra, a gente mora dentro da medicina. Nós tem as nossas mezinhas, as nossas plantinhas de ervas. A malva do reino, o alecrim, erva coronha, a babosa e sempre a gente faz os nossos lambedor. Já tenho dito que a gente mora dentro da medicina, das mezinhas do mato, das raiz que curam(informação verbal).

Ao relatar sobre os cuidados com a família, ela citou os banhos de ervas, usados quando a pessoa está resfriada e sentindo febre.

[...]Banho de erva também faço, quando a gente tá com dor de cabeça, com febre, toma comprimido, toma lambedor não serve, a febre vai e volta... O que a gente faz: a gente pega a folha da laranja, eucalipi, a folha do anador, a folha da afavaca, coloca numa panela com três litros d'água e bota para cozinhar e abafa. Ai leva para o banheiro, coloca num bacião, coloca metade da água no bacião, e deixa média de um litro, lá toma aquele banho morno. Não coloque nada cheiroso. Só os cheiro das ervas, Com ultimo litro d'água coloca na cabeça, se embrulha com um lençol... dá certo(informação verbal).

No depoimento extraído do documentário *Meizinheiras do Pé da Serra*, realizado pela Cáritas, Anaisa, 26 anos, moradora da comunidade, disse que quando sua filha de um ano e seis meses adoeceu de gripe e estava com bastante secreção, quem tratou dela foi Dona Iraci, com o remédio que tinha como ingredientes óleo de pequi, cebolinha, mel de abelha e manteiga da terra. “Dona Iraci que preparou esses ingredientes e me aconselhou dar duas vezes ao dia, foi um excelente expectorante, foi assim que ela ficou curada”, relata a jovem.

Hoje, na comunidade, observa-se a utilização de fármacos, que em determinados casos têm uma adesão maior das pessoas. Porém, este uso é associado a remédios caseiros. Dona Iraci, por exemplo, expõe que não rejeita a medicina alopática, compreende a sua importância, mas não deixa de tomar os “chazim” que trazem muitos benefícios. A agricultora faz associação dos remédios naturais com os medicamentos farmacêuticos; utiliza os chás junto com o remédio para pressão alta. Quando é necessário, ela e os filhos vão ao médico.

Aí então, aqui estou. Não vou discriminar a medicina, porque sem a medicina nós não vive, né?! Com a fé em Deus, quando eu vou levar um filho pro médico, eu já tenho dando meus remédios caseiros, meus remédios popular pra ajudar no tratamento(informação verbal).

Canclini (2008, p. 348) coloca que ir ao médico e ao curandeiro - é uma maneira de aproveitar os diferentes recursos de saúde.

Com isso os usuários revelam uma concepção mais flexível que a do sistema médico moderno sectarizado na alopatia, e que a de muitos folcloristas e antropólogos que idealizam a autonomia das práticas tradicionais. Da perspectiva dos usuários, ambas as modalidades terapêuticas são complementares, funcionam como repertórios de recursos a partir dos quais efetuam transações entre o saber hegemônico e o popular. Isso o autor expõe que a cultura popular e erudito brotam de seus cruzamentos as manifestações atuais(informação verbal).

Nas práticas de mezinhas, estas mulheres utilizam quase todas as plantas necessárias para as receitas na flora local. A grande maioria dos moradores é adepta das mezinhas, e outras pessoas questionam ou rejeitam essas práticas. Chauí (2004) expõe que as práticas populares são encaradas ora como ignorância, ora como saber autêntico; ora como atraso, ora como fonte de emancipação. São capazes de conformismo ao resistir, capazes de resistência ao se conformar. São práticas que revelam sobre as pessoas e suas utilidades.

Dona Lenita, moradora da comunidade, tem 76 anos, e relata que conhece muitas ervas, que foi assim que cuidou dos filhos e de sua saúde. Já participou de algumas do grupo das mezinheiras. Hoje, devido à idade, ela não produz mais remédios e nem participa mais dos encontros, mas considera o trabalho das vizinhas importante e, geralmente, recorre às garrafadas, xaropes e demais remédios caseiros feitos pelas mezinheiras. Sendo o grupo a “fonte” para acessar remédios caseiros atualmente.

[...] eu sempre fui cuidada com remédio do mato. Eu não faço mais devido as minhas condições, mas eu pego os xaropes com as meninas, assim, nem sempre preciso recorrer a farmácia. Aqui esses remédios das mezinheiras é algo que faz bem para muita gente, que cura muita gente e tem muito valor. Desde que eu me conheço por gente, as pessoas usam mezinhas, as plantas como remédios(informação verbal).

Auxiliadora é conhecedora de banhos e chás para diversas doenças. Entre as práticas naturais que costuma produzir estão: o xampu de capim gordura, que é um hidratante e anticasca natural. Produz garrafadas para diversas doenças, como para inflamação, sendo utilizadas por mulheres em pós-parto, auxiliando na recuperação e tratamento de uma possível inflamação.

Quando minha mãe ficava grávida ela fazia garrafadas, quando estava com cinco a seis meses de gravidez. Olha bem, ela pegava uma garrafa, ela botava Imbiriba, gengibre, vassourinha, raiz do chanana, casquinha do marí. Aí, ela colocava tudo dentro da cachaça. Nesse tempo a gente não tinha geladeira, ela enterrava a garrafa, quando tirava, tava apurada. Sempre teve filhos com parto normal, ela começava a tomar a garrafada logo cedo quando engravidava. Foi assim que aprendi(informação verbal).

Estas garrafadas são muito importantes para a saúde da mulher; ajudam a evitar possíveis infecções e na recuperação em um momento em que o cuidado é de suma importância. Na fala de Auxiliadora percebe-se o aperfeiçoamento em alternativa a saúde, o quanto as garrafadas foram importantes para sua mãe e como ainda são utilizadas na comunidade Chico Gomes, em virtude, especialmente, do contexto precário de acesso ao sistema oficial de saúde. As mulheres, dialogando entre si, desenvolveram e aperfeiçoaram remédios que lhe proporcionam cura e recuperação para diversos males. Muitas receitas de Auxiliadora estão vinculadas aos saberes aprendidos com a mãe e a sogra. Ao produzir as mezinhas, ela constata as eficácias.

Figura 30- Óleo de macaúba e garrafada



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2016.

Na garrafada, Auxiliadora substitui a cachaça por vinho branco, que considera mais suave. Utiliza-se bebida alcoólica no remédio porque que o álcool contribui para conservar; só com água isso não ocorreria. “Quando alguém precisa vem aqui em casa, pede e eu faço”, explica Auxiliadora. Outro produto feito pela meizinheira é o óleo de macaúba, utilizado na alimentação em substituição óleo de cozinha de soja, e serve para controlar o colesterol. Este último, a meizinheira faz para vender e conta com ajuda da vizinha, que possui um equipamento que facilita a extração do óleo. Auxiliadora produz também o lambedor, que tem os seguintes ingredientes: folhas de malva, folha de manga madura, cebola branca, alho, mel de abelha, espinho de ciano e raiz de moçambê - este é destinado para crianças; para adulto é acrescentado casca de jatobá, angico e limão.

Figura 31- Dona Auxiliadora produzindo lambedor



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2015.

A utilização das ervas está para além dos benefícios taxonômicos. Associa-se a crença depositada nesses elementos da natureza. Em uma de nossas conversas, Dona Rina explanou que, na utilização dos produtos naturais, sempre pede a “Nossa Senhora” proteção e ajuda nos caminhos de cura, evidenciando forte vínculo da crença e do poder da imaginação para eliminar algum tipo de enfermidade. Dona Penha explica:

Vejo também que as nossas práticas têm haver com a fé, pois a gente se cura também a partir da fé que colocamos. Se tem fé naquele chá, fé viva, dá certo. A gente precisa ter o contato com Deus toda hora (informação verbal).

Das mezinheiras, Auxiliadora é a que mais se destaca no aspecto de espiritualidade-meizinha. Ela é considerada a rezadeira da comunidade. Relata que começou a rezar aos dez anos de idade, desde então busca contribuir na saúde em diversas perspectivas das pessoas. Campos (1967) explana que rezador/rezadeira destaca-se pelo poder de orações; torna-se famoso pelas orações e práticas místicas com que trata as enfermidades que acometem pessoas e animais. Afirma o autor que estes agentes existem: “É um organismo vivo, uma força latente entre a vida e a morte das populações rurícolas do Nordeste, onde continuam insuficiente os médicos e é modestíssimo o interesse do poder público pela saúde do povo” (p. 39). Os remédios caseiros estão atrelados às orações na vida de Auxiliadora.

Eu me lembro que aos dez anos, quando estava brincando com amigos, uma amiga estava se sentindo mal, fui no mato peguei uma folha de uma planta e comecei a rezar. Não queria que vissem a reza. Só sei que a menina ficou boa. Foi assim que comecei a rezar nas pessoas, com folhas de pião e vassourinha (informação verbal).

As rezadeiras, ao realizarem suas rezas, constroem um espaço repleto de emoções. Evocam suas divindades e forças sobrenaturais. Sacralizam o espaço, os elementos e as rezas. A relação com todo ambiente é de sacralidade. Eliade (1992, p. 13) explica que a concepção de sagrado pode se manifestar em vários elementos.

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. [...] pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. [...] Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica.

O debate trazido por Eliade é materializado no contexto de vida da

meizinheira e rezadeira Auxiliadora. Ao adentrar na mata, ela a sente como um espaço de conexão e transcendência. Um local de contato com a natureza, consigo mesma e com os elementos sobrenaturais. Em suas preces ela faz uso de plantas, instrumento carregado de energias que auxiliam na cura.

Ao ser questionada quando percebeu o dom que possuía, a meizinheira relatou que começou a ter “*visão*” aos dez anos de idade. Viu o espírito de uma “*caboclinha*”. Este espírito apareceu em sua vida em diversos outros momentos. No começo ficou bastante assustada. A família não compreendia quando ela dizia que estava vendo uma menina, e os familiares não viam nada. Com o tempo diminuiu a apreensão. Este espírito da mata ensinou Auxiliadora a conhecer as propriedades de diversas ervas, relatou a meizinheira.

Ela falava para mim o que utilizar, quais ervas usar. Tipo folhas para gargarejar para passar dor de dente. Ela dava indicações do que usar. Sempre dava certo. Cada folha tem um significado, tipo: pião –roxo: para mal olhado, para inveja, olho grande. Quando eu estava na mata, ela aparecia depois de um vento forte. Surgia de repente (informação verbal).

Além da presença do espírito, Auxiliadora começou a desenvolver as preces, trazendo conforto e bem-estar para quem a procura. Auxiliadora relatou também que sente a energia das pessoas, às vezes só de olhar fixamente para alguém sabe o que elas podem estar passando, definido, assim, um exemplo de mediunidade. Nem sempre isso é algo bom, afirma a meizinheira, pois considera que sofre com algum malefício que possa atingir a pessoa consultada. Mas sempre contribui para a saúde das pessoas. Há aproximadamente um ano, Auxiliadora tornou-se evangélica, o que aconteceu por incentivo dos filhos, que são vinculados a esta religião pentecostal. A meizinheira coloca que se sente melhor nesta religião, mas que continua a utilizar os conhecimentos de plantas nas orações. Ela ainda adentra na mata e faz remédios sempre que lhe é solicitada. O que mudou é que ela não reza mais, agora ora.

O que é praticamente a mesma coisa, eu só não utilizo as frases repetidas, faço uma oração do coração, peço a Jesus ajuda para curar as pessoas. Porque a reza é repetida, mas faço oração que vem do coração. Nas minhas orações, eu oro, desejo, peço visão. Sempre tenho aviso, está relacionada com a mata. Aqui sempre aprendi foi com a mata. Sou filha de caboclo. Na mata que aprendo as sabedoria das mezinhas, das orações, que tenho os meu presságios. Sou evangélica, mas ainda não deixo de sentir presságios. E uma coisa que não deixo é de orar nas pessoas. O que vale é a oração que vem do coração. Sinto quando devo orar (informação verbal).

É importante salientar que as rezadeiras/ benzedeiras, e agora as “oradeiras”, compõem o mundo das práticas de saúde popular. Entra uma relação de elementos materiais, as plantas, vinculando-as apalavras que são entoadas junto com as plantas, em um processo de repetição das preces e dos movimentos. Breton explana que “As palavras encontram um eco no corpo, uma ressonância na carne. A palavra, o rito ou o corpo bebem aqui na mesma fonte. Sua matéria-prima é comum: o tecido simbólico”. (LE BRETON, 2011, p. 293.)

A mezinheira Auxiliadora aponta outro elemento importante da sua crença: tem afeição em escutar a pregação dos padres Reginaldo Manzotti e Marcelo Rossi. Compreendemos, assim, o processo holístico desta terapia.

Figura 32 - Dona Auxiliadora e seus elementos religiosos



Fonte: Acervo particular da autora. Ano: 2016

Auxiliadora é, portanto, adepta, mesmo que sem saber, do sincretismo religioso. Vários símbolos, de diversas crenças, permeiam o universo da mezinheira, influência de religiões afro-brasileiras, do catolicismo popular e, atualmente, da religião pentecostal. Essa mulher possui uma energia e fé aguçada. Busca nas energias das

plantas o conforto, o bem-estar e o equilíbrio.

Esse sincretismo religioso é algo que explica um pouco da pluralidade de crenças da região presente no Brasil. Uma maneira de acessar o “Divino”, de transcendência, é captando diversos símbolos que tocam e respondem. As mezinheiras relacionam a utilização das ervas ao espiritual, a cultura é representada através da religião. Práticas de rezas estão ligadas ao sensitivo/ intuitivo e o poder imaginativo nas práticas diárias.

A fé das rezadeiras compõe os conhecimentos sobre as plantas e as utilizam junto com as preces. Alexandre (2006) explana que a arte verbal encontrada no estilo narrativo da oração/reza das benzedeadas e rezadeiras constitui-se de uma fala que procura fazer a pessoa entrar em contato com o mundo sagrado. O fenômeno das rezadeiras, benzedeadas e curandeadas misturam propriedades da natureza mais o elemento da fé, característica forte dos sertanejos.

Os agentes de cura mezinheiras, rezadeiras e raizeiros partilham saberes com o coletivo. As práticas de cuidado e de saúde popular se assemelham e se diferenciam de outras práticas integrativas complementares, como a medicina alternativa: homeopatia, medicina chinesa, tibetana, ayurvédica, quiroprática, acupuntura, entre outras. São práticas alternativas ao saber médico científico racional, mas estas citadas por último possuem mais legitimidade da ciência. Há um diálogo mais próximo com a racionalidade científica médica e também com a sociedade, especialmente a classe média.

As práticas de saúde popular, diferentemente, emergem concretamente do contexto e das demandas das classes populares e de suas necessidades diárias. Em resposta ao contexto em que vivem, impregnado do saber ancestral, possuem um arranjo menos sofisticado, mas acessível à promoção da saúde. Realizam-se com responsabilidade social, consciência comunitária. Mesmo estando à margem de outros campos de saúde, possuem um rico conhecimento, que são e podem vir a ser a base para os saberes médicos científicos. Os intercâmbios, nesse sentido, só possuem um caráter benéfico quando não há uma espoliação destes legados pela medicina hegemônica. Quando os intercâmbios acontecem de forma igualitária, respeitando as diferenças e abrindo-se para diversidade.

As mezinheiras, por exemplo, relataram o interesse na aproximação com o sistema oficial de saúde; as agricultoras desejam diálogo maior e trabalho em conjunto na comunidade Chico Gomes e em outras da região, contribuindo para a diminuição da

invisibilidade das ações de mezinhas no sistema de saúde oficial. Essa proposição dialoga com o que é direcionado pela Política Nacional de Educação Popular de Saúde (PNEPS), de 2012, que dentre os eixos e ações expressa: fortalecer os movimentos e as práticas de educação popular e saúde (EPS) no Sistema Único de Saúde (SUS). A PNEPS reafirma o compromisso com a universalidade, a equidade, a integralidade e a efetiva participação popular no SUS. Propõe um diálogo entre diversidade de saberes, valorizando os saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção individual e coletiva de conhecimentos e a inserção destes no SUS.

O que as mezinheiras realizam, como já foi discutido anteriormente, é uma prática educativa pautada no saber popular local. Relaciona-se com a educação popular que tem como base a pedagogia freiriana, com uma concepção dialógica, incentivando a participação popular e sendo permeada pela ideia de círculos de cultura – rodas de conversa- que de forma horizontal promovem o debate e a construção de saberes referenciados na cultura popular.

Por meio da conjunção de saberes, vivências e práticas que se opõem à situação de opressão e exclusão social existente, a Educação Popular em saúde busca identificar situações limites, entendidas como as que exigem transformação no contexto local por dificultarem a concretização dos sonhos de uma vida digna e ética, para o coletivo das populações (PNEPS, 2012, p 11).

As mezinheiras podem ter como base para as atividades esta política que valoriza práticas populares, acolhendo a cultura popular no âmbito da saúde.

As práticas populares de cuidado, enquanto práticas sociais ocorrem no encontro entre diferentes sujeitos e se identificam com uma postura mais integradora e holística que reconhece e legitima crenças, valores, conhecimentos, desejos e temores da população. Constituem-se por meio da apropriação e interpretação do mundo pelas classes populares, a partir da sua ancestralidade (PNEPS, 2012, p 11).

A reprodução do saber popular produz uma estética permeada de sentido, sentimentos, memórias e criatividade. A educação popular valoriza esse aspecto; entende que o diálogo é capaz de levar à problematização através do potencial criativo, ressignificando, pois, o cotidiano. “O trabalho com a arte na Educação Popular em Saúde é alinhado às dimensões da amorosidade, da espiritualidade, da criatividade, do diálogo e da construção coletiva, trazendo para o agir em saúde a possibilidade de

novas práticas e novas relações” (PNEPS, 2006, p. 12).

As bases, os princípios teórico-metodológicos que compõem a PNEPS são: diálogo (dialogar com diversos conhecimentos, realidades e o encontro desses sujeitos na intersubjetividade), amorosidade (permite que o afeto se torne elemento estruturante da busca pela saúde, no vínculo afetivo criado na relação educativa em saúde surge uma emoção que influencia simultaneamente a consciência e o agir das pessoas envolvidas), problematização (em leituras e análise críticas da realidade e no desenvolvimento de uma consciência crítica com base na ação-reflexão-ação) e emancipação (superação e libertação de todas as formas de opressão, na saúde refere-se à construção de processos de trabalho onde diversos atores possam se constituir enquanto sujeitos do processo de saúde e doença).

O objetivo da PNEPS é promover espaços de debates e reflexões e formação no tocante à prática educativa popular em saúde. Sendo um desejo das mezinheiras – Ponto de saúde e cultura na comunidade. É preciso construir elementos que materializem os caminhos apontados pelas mezinheiras e formulados na política nacional.

A Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares no Sistema Único de Saúde (PNPIC-SUS) também propõe esse diálogo e a integralidade da atenção à saúde, expandindo, gerando intercâmbios de ações de saúde. Sobre as práticas populares de cuidado, a PNPIC as compreende da seguinte forma:

Tais sistemas e recursos envolvem abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade (PNPIC- SUS).

A aproximação com o saber médico poderia ser feita, primeiramente, por meio de uma capacitação dos profissionais da área de saúde e promoção de atividades realizadas em parceria. As mezinheiras já receberam, na comunidade Chico Gomes, visitas de alunos do curso de medicina da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Foram momentos de aprendizados de mão-dupla, tanto os acadêmicos quanto as mezinheiras saíram com conhecimentos novos acerca do tema saúde. O diálogo com o saber médico científico e o SUS não é no sentido de extrair as mezinheiras de seus territórios, de elas se tornarem funcionárias/profissionais de saúde. O lugar-comum das mezinheiras é o seu território, este é o local mais propício e mais fértil para

continuarem a desenvolver suas atividades, bem como os intercâmbios. Elas visam mais é à inclusão e ao debate sobre saúde no sentido geral com a sociedade, à reflexão de que suas práticas são de bastante importância para o bem comum. Assim como a biomedicina tem sua importância, a trama desenvolvida pelas agricultoras também possui grande valia. O desejo especial das mezinheiras é sair da camada da invisibilidade para alguns setores. Entrar de forma igualitária em um debate sobre saúde.

Uma das queixas das agricultoras é sobre o agente de saúde local, que não se aproxima das atividades sobre mezinhas. Mesmo sendo convidado, parece não ter interesse em desenvolver parcerias com elas. Na verdade, o agente de saúde é alvo de reclamações e apontado como sujeito que causa transtornos no quesito de saúde ambiental e social. Esse profissional possui um bar na comunidade, citado por uma parcela dos moradores como um ambiente insalubre, que gera poluição sonora; é porta de entrada de drogas, acaba contribuindo para aprofundar as problemáticas de saúde local.

Em entrevista, o agente de saúde coloca que, além da comunidade Chico Gomes, trabalha em mais duas comunidades, Canetã e Currais. Dentro das demandas estão acompanhar gestantes, levar até o PSF, fazer o acompanhamentos de pessoas que são hipertensas e diabéticas, medir a glicemia e a pressão. O agente de saúde reconhece que possui pouco conhecimento sobre as atividades das mezinheiras, e que devido às demandas no trabalho acaba tendo um reduzido tempo para acompanhar atividades destas mulheres, mesmo considerando-as importantes e acreditando que dão relevante contribuição à saúde coletiva local. Ele considera importantes os remédios caseiros, contudo enxerga isso como algo perigoso em alguns momentos. Para ele, a junção de muitas propriedades em uma única substância pode trazer alguns riscos e danos para saúde.

A Política Nacional de Saúde para Populações do Campo e das Florestas (PNSIPCF) tem como objetivo melhorar o nível de saúde das populações destes lugares, por meio de ações e iniciativas que reconheçam as especificidades de gênero, de geração, de raça/cor, de etnia e de orientação sexual, objetivando o acesso aos serviços de saúde; a redução de riscos à saúde decorrente dos processos de trabalho e das inovações tecnológicas agrícolas; e a melhoria dos indicadores de saúde e da qualidade de vida. Um dos eixos apontados nesta política é a aproximação dos profissionais da saúde, devendo estes levar em consideração o modo de vida e os costumes nas práticas

de trabalho. Entre os objetivos da política está o de reconhecer e valorizar os saberes e as práticas tradicionais de saúde das populações do campo e da floresta, respeitando as suas especificidades.

A Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares (PNPIC-SUS) tem como uma de suas diretrizes a educação permanente em plantas medicinais e fitoterapia para os profissionais que atuam nos serviços de saúde (PNPIC-SUS, 2006, p. 48).

Na comunidade Chico Gomes, a interação com os profissionais de Saúde seria algo de grande relevância para o grupo das mezinheiras. Seria rico para ambas as partes. Compreendemos que há um elemento ideológico e econômico que dificulta essa aproximação. O atual modelo de saúde se encontra com grandes dificuldades estruturais, precisa se abrir para novas particularidades que possam contribuir para torná-lo mais eficiente. É preciso reconstruir a compreensão de saúde e maneiras de acessá-la. Construir um olhar holístico sobre esse processo de busca pela saúde.

O que essas mulheres praticam correlacionam com o debate e concepção de interação com o meio ambiente proposto pelas comunidades tradicionais andinas, especialmente dos países como Equador e Bolívia. O que os grupos tradicionais dos Andes propõem é chamado de *bien vivir* - originado do termo *sumak kawsay*-, que significa vida plena, conviver bem, cuidar dos outros e boa convivência com a natureza.

O bem viver, expressão em português, propõe uma nova relação com o meio ambiente, a partir de valores que inserem as próprias comunidades tradicionais no âmbito da natureza. Tem como base a cosmovisão indígena andina, colocando-se como uma alternativa ao modelo econômico e de desenvolvimento hegemônico, que praticava exploração predatória da natureza e a espoliação das comunidades tradicionais.

El *sumak kawsay*, de su parte, es la crítica más fuerte y radical que se ha realizado a los paradigmas de crecimiento económico por lavía de los mercados y a la noción teleológica del desarrollo como posibilidad histórica. Ambas demandas: plurinacionalidad y *sumak kawsay*, van de la mano y expresan las demandas y utopías de un sujeto histórico, que amplíen el horizonte de posibles humanos a la emancipación. [...] Esta forma de relacionamiento, que nada tiene que ver con los comportamientos de individuos egoístas que maximizan sus preferencias, puede ser adscrita a la noción del *sumak kawsay* (SCHAVELZON, 2015, p. 185).

O bem viver sugere relações mais cooperativas e comunitárias, uma

conexão com a forma ancestral vivida no espaço, e se traduz como uma expressão de resistência ao modelo de produção e de vida, como os autores que trabalham com bem viver explanam que se referem ao modelo atual colonialista, homogeneizador, que comprime as pluralidades existentes, tendo como objetivo principal o lucro imediato. Esse modelo traz diversos tipos de conflitos, visto que as populações negam os processos globalizantes homogeneizadores e possuem o desejo de perpetuar a concepção de pluralidade sobre os territórios.

La resistenciatiende a desarrollarse como un modo de producción de un nuevo sentido de la existencia social, de la vida misma, precisamente porque la vasta población implicada percibe, con intensidad creciente, que lo que está en juego ahora no es sólo su pobreza, como su sempiterna experiencia, sino, nada menos que su propia sobrevivencia. Tal descubrimiento entraña, necesariamente, que no se puede defender la vida humana en la tierra sin defender, al mismo tiempo, en el mismo movimiento, las condiciones de la vida misma en esta tierra. [...] Para desarrollarse y consolidarse, la des/colonialidad del poder implicaría prácticas sociales configuradas por: a) la igualdad social de individuos heterogéneos y diversos, contra la desigualante clasificación e identificación racial/sexual/social de la población mundial; b) por consiguiente, las diferencias, ni las identidades, no serían más la fuente o el argumento de la desigualdad social de los individuos; c) las agrupaciones, pertenencias y/o identidades serían el producto de las decisiones libres y autónomas de individuos libres y autónomos (QUIJANO, 2012, p. 50-51).

Na concepção indígena latino-americana que embasa o bem viver, foram esses povos os primeiros habitantes destas terras. Foram populações que sofreram com experiências históricas de poder colonizador eurocêntrico. A luta pelo direito à terra engloba diversos sujeitos sociais, uma reapropriação social da natureza. A negação da apropriação privada da natureza pelo capital a relação sociedade-natureza, no qual está inserido.

A relação sociedade-natureza, pela lógica campesina, está acrescida de criatividade e dos saberes populares. Isso exige considerar a natureza portadora de direitos, negando as imposições ideológicas e econômicas do capital, que a consideram apenas uma mercadoria.

Contudo, vale ressaltar que em cada local há uma maneira de se materializar o Bem Viver, com as especificidades e identidade de cada região. O Bem Viver carirense se diferencia das comunidades andinas, visto as formas de organização, o clima, vegetação e concepções culturais serem diferentes. Há uma aproximação quando se compreende que o que está em debate é uma apropriação do território, respeitando as relações sociedade-natureza, horizontalizando as relações de gênero, de trabalho e

introduzindo uma concepção de corresponsabilidade, proatividade, altruísmo e respeitando os direitos humanos e da mãe natureza. Harvey (2006) interpela que precisamos refletir sobre a nossa responsabilidade perante a natureza e a natureza humana. Somos a única espécie capaz de alterar negativamente a teia da vida planetária.

Temos de entender as relações entre escalas, pois as nossas responsabilidades perante a natureza e perante nossa espécie abrange ações como a micropreservação de diversidades de habitats – de locais, regionais, a globais(HARVEY, 2006, p. 280).

Ou seja, nossa consciência ecológica precisa ser ampliada e fortalecida. É necessário fomentar uma responsabilidade global e também regional. Harvey visualiza que o planejamento e ações de cunho social e ambiental – seja para o desenvolvimento local ou para evitar riscos/danos ambientais- tem de ter a classe trabalhadora como eixo principal,assumindo o papel de liderança e emergindo destes sujeitos os debates e diretrizes, destituindo o âmbito puramente econômico, sendo possível construir relações com mais equidade.

Nesse sentido, Harvey (2006) afirma que deve haver mudanças nas relações sociais, e que estas devem ser pautadas por uma ordem ecológica e social. Precisamos sair do eixo do individualismo e transcender para comportamentos de empatia e tradução do outro, especialmente das pessoas que vivem de maneira distinta da nossa,criando, nesse sentido, um quadro que inclua o eu com o outro, nenhum em dominância, numa imagem de igualdade fundamental. Muito semelhante ao que propõe a ética da alteridade Lévinas. “Num respeito ao outro que possui configurações culturais e materiais diferentes. Pensar com outro nos ajuda a construir a nós mesmos mediante as transformações do mundo” (HARVEY, 2006). Assim, o autor ilustra a importância de se colocar no lugar do outro e respeito das diferenças.

Posso tentar ‘pensar como’ uma montanha, um rio, uma coruja pintada[...] e, assim, agir, regular meu pensamento e meu ser no mundo de uma maneira que difere de quem prefere pensar como Rupert Murdoch ou os aborígenes australianos. Fazemos essas opções em parte porque é assim que podemos explorar nossas capacidades e potencialidades e nos tornar alguma coisa que difere daquilo que já somos. O respeito aos outros e o amor pelos outros são vitais para que haja o respeito por si mesmo e o amor a si mesmo, temos sem dúvida de nos aproximar de todos os outros. [...]. Cuidar do ambiente é cuidar de nós mesmos (p. 294).

As práticas das mezinheiras se inserem nesse debate explicado por Harvey.

O cuidado com si e com os outros nos mostra que relações mais solidárias são possíveis. A afetividade, o respeito ao meio ambiente e às pessoas são expressões das mezinheiras. Suas práticas fortalecem a identidade de mezinheiras e as ajudam a entenderem um pouco mais sobre si. Ao se reunirem, compartilham as experiências, como dito anteriormente, pautadas em uma ação cultural libertadora e pedagógica, através do método que elas mais têm familiaridade: a oralidade. Nos encontros, as mezinheiras se fortalecem e constroem intercâmbios de saberes e ampliam sua cosmovisão¹⁷, bem como a realidade vivenciada hoje no Cariri, a expansão de cursos voltados para área da saúde, tanto no contexto de faculdade particular como públicas. Assim, o sistema de saúde se amplia e se ramifica na região. Longe de querer concorrer com esse sistema, a ideia é compreender o processo de formação dos profissionais de saúde; descobrir se há diálogos sobre fitoterapias, medicinas paralelas, processos terapêuticos populares de cura. Além disso, intenta-se construir alternativas que contribuam para que as mezinhas e os saberes não sejam engolidos e invisibilizados.

A Floresta do Araripe faz parte do cotidiano dos habitantes desta região. Neste local há diversas plantas, raízes e cascas que são usadas como elementos para a cura física e espiritual. É preciso construir formas de interligar esses saberes presentes na região. De acordo com a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, os Estados Unidos e a Alemanha estão entre os maiores consumidores dos produtos brasileiros de base vegetal para a produção de remédios fitoterápicos.

Na Alemanha, 80% dos remédios indicados pelos médicos têm como origem produtos fitoterápicos.¹⁸ De acordo com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, o Brasil possui grande potencial para o desenvolvimento das terapias com base nas plantas medicinais, pois tem a maior diversidade vegetal do mundo, ampla sociodiversidade, rica cultura popular que utiliza as ervas medicinais como elementos de cura, além de tecnologia para validar cientificamente este conhecimento.

Precisamos conhecer melhor nossos potenciais. Uma das maneiras é valorizar a cultura e as práticas tradicionais de saúde. Voltarmos para as nossas

¹⁷Cosmovisão significa uma forma de olhar a realidade e interpretá-la. Essa forma é legitimada pela cultura, onde recebe significações que são incorporadas aos modos de ser, de dizer, sentir e agir, de homens e mulheres alcançados pela prática discursiva. [...] pode ser compreendida como uma ação presente nas relações sociais, visto que é no seu interior que ela se mantém, perpetua, altera e ressignifica, a partir de novas leituras que são incorporadas por meio de uma prática educativa, seja de natureza oral, imagética, escrita e simbólica (DOMINGUES, 2012).

¹⁸Heinzer Schilcher, vice-presidente da Comissão E, grupo de estudos que capitaneou a disseminação do uso de fitoterápicos na Alemanha. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT682254-1655,00.html>>.

potencialidades e construirmos mecanismos que proporcionem mais saúde à população.

Figura 33 - Encontro das mezinheiras – Quintal de Dona Iraci



Fonte: Cáritas. Ano: 2016.

O conceito de saúde está para além da ausência de enfermidades, é a capacidade que temos de interagir, de transformar o mundo, o outro e assim mesmo. É a relação que estabelecemos com a natureza e socialmente. As experiências das mezinheiras nos conduz ao contato com nós mesmos, com as nossas origens.

A concepção de saúde, para o grupo *Mezinheiras do Pé da Serra*, por exemplo, se insere em uma dimensão integrativa, na qual o aspecto espiritual, o bem-estar, a interação com a natureza, a responsabilidade social e o corpo saudável compõem o significado do que é ser saudável.

Em um dos encontros das mezinheiras do Chico Gomes com as mezinheiras da comunidade Batateiras e Jenipapo, discutiu-se a categoria saúde, e elas conceituaram coletivamente o tema. Estas mulheres reconstruíram um conjunto de concepções do que significa estar saudável. Apontaram como significado para saúde: o bem-estar emocional, a tranquilidade, a natureza, a ausência de doença, a ausência de dor, a paz na comunidade, união na família e a oportunidade de trabalhar na terra.

Saúde, além disso, não é apenas utilizar as plantas: o ato de cultivá-las traz bem-estar. “Tá com a mente tranquila, é até bom tomar um chazinho de camomila e erva cidreira que nos ajuda acalmar” afirmou Dona Penha. Elas também apontaram a dança como elemento primordial para acessar a saúde, pois, ao se movimentarem dançando o coco, as agricultoras produzem e estão se proporcionando saúde, além de alegria e satisfação. Dona Raimunda, mezinheira da comunidade Batateiras, resumiu sabiamente o debate delas desse encontro com a seguinte frase: “Saúde é felicidade!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens.” (Manoel de Barros)

A região do Cariri cearense é um local rico em biodiversidade, em cultura e em práticas de saúde popular. Esses costumes ancestrais, tendo como agentes de cura meizinheiras, parteiras, rezadeiras, raizeiros entre outros, estão presentes em várias comunidades carirenses. Essas práticas se ligam, de alguma forma, às raízes mais profundas de diversos povos tradicionais. O uso de plantas medicinais é uma maneira de resistência cultural e social dentro desse processo histórico, estando esses sujeitos sociais conscientes disso ou não.

As práticas populares de cuidado são importantes instrumentos de promoção de saúde, pois propiciam autonomia e sustentabilidade para os sujeitos em questão. Abrangem uma concepção holística de saúde, inserindo o corpo, a emoção e o espírito, no qual natureza e cultura estão intimamente conectadas. As meizinheiras constroem uma compreensão própria sobre autocuidado e cuidado com o outro, se apropriam de seus lugares, afirmando identidades e a partir delas gerando sentimentos de afetividade e pertencimento por seus territórios. As práticas populares de saúde relatam sobre o local onde estão inseridas e as expressões sociais de existência.

Um dos eixos estratégicos da PNEPS (2012) é a produção de novos conhecimentos, sistematização de saberes e o compartilhamento das experiências originárias de cunho popular que atuam na formação e na participação em práticas de cuidado com a saúde. Essa pesquisa, visando contribuir para esse debate, nos proporciona uma reflexão sobre os usos e apropriações das plantas medicinais a partir da experiência vivenciada pelo grupo *Meizinheiras do Pé da Serra*, na comunidade Chico Gomes, município do Crato. Um lugar, não isolados processos de globalização, que se apresenta como um emblema de expressões culturais e legados populares locais como forma de atingir um bem viver.

O que essas mulheres agricultoras realizam é tipo um conhecimento. Elas estão (re) produzindo e ampliando conhecimento que tem como base a racionalidade do senso comum. Nesse contexto de edificação de conhecimento, elas reafirmam o território, fortalecem a memória e ampliam a concepção de saúde. Constroem, ainda, uma prática educativa, também de cunho popular, semelhante ao que é exposto pelos

conceitos freirianos, pautados na consciência do inacabado, do conhecimento em constante construção, que geram reflexões e mais curiosidade sobre o tema. É um saber pautado na experimentação, desenvolvido nas ações cotidianas. Repletos de criatividade e de capacidade criadora. Esses conhecimentos fortalecem suas identidades de mezinheiras e de camponesas.

Os intercâmbios ocorridos entre as mezinheiras do Chico Gomes com as mezinheiras das comunidades Batateiras e Jenipapo, localizadas no município do Crato, proporcionou às camponesas o reconhecimento das práticas no cotidiano de outras mulheres e a troca de informações, novas receitas e experiências de vida. Os encontros tornaram/tornam possível fincar cada vez mais essas expressões na região. Nesse sentido, se revela necessária uma articulação entre esses sujeitos, formando uma rede de mezinheiras do Cariri, possibilitando a visibilidade, a parceria e a circulação de receitas e tornando mais constantes esses momentos de partilhas. A cada encontro cada sujeito envolvido sai diferente, não há anulação dos conhecimentos, mas ampliação, a bagagem dos saberes só aumenta. Os encontros fortalecem, sobretudo, uma consciência política, cultural e socioambiental, gerando empoderamento diante das relações vivenciadas no território. Essas vivências ressignificam o cotidiano e as concepções de mundo, precisamente no que diz respeito à figura da mulher no campo.

A Cáritas Diocesana do Crato realizou um trabalho importante de incentivo à promoção dos encontros entre as mezinheiras. Esses movimentos, seja com apoio ou não de uma organização social, não devem ser interrompidos. Os sujeitos envolvidos devem buscar meios de tornar os encontros possíveis, assim, assegurando as territorialidades da saúde popular na região.

Na comunidade Chico Gomes, o desafio é tornar mais efetiva a interação com os jovens para que esses saberes não cessem e não fiquem apenas nas memórias dos mais velhos. Buscar alternativas lúdicas e atraentes para que os olhares da juventude não se voltem apenas para o que é novo/moderno, mas se redirecionem para os legados ancestrais que lhes são tão próximos e de algum modo os vinculam àquela localidade. A importância da legitimidade dessas atividades, a valorização como um legado que deve ser constantemente fortalecido e vivenciado. É preciso debater com os mais jovens a relevância de valorizar as raízes culturais locais, porque estas podem impulsionar horizontes maiores do que os que são propostos pela lógica econômica vigente. É como nos fala um antigo provérbio persa “quanto mais alta é a árvore, mais profundas são as raízes”.

A escolha entre ficar e sair da comunidade, de permanecer nas atividades de agricultura, ser um agente multiplicador dos saberes locais é totalmente deles. Nem sempre essas decisões são polarizadas, o mais importante é trazê-los para o contato com esses saberes. Fazê-los perceber que também são detentores e possuidores deste patrimônio, que estes compõem sua realidade e história de vida. Assim, como nos mostrou o provérbio supracitado, onde os jovens estiverem, na comunidade ou em outros espaços, o importante é que eles estejam conscientes desses legados, e saibam que isso lhes pertence e os compõe.

A relação com a terra traz implicações importantes para o desenvolvimento dos cultivos de hortas e das mezinhas. Os moradores da comunidade Chico Gomes e as mezinheiras devem refletir sobre o conflito de terra. Este, que é um conflito silencioso, escondido na névoa da tranquilidade do local, é responsável pela opressão, um modo de vida ainda arraigado à estrutura fundiária do país e sujeição da terra. A condição de morador e de sujeição aos “patrões” da propriedade não lhes traz garantia de futuro no território. Este conflito desvela a violência que os antepassados sofreram e que ainda permeia na memória coletiva dos habitantes da comunidade. É uma questão delicada, requer um processo de articulação e de luta, ainda não vivenciadas pelos moradores do Chico Gomes. Contudo, não impossível de serem realizadas. Requer a conscientização de que os moradores são, sim, os verdadeiros usuários da terra e que esta reivindicação é válida. A posse da terra lhes garantiria acesso aos benefícios sociais, a autonomia nas produções e no cultivo das mezinhas. No conforto, na segurança, no cuidado da terra para as próximas gerações e, principalmente paz, algo tão necessário quando falamos de saúde, tal quais as mezinheiras apresentam-nos em suas narrativas.

As experiências e saberes das *Mezinheiras do pé da Serra*, são particulares e, ao mesmo tempo, assemelham-se com a cosmovisão de diversas práticas ancestrais das populações do campo e da floresta. Enunciam que as raízes das expressões de cuidado e de cura dos povos tradicionais se unem, pois tem a mesma base: a relação íntima com a natureza. Nos trabalhos de campo aprendi a escutar os saberes vinculados ao ambiente e fazer um diálogo com o conhecimento científico. A observar a natureza e a buscar os sinais que são deixados por ela, pude perceber que também somos a própria natureza, que ela pulsa e ressoa dentro de nós. As experiências populares de saúde elucidam que são a partir das pequenas atividades que podem ser construídas as respostas para as complexidades vivenciadas em nossa contemporaneidade. São nas práticas simples e o contato íntimo com as raízes culturais que podemos encontrar

pontos luminosos para uma relação sustentável com a natureza, de equidade social e saúde plena para os nossos corpos.

É o que nos mostra Yi-fu Tuan (2013) ao discorrer sobre lugares e experiências, e coloca que, enquanto o mundo é tremendamente complexo, os seres humanos e suas experiências são simples. Nestes atos simples e sutis do dia a dia há a presença dos processos sociais, históricos, culturais e a força da ancestralidade. São práticas de resistências de um modo de vida que é repleto de sabedoria. Esta pesquisa revela o quanto é rico e denso o ato carregado de simplicidade de cultivar e utilizar plantas medicinais nas atividades cotidianas dos espaços rurais.

REFERÊNCIAS

ACHTERBERG, Jeanne. **A imaginação na cura: Xamanismo e medicina moderna**. São Paulo: Summus, 1996.

AGUIAR, Katia; LIMA, Silvana Mendes. Observar. In: FONSECA, M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. **Pesquisar na diferença: Um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ALEXANDRE, K. C. **Saberes de cura e hibridismo: Relações entre ciência, magia e saúde no morro da conceição**, no Recife. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós Graduação em Sociologia - UFPE, Recife –PE, 2006.

ANDRADE, R. **Fotografia e Antropologia: olhares de fora –dentro**. São Paulo: Edição Liberdade – EDUC, 2002.

ARAÚJO, Iaperi de. **A medicina Popular**. Natal: EDUFRN, 1999.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução: Martins, M. H. S. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BRANDÃO, C. R. **Diário de Campo: a Antropologia como Alegoria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOFF, LEONARDO. **Saber cuidar. Ética do humano- compaixão pela terra**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BOLTANSKI, LUC. **As classes sociais e o corpo**. São Paulo: Paz e terra, 2004. 3ªed.

BORZACCHIELLO, José; CAVALCANTE, Tercia; DANTAS, Eustógio W. (Orgs). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. p. 189-210.

MENEZES, Edith Oliveira. O Cariri Cearense. In: SILVA, J. Borzacchiello da. Et AL. Ceará: um novo olhar geográfico. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2007. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CAMPOS, Eduardo. "**Mezinhas do sertão**". *Unitário*. Fortaleza, 22 de março de 1958.

_____. **Medicina popular do nordeste: superstições, credices e mezinhas**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1967.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2001.

CARVALHO, H. M. **O Campesinato no século XXI: possibilidade e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____, H. M. Na Sombra da Imaginação Reflexão Favor dos Camponeses. In: **Revista Nera**, São Paulo, 2010.

CARVALHO, J. J. A voz subalterna e o olhar etnográfico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 107-147, julho de 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n15/v7n15a05.pdf>

CAMARGO, M. T. Lemos A. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil**. São Paulo: Ícone, 2014.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

COLTRINARI, LYLIAN. A Pesquisa Acadêmica, a Pesquisa Didática e a Formação do Professor de Geografia. In: Pontuschka, Nidia Nacib; Oliveira, Arioaldo Umbelino de. **Geografia em Perspectiva**. 2006.

COUTO, Mia. Línguas que não sabemos que sabíamos. In: **E se Obama fosse africano? E outras intervenções**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

COSTA, E. P. **BENZEDEIRAS NO SISTEMA OFICIAL DE SAÚDE DO CEARÁ: RELAÇÕES ENTRE RELIGIOSIDADE E MEDICINA POPULAR**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará – UFC – Fortaleza. Ce, 2009.

DABAT, C.P.Y. **Moradores de Engenho: estudo sobre uma relação de trabalho e condição de vida dos trabalhadores rurais na zona de canavieira de Pernambuco, segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2003.

DOMINGUES, G. S. O Impacto das cosmovisões na educação: em busca (s) sentido (s). In: **Revista Batista Pioneira**. v.1 nº.1, 2012.

DIEGUES, A. C. **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: Hucitec: NUPAUB – USP, 2000.

ELIADE, MIRCEA. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992

ESTÉS, C. P. **A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem**. Tradução de Wáldea Barcelos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

I Encontro Nacional de Mulheres e Plantas Mediciniais, Campina Grande - PB, 2010. Disponível em: <https://www.google.com.br/groups//Encontro+Nacional+de+Mulheres+e+Plantas+Medicinas> Acessado em: 31 de julho de 2014.

III Encontro Nacional de Agroecologia, Juazeiro – BA, 2014. Disponível em: <http://enagroecologia.org.br/> Acessado em: 26 de julho de 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ – IPECE. Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2012/Crato.pdf. Acessado em: 18 de dez de 2014

FELÍCIO, M. J. O território imaterial do campesinato. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 5, n. 9, p. 18-32, fev., 2010.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais. *Revista NERA*. Presidente Prudente, ano 8, número 6, p. 14-34, janeiro/junho. 2005.

FERREIRA JÚNIOR, SANTORO, ET AL. Chek-list das plantas medicinais na Chapada do Araripe. In: *Sociobiodiversidade da Chapada do Araripe*. 2015

FICHTER, J. H. Distinções e contrastes conceituais básicos: definições para uso didático. In: FERNANDES, F. **Comunidade e Sociedade: Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo, Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

GEERTZ, Clifford. O Saber Local: Novos Ensaios Em Antropologia Interpretativa. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 1997.

GUIMARAES, Cao. Documentário e Subjetividade: uma rua de mão dupla. In: Itaú Cultural. **Doc: expressão e transformação**. 2007. Disponível em: <http://www.caoguimaraes.com/wordpress/wp-content/uploads/2012/12/documentario-e-subjetividade.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2015.

GOSLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUZMAN, E. S.; MOLINA, M. G. **Sobre a evolução do conceito de Camponês**. Brasília: Expressão Popular, 2005

HARVEY, D. **Espaços de Esperanças**. São Paulo. Editora Loyola, 2006.

JESUS, J. G. **Saberes e formação de professores na pedagogia da alternância**. Dissertação de Mestrado em Educação- Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2007.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e a modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEVINAS, EMMANUEL. **Entre nós: ensaio sobre alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MARTINS Jose de Souza. **Os camponeses e a política no brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MATA, N. D. S. **Participação da mulher Wajãpi no uso tradicional de plantas medicinais**. Dissertação de Mestrado. Macapá: UNIFAP, 2009.

MATOS, F. J de Abreu. **Farmácias Vivas: Sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades**. Fortaleza: Editora UFC, 4ª ed, 2002.

MEDEIROS, L. **As Meizinheiras do sopé da Chapada**. Reportagem. Disponível em: <http://cartografiacultura.wix.com/cartografiacultura#!As-Meizinheiras-do-sop%C3%A9-da-Chapada/cnr6/5500aea20cf2458597a63ccc>. Acessado em 20 de abril 2015.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MOURA, M. M. **Os Camponeses**. São Paulo: Ática, 1986.

NOVAES, S. B. A Construção de Imagens na Pesquisa de Campo em Antropologia. In: **Iuminuras**, Porto Alegre, v.13, n.31, p.11-29, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, E. R. de. **O que é medicina popular?** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, A. J. **Engenho de Rapadura do Cariri: Trabalho e Cotidiano- 1790-1980**. In: Anais -V Encontro Nordestino de História. V Encontro Estadual de História. UFPE. Recife, PE. 2004.

PELT, Jean- Marie. **Especiarias e Ervas Aromáticas: História, botânica e culinária. Tradução André Telles**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

PLANO DE MANEJO FLORESTA NACIONAL DA CHAPADA DO ARARIPE. Instituto Chico Mendes, 2012. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/caatinga/unidades-de-conservacao-caatinga/2122-flona-ararape-apodi.html>. Acesso em 08 de jan de 2016.

PEIXOTO NETO, P. A. e CAETANO, L. C. **Plantas Medicinais do popular ao científico**. Maceió; EdUFAL, 2005.

PINHEIRO, A. F.C **ASSENTAMENTOS BARRA DO LEME E 24 DE ABRIL: Poder e Sustentabilidade**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, Ceará. 2004.

POLÍTICA NACIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf. Acesso em 15 de dez 2015.

POLÍTICA NACIONAL DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES NO SUS. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>. Acesso em: 15 de dez de 2015.

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NO SUS. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/PNEPS-2012.PDF>. Acesso em 15 de dez de 2015.

POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE DAS POPULAÇÕES DO CAMPO E DA FLORESTA. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacoes_campo.pdf. Acesso em 12 de jan d2 2016.

PORTO-GONCALVES, C. W. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. 16ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

QUIJANO, Aníbal. “Bien vivir”: entre el “desarrollo” y la des/colonialidad del poder. In: **Viento Sur**. 2012

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMIRES, J.C.L; PESSÔA, V.L.S. Pesquisa qualitativas: referências para a pesquisa em Geografia. In: MARAFON, G. J; RIBEIRO, M. A. *et.al.* **Pesquisa qualitativa em Geografia: Reflexões teórico –conceituais e aplicadas.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

RAVAGNANI, O. M. Subsídios para o estudo da medicina popular no Brasil. In: *Perspectivas*. 4:65-73. São Paulo, 1981.

RIBEIRO, DARCY. **O Povo Brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHAVELZON, Salvador. **Plurinacionalidad y Vivir Bien/Buen Vivir dos conceptos leídos desde Bolivia y Ecuador post-constituyentes.** Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2015

SANTOS, Milton. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record. 2001.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção - 4. ed.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fórum social mundial: manual de uso.** Madison, 2004.

_____. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** São Paulo: Boitempo, 2007.

SCHIMIT, C. J. Transição Agroecológica e desenvolvimento rural: um olhar a partir da experiência brasileira. In: SAUER, S.; B ALESTRO, M. V. **Agroecologia e os desafios da transição agroecológica.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SOUSA, Edson Luiz de. Entrevistar. In: FONSECA, M. G; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. **Pesquisar na diferença: Um abecedário.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

THOMPSON. E. P. **Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Vasconcelos, M. O. **Curas através do Orún: rituais terapêuticos no Llê Yemanjá Sabá Bassami.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Antropologia. Recife, 2006.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

ZULUAGA, Germán R. Para qué y como proteger el conocimiento tradicional? Una experiencia de diálogo intercultural desde la medicina moderna. In: BARROS, B.; GARCÉS, C. L. MOREIRA, E.; PINHEIRO, A.S.F. **Proteção aos conhecimentos das sociedades tradicionais.** Belém: Museu paraense Emílio Goeldi, 2006.

APÊNDICE

Apêndice - 01 – Roteiro de entrevistas – Trabalho de Campo

- Meizinheiras

1. Identificação

Nome	
Sexo	
Endereço	
Naturalidade	
Idade	
Profissão	
Estado Civil	
Quantidade de filhos	
Religião	

Sobre a residência / História de vida

1. Quantas pessoas moram na residência? Qual idade dos moradores?
2. Como é a composição da renda na família? Que tipo de atividades produtivas são realizadas?
3. Conte-me um pouco sobre a sua trajetória de vida. Onde foi criada? A Estudou até que série? Que tipo de trabalho desenvolveu?
4. Como surgiu o interesse de cultivar ervas medicinais?
5. Seus pais ou avós possuíam o mesmo interesse? Como eles produziam os remédios caseiros? Como era relação deles com os médicos?
6. Na infância e juventude como era a sua relação e das demais pessoas com o sistema de saúde? Existiam alternativas? Quais eram?

Uso de Plantas Medicinais.

7. Como vocês denominam essas práticas de saúde utilizando as plantas medicinais? Explique-me um pouco como a senhora utiliza no dia - dia? Como utilizou na sua trajetória de vida

8. O que significa mezinhas/ e ser uma mezinheiras?

9. Como aprendeu esses conhecimentos populares de cura? Há quanto tempo pratica?

10. Que plantas utilizam para manipulação dos remédios caseiros? Quais as que você cultiva e quais são compradas?

11. Quais produtos/ remédios são feitos destas plantas? Para que serve?

Identificação e difusão das práticas de medicina popular

12. Você vende esses produtos? Se sim, para onde? É rentável? Existem outras formas de circulação para além das vendas?

13. Quem são as pessoas que utilizam os remédios caseiros?

Cultura, Ambiente e Saúde.

14. Qual a importância da mata (Reserva florestal de Araripe) no tocante à saúde da comunidade?

15. Há interesse dos jovens sobre esse conhecimento? Existe um diálogo entre gerações sobre o tema? A senhora acha que eles valorizam esses saberes?

16. O que a senhora acha que poderia ser feito para integrar mais os jovens nesses conhecimentos?

17. As mulheres estão mais à frente nessa relação de cultivo/ uso de plantas medicinais e apropriação de conhecimentos sobre medicina popular? Se sim, por que isso ocorre?

18. Quais são as principais dificuldades para continuarem dando continuidade a essas práticas de cura?

19. Para você qual significado da prática do cultivo e uso das plantas medicinais? Cultivar e cuidar das plantinhas trazem benefícios?

Sobre o Sistema de saúde

20. A senhora utiliza remédios farmacêuticos? Vai ao médico, (posto, hospital) com frequência?

21. Como a senhora considera a relação paciente/ médico. E os atendimentos pelo SUS?

22. E o agente saúde da comunidade, quais as principais atividades realizada por eles?

23. Quais as principais dificuldades apresentadas?

24. Como poderia melhorar o sistema de saúde?

25. Faz entre os remédios naturais e os remédios de farmácia? Na comunidade algum deles tem mais importância, são usados paralelos?

26. Como a senhora considera o que seria estar saudável? O que seria saúde?

Lazer/ Identidade com o lugar/ Modo de vida

27. O que senhora/ as pessoas da comunidade gostam de fazer/ Lazer, diversão?

28. Você faz alguma associação entre as atividades de lazer / culturais com a saúde?

29. Qual a importância em se reunir, formar o grupo das Meizinheiras?

30. Como é morar na comunidade Chico Gomes? Quais são as principais características desta comunidade?

31. Nas atividades do cotidiano, o que a senhora mais gosta de fazer?

32. Existe uma relação entre a religiosidade, a fé das pessoas, e o uso das plantas?

32. Na comunidade existem pessoas consideradas curandeiras? Rezadeiras? Existe uma procura por elas?

33. A Como considera o interesse/ a procura das pessoas pelos remédios naturais?

- **Agente de saúde da comunidade Chico Gomes**

- 1º- Há quanto tempo você presta serviço nesta comunidade?
- 2º- Quais as principais atividades realizadas? Qual é o perfil das pessoas que você atende?
- 3º- Quais são as demandas básicas/ prioridades da comunidade? Quais são as principais dificuldades que você visualiza aqui.
- 4º- Como é a relação da comunidade com o sistema de saúde?
- 5º - Você conhece as práticas de mezinhas realizadas na comunidade? Se sim, como você as considera?
- 6º - Como você acha que poderia haver uma melhor interação entre o sistema de saúde e as práticas de mezinhas?
- 7º - Quais são as ações do sistema de saúde que você considera que seria importante para comunidade?
- 8º - Como você imagina/ me descreveria como seria um projeto popular de saúde?

- **Jovens da comunidade**

- 1º - Quais são suas principais atividades? Há alguma cultural?
- 2º - Como você vê a comunidade que mora? Elenque as principais potencialidades e dificuldades de se viver na comunidade Chico Gomes.
- 3º - Como você visualiza futuro? Quais são projetos futuros?
- 4º - Qual é a sua relação com a mata/ a natureza local. Para você ela possui alguma importância e por quê?
- 5º - Relate um pouco sobre as práticas tradicionais locais. Você as considera importante?
- 6º- Sobre as práticas das Mezinheiras, qual a sua opinião? Você tem interesse sobre essas práticas? E os demais jovens?
- 7º - Você acredita nessas práticas populares de saúde? Por quê?
- 8º - O que você acha que deveria ser feito para ser preservada e fortalecida essas práticas?

9º - Qual a sua opinião sobre o sistema de saúde e farmacêutico atual?

10º - Como é a sua relação com o sistema de ensino local? Como ele é estruturado? Há um diálogo com a cultura e os conhecimentos populares de saúde e culturais da região?

11º - Como você imagina/ me descreveria como seria um projeto popular de saúde para região?

- **Para os vendedores do Mercado do Crato**

1º - Há quanto tempo trabalha no mercado?

2º - Quais são suas principais ervas? Finalidades. Como é a demanda?

3º - De onde/ Qual é a origem dessas ervas?

4º - Geralmente quem são as pessoas que procura? Perfil dos consumidores...

5º - Tem conhecimento das práticas de mezinhas/ meizinheiras?

6º - Você faz uso dessas ervas?

- **Entrevista com integrantes da Cáritas**

1. Como surgiu a proposta de construir o grupo Meizinheiras do pé da serra? Como é a parceria com a Cáritas? Existe apoio de outra instituição?

2. Para você qual a importância da formação deste grupo para os integrantes, para comunidade e para região? Há diálogo com outros grupos do Crato?

3. Quais as principais dificuldades e potencialidades existentes?

4. Como é o diálogo com os jovens? Diálogo com as demais pessoas da comunidade?

5. Quais as principais atividades que já foram realizadas pelo grupo?

6. Quais são as atividades futuras previstas? Como pretendem dar continuidade?

7. O que você considera que aprendeu na inserção deste grupo?

8. Você considera essas práticas uma cultura e patrimônio local? Por quê?

9. Por que a maioria são mulheres? Como é a participação masculina?

Mais alguma consideração?

Apêndice – 02 – Glossário

- 1- Banhos – são feitos mergulhando cascas e raízes em uma quantidade de água quente ou fria e deixando o preparo “descansar” em um período que varia de um minuto a uma semana. Então, essa quantidade de água é despejada sobre o corpo.
- 2- Benzeção – Ato de invocar a graça divina através de rezas. Benzer uma pessoa é o ato de rezar por ela, pedindo que dela se afastem todos os males ou mal específico, seja espiritual ou físico.
- 3- Garrafada – Consiste uma bebida engarrafada que mistura propriedades vegetais, animais e minerais, com poder curativo, tendo como veículo água, vinho ou cachaça. As plantas são usadas em maior proporção que os elementos minerais e animais, sendo aproveitados os frutos, folhas, cascas, raízes e flores, verdes ou secos.
- 4- Infusão – É um processo de imersão de uma substância aromática/ ervas em água quente ou a ferver.
- 5- Lambedores- são formados pela mistura de folhas de diferentes plantas mais açúcar ou mel. As formas de preparo do lambedor variam, no entanto, o uso está associado a cura de doenças do sistema respiratório.
- 6- Mezinhas – Remédios caseiros/ Receitas de remédios provenientes de plantas medicinais.
- 7- Mezinheiras – Pessoa que é conhecedora e/ ou aplica mezinhas
- 8- Unguento – medicamento de uso externo à base de gordura; unto, untura.

Anexo

Anexo 01 – Notícias sobre as Mezinheiras

The screenshot shows the homepage of the website 'Cartografia Cultural do Crato'. The background is a light blue sky with soft, white clouds. At the top right, there is a small black box with the text 'Crie um site no WIX'. The main title 'CARTOGRAFIA CULTURAL DO CRATO' is centered at the top in a large, white, sans-serif font, with a location pin icon to its right. Below the title is a navigation menu with links: 'Início', 'Bó no Crato mesmo!', 'Crato - Território Criativo', 'Por que cartografar a Cultura?', 'Cartografia Colaborativa - o método', and 'More'. A prominent blue button with white text says 'Vem fazer parte da Cartografia!'. The main content area is divided into two columns. The left column features a dark grey box with white text for an article titled 'As Mezinheiras do sopé da Chapada'. The right column contains 'Featured Posts' and 'Recent Posts' sections, each with a small image and text for a post.

CARTOGRAFIA CULTURAL DO CRATO

Início Bó no Crato mesmo! Crato - Território Criativo Por que cartografar a Cultura? Cartografia Colaborativa - o método More

Vem fazer parte da Cartografia!

As Mezinheiras do sopé da Chapada

No Crato, se você procurar, ainda vai achar aquelas mulheres devotas a descobrir as qualidades de ervas, frutos, cascas e sementes para a cura de doenças do corpo e da alma.

Vindo de seus ancestrais, esse conhecimento é fruto de um cotidiano de diálogo constante com a Natureza. Para ser mezinheira é preciso conhecer do solo, da influência da lua, da hora propícia, do tempo certo. É preciso conhecer de planta e de gente!

Essas mulheres insistem em manter vivo um conhecimento acerca da biodiversidade da chapada que vai para além de um compromisso filial, mas que também vem da certeza de que "a Natureza é como uma mãe: alimento do corpo e da alma!" no dizer de Dona Iraci da comunidade do Chico Gomes, aqui no Crato. Para elas as plantas são como uma mãe: dão nutrição, acalmam e dão abrigo.

É exatamente a essa visão de mundo que precisamos nos curvar enquanto sociedade. Nesse tempo onde o normal é rotificar a vida, o acesso e a apreensão a esse tipo de conhecimento nos lembra que somos parte de delicada teia - a teia da Vida.

Eucálio, pepa-conha, jatobá, angico, mburana, muçambê, imbiriba, alecrim, amuda, macho, hortelã e menta. Conhece? Sabe pra que serve? Elas sabem! Sabem como, quando e quanto tomar! É a ciência, a academia assevera, com atraso considerável, o que é sabido desde os primeiros habitantes destas terras.

Pois é, aqui no Crato ainda tem disso! Mas que garantia temos de que nossos netos vão se curar duma gripe sem precisar colocar o pé numa farmácia? É por isso que a Cartografia Cultural do Crato, projeto executado pela secretaria de Cultura do Crato e a Universidade Regional do Cariri, dedica um espaço especial para o mapeamento destas práticas para criar bases para a criação de marcos legais no âmbito da Educação e do Patrimônio Imaterial.

É urgente, necessário e inadiável!

[Saiba mais](#)

Featured Posts

 PADRE AGIO AUGUSTO MOREIRA, O CONSTRUTOR DE GENTE.
November 12, 2014

Recent Posts

 O Galdeirão Vivo
June 8, 2015

 Mestre Galvão - o mestre de las maças
April 30, 2015

 As Mezinheiras do Sopé da Chapada
April 2015 (1)

 O Centro de Memória Cruz do Deserto
February 11, 2015

 Espaço Cultural do Araripe

No Semiárido, famílias agricultoras cuidam da saúde considerando cultura popular

02 de julho de 2015



Existem cerca de 29,9 milhões de pessoas vivendo na área rural do Brasil. Apesar de representarem cerca de 15% da população do País, Os povos do campo lutam contra limitações de acesso aos serviços básicos de saúde, como a distância para chegar aos postos de atendimento, ausência de médicos especializados, exames, medicamentos, falta de saneamento e a presença de agrotóxicos. Mesmo com os desafios no acesso à medicina convencional, as famílias do campo buscam os serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) e têm também como aliada a medicina tradicional. Em suas propriedades e quintais mantêm viva a tradição de cultivar plantas medicinais. De geração em geração são as mulheres camponesas as guardiãs do poder de curar pela fé e pelo conhecimento da diversidade de plantas presentes no Semiárido.

Ação de Solidariedade aos Migrantes e Refugiados/as



Campanha Mundial



uma família humana,
pão e justiça para todas as pessoas



Redes Sociais



Cáritas Notícias

Cadastre-se e receba por e-mail nossos informativos.



CARIRI REGIONAL

ÚLTIMA HORA **POLÍCIA** - Em janeiro, assassinatos no Ceará caíram 25,3% em comparação com mesmo período de 2015

MEZINHEIRAS DO PÉ DA SERRA

O saber milenar repassado através das gerações

No chá de sete-ervas, para curar a gripe forte, são utilizadas plantas como espinho-de-cebola, jatobá e romã



00:00 - 04.01.2015



As ervas estão no terreno de casa ou em locais de fácil acesso, e podem ser utilizadas para fabricar diversos tipos de remédios caseiros. Fotos: Elizângela Santos. A ideia de reunir os grupos foi também um resgate dessa atividade, que representa um conhecimento ancestral e responsável por salvar vidas, mas que, aos poucos, tem sido esquecida pelos mais jovens.

Crato. Um saber milenar, repassado através das gerações, está sendo trabalhado em grupo no Crato, como forma de compartilhar experiências relacionadas à produção de remédios caseiros. As mulheres de diversas comunidades do sopé de serra do Araripe participam do projeto Mezinheiras do Pé da Serra.

Com elaboração de um filme e uma cartilha, além das atividades em grupo, foram registrados depoimentos das mulheres. O trabalho teve a sua culminância na sede do Geopark Araripe, projeto parceiro da Cáritas Diocesana de Crato no desenvolvimento das atividades, em dezembro.

O conhecimento é ancestral e tem sido

Colunas

SA **Satélite - Cariri**

Edição Digital





Mulheres do Cariri mantêm tradição milenar da cura com plantas

MAIS INFORMAÇÕES

Tweeter

G+ 1

Curtir

347



Anexo 02- Cartilha e DVD produzido pela Cáritas sobre as Meizinheiras



Anexo 03 – Fotos da Pesquisa



Plantas Medicinais.



Mercado Crato.



Cascas de Aroeira. – Dona Penha



Quintal de Dona Iraci.



Vista do quintal de Dona Rina



Flor – jardim Dona Auxiliadora.